

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

JESSICA FERNANDA MATIAS

**HISTERIA MASCULINA:
CONSIDERAÇÕES SOBRE OS IMPASSES PARA O HOMEM
HISTÓRICO NA ASSUNÇÃO DA POSIÇÃO SEXUAL**

Belo Horizonte

2019

Jessica Fernanda Matias

**Histeria masculina: considerações sobre os impasses para o homem
histórico na assunção da posição sexual**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientador: Prof. Dr. Oswaldo França Neto

Belo Horizonte

2019

150 M433h 2019	<p>Matias, Jessica Fernanda</p> <p>Histeria masculina [manuscrito] : considerações sobre os impasses para o homem histérico na assunção da posição sexual / Jessica Fernanda Matias. - 2019.</p> <p>120 f.</p> <p>Orientador: Oswaldo França Neto.</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia</p> <p>1.Psicologia – Teses. 2.Histeria – Teses. 3.Édipo, Complexo de – Teses. 4.Masculinidade - Teses. 5. Castração - Teses. I. França Neto, Oswaldo. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
----------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Histeria masculina: considerações sobre os impasses para o homem histórico na assunção da posição sexual

JESSICA FERNANDA MATIAS

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração ESTUDOS PSICANALÍTICOS, linha de pesquisa Conceitos Fund. Psicanálise Invest. Campo Clínico e Cultural.

Aprovada em 21 de fevereiro de 2019, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a) Oswaldo Franca Neto - Orientador
UFMG

Prof(a) Jacqueline de Oliveira Moreira
PUC Minas

Prof(a) Marcia Maria Rosa Vieira Luchina
UFMG

Belo Horizonte, 21 de fevereiro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Aos que participaram, aos que contribuíram e aos que me incentivaram nessa jornada, fica expressa aqui minha gratidão. Especialmente:

Agradeço ao orientador Oswaldo França Neto por ter acolhido o projeto. E também aos demais professores do programa de pós-graduação em psicologia da UFMG.

Aos colegas de turma do mestrado. Especialmente, à Dani Pimentel, por sempre lembrar e partilhar os materiais referentes ao meu tema – fico grata por esse encontro e todas as trocas que tivemos.

À Márcia Rosa, pelas contribuições desde a banca de qualificação e agora na banca de defesa. Também agradeço à Jacqueline de Oliveira Moreira pela prontidão em aceitar o convite para leitura do meu trabalho.

Ao CNPq pelo apoio financeiro, sem o qual eu não poderia me dedicar a este trabalho.

À Silvia pela leitura e correções.

À Cristina, por sua escuta cuidadosa e sua presença fundamental.

Agradeço ao meu amigo, companheiro e Amor; Caio, por sua paciência, parceria e cumplicidade nessa e em todas as jornadas da vida. Obrigada por me incentivar a aproveitar os “morangos” durante essa caminhada difícil. Você é o melhor deles!

Por fim, a Deus, ao Universo, à Vida, à força maior que nos criou e que foi criativo nessa tarefa. Agradeço pela coragem que me foi dada para questionar as realidades que me cercam; que eu continue tendo coragem para modificá-las.

RESUMO

Matias, J. F. (2019). *Histeria masculina: considerações sobre os impasses para o homem histérico na assunção da posição sexual*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar os impasses para o homem histérico, no que se refere à assunção da posição sexual masculina. Consideramos, para isso, o percurso no complexo de Édipo e a relação com a castração, por meio do que o sujeito assume posições psíquicas para o estabelecimento da sexualidade e é também dos percalços desse processo que resulta a neurose. Inicialmente, buscamos considerar a importância de alguns aspectos que subsidiam a relação do homem com o que é próprio da sexualidade masculina e que o possibilite transitar por meio daquilo que é particular em sua identidade sexual. Em seguida, o rastreamento nos textos de Freud e Lacan que tratam da temática, sobretudo dos casos discutidos pelos autores, permitiu delimitar e identificar particularidades a respeito da chamada histeria masculina que designa, conforme empregado pelo referidos autores, a posição histórica em homens, anatomicamente falando. Entendemos que a implicação na simbolização da castração e os efeitos disso na realização simbólica, assinalam para o homem histérico uma problemática diante da qual se impõe a necessidade de assegurar o que lhe escapa. Com isso, o histérico toma o caminho do amor ao pai, na crença dessa potência que teria sido capaz de dar conta do irrepresentável do qual o sujeito se vê frente à imagem que a privação da mãe lhe impõe e da angústia que o desejo desta o submete. Portanto, a dificuldade em renunciar a identificação com o falo materno, as implicações na transmissão do falo simbólico, bem como a sustentação do amor ao pai, são os aspectos que dimensionam os traços de feminização presentes nos homens que encontram saída em uma posição histórica.

Palavras-chave: Histeria masculina; masculinidade; posição sexual; Complexo de Édipo; Castração.

ABSTRACT

Matias, J. F. (2019). *Male hysteria: considerations about the impasses for the hysterical man in the access of sexual position*. Master's Dissertation, Psychology's Department, Federal University of Minas Gerais, Belo Horizonte.

This research aims to investigate the impasses for the hysterical man, regarding the access of male sexual position. For this, we consider the course in the Oedipus complex and the relation with castration, whereby the subject assumes psychic positions for the establishment of sexuality, and it is also the mishaps of this process that results in neurosis. Initially, we sought to consider the importance of some aspects that subsidize the relation of man to what is characteristic of male sexuality and that enables him to transit through what is particular in his sexual identity. Then, the route in the texts of Freud and Lacan that deal with the subject, especially of the cases discussed by the authors, gave subsidies to delimit and identify particularities about the so-called masculine hysteria that designates, as employed by said authors, the hysterical position in men, anatomically speaking. We understand that the implication in the symbolization of castration and the effects of this in symbolic fulfillment signify, for hysterical man, a problematic before which the necessity of securing what escapes him is imposed. Thus the hysteric takes the path of love to his father, in the belief of this power that would have been able to account for the unrepresentable of which the subject is faced with the image that the deprivation of the mother imposes on him and the anguish that her desire subject him. Therefore, the difficulty in renouncing identification with the maternal phallus, the implications in the transmission of the symbolic phallus, as well as the support of the love of the father, are the aspects that dimension the traits of feminization present in the men who find exit in a hysterical position.

Keywords: Male hysteria; masculinity; sexual position; Oedipus complex; Castration.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A SEXUAÇÃO MASCULINA: “O ÉDIPO PRODUZ O HOMEM”	19
2.1 Masculino, feminino e algumas vicissitudes da sexualidade	20
2.2 A representação da masculinidade e o mito viril nos complexos subjetivos	26
2.3 O complexo edipiano e assunção da sexualidade masculina	30
2.3.1 <i>Ele não é sem tê-lo</i>	30
2.3.2 <i>A virilidade consagrada pela castração</i>	33
2.3.3 <i>As identificações</i>	36
3 A HISTERIA MASCULINA NO PERCURSO TEÓRICO DA PSICANÁLISE	41
3.1 Breve contextualização da histeria masculina	41
3.1.1 <i>Da Antiguidade ao século XVIII</i>	41
3.1.2 <i>Charcot e a histeria traumática</i>	45
3.1.3 <i>“Sobre a histeria masculina”</i> : as formulações pré-psicanalíticas de Freud	47
3.2 A organização psíquica da histeria e os homens histéricos em Freud	52
3.2.1 <i>A histeria de angústia: o caso Hans</i>	58
3.2.2 <i>A neurose demoníaca de Haizmann e a epilepsia de Dostoiévski</i>	62
3.3 A histeria em Lacan e a causalidade significante	69
3.3.1 <i>A questão histórica e o condutor de bonde</i>	70
3.3.2 <i>O traumático e o desejo: algumas considerações sobre Hans e Hamlet</i>	74
4 DOS IMPASSES NA ASSUNÇÃO DA POSIÇÃO SEXUAL PELO HOMEM HISTÉRICO	83
4.1 Uma renúncia não decidida	83
4.2 O amor ao pai e a fantasia de feminização	87
4.3 As implicações na relação com o falo simbólico	92
4.4 Algumas articulações possíveis: da relação com o falo, desejo e a fantasia	97
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a histeria, a qual passou por diferentes interpretações de acordo com a época e com valores vigentes. Dentre os estigmas que carregou, está o que tange à etimologia da própria palavra *hyster*, que significa “útero”. Esta marca admitiu, por muito tempo, que o diagnóstico e a atenção fossem dirigidos somente às mulheres. Assim, a questão que nos impele retoma do percurso histórico a necessidade de se desvencilhar a histeria do que se refere, exclusivamente, ao corpo da mulher. Mais precisamente, promove a urgência em discutir as implicações de sua incidência sobre os homens.

O reconhecimento da histeria em homens não se faz, até os dias de hoje, sem resistências e reservas. Freud (1886/1996b), desde o início de seus trabalhos, demonstrou sensibilidade em questionar o motivo da insistência dessa oposição mesmo diante da superação da relação da histeria com o útero. Segundo alguns autores, a motivação está na associação do diagnóstico com a patologização das reações emocionais atribuídas às mulheres, sendo muito utilizado como meio de desmerecer transtornos reais. Historicamente, Silva e Ceccarelli (2016) relacionam essa resistência, para além dos preconceitos e estigmas, a um fator social: a histeria em mulheres despertava um interesse maior em ser apontada e estudada pois indicava uma perturbação no ideal de feminilidade burguesa, enquanto a histeria em homens predominava nos setores mais precários e que pouco ameaçavam a ordem social, ou seja, acometia aqueles que não tinham expressão nem direitos para o ordenamento social, que não representavam e nem sustentavam o semblante civilizatório. Veremos que esse cenário sofre transformação quando a histeria é evidenciada na realidade de outra classe, a dos operários, dos trabalhadores, a partir do que ficou conhecida como a histeria traumática. É nesse âmbito que ganha destaque a discussão sobre a histeria masculina.

Aqui, cabe salientarmos algumas questões referentes ao uso do termo “histeria masculina”. O emprego desta expressão, que aparece já no percurso histórico que propõe Trillat (1991), apresenta-se, tanto em textos de Freud quanto de Lacan, como meio de reforçar que a histeria não é exclusividade das mulheres, sugerindo, algumas vezes, certas peculiaridades do quadro clínico na incidência em homens, anatomicamente falando. Todavia, a expressão poderia mostra-se arbitrária, considerando o movimento próprio da histeria em tentar se fiar aos recursos fálcos para lidar com a dimensão do feminino. Em outra perspectiva, Nasio (1991), além de não considerar a existência de uma histeria em homens diferente do que seria a histeria na mulher, diz que “a expressão ‘histeria masculina’ é, em si mesma, uma contradição, pois o substantivo histeria significa incerteza sexual (nem homem,

nem mulher), enquanto o adjetivo masculino, ao contrário, é decisivo e faz uma escolha onde a escolha se revela impossível” (p. 66). De todo modo, para nossas conjecturas, o termo também implica uma controvérsia expressa pelo impasse vivenciado pelo homem histérico, o qual pretendemos aqui abordar. Por este motivo, ainda que utilizemos o termo “histeria masculina” para situar o percurso histórico da questão, nesta pesquisa daremos preferência, conforme sugere M. Rosa (comunicação pessoal, 07 de julho de 2018), para o uso da expressão “homens histéricos” e/ou “histeria em homens”.¹

Tais pontuações abrem caminho para situarmos o problema desta investigação. Freud afirma que a histeria é um efeito da defrontação do sujeito com as questões e os conflitos da sexualidade. Também Lacan (1955-56/2002) associa a histeria à problemática do caráter simbólico da realização da sexualidade, atribuindo à esta neurose a questão estrutural “o que é uma mulher”, desdobrando interrogações a respeito da fundamentação da sexualidade, tais como: “como se pode ser macho ou ser fêmea?” (p. 283), “O que é ter o sexo que eu tenho? O que quer dizer ter um sexo? O que quer dizer que eu possa mesmo me formular essa questão?” (Lacan, 1956/1995, p. 403). As consequências disto denotam um impasse preciso em relação à sexualidade a que o sujeito se ocupará em dar uma resposta. Nesse sentido,

A neurose histérica e a neurose obsessiva pressupõem em sua estrutura os termos sem os quais o sujeito não pode ter acesso à noção, na primeira, de sua facticidade em relação a seu sexo e, na segunda, de sua existência. À qual uma e outra dessas estruturas constitui uma espécie de resposta. Respostas decerto submetida à condição de se concretizarem numa conduta do sujeito que é a pantomima delas, mas que não têm menos direito à qualidade de "pensamento formado e articulado" que Freud outorga àquelas formações mais curtas do inconsciente que são o sintoma, o sonho e o lapso. (Lacan, 1956/1998b, p. 452)

Estas proposições foram desdobradas por outros autores, como o referido Nasio (1991) o qual considera que “o histérico é histérico por não ter conseguido tornar seu o sexo de seu corpo” (p. 123), localizando a problemática da histeria, precisamente, na impossibilidade do sujeito assumir psiquicamente um sexo definido e como isso lhe impõe sofrimentos.

Muitos trabalhos sobre a histeria, tal como o próprio percurso de Freud e Lacan, evidenciam os atravessamentos, a partir dessa posição subjetiva, para a experiência da feminilidade, ressaltando as dificuldades para a mulher histérica em realizar a sexualidade feminina, tal como poderia, por ter como saída a identificação fálica. Conforme Safatle (2016), “há um problema ligado à assunção da feminilidade que assombra a histeria” (p.381).

¹ Outro termo associado à histeria em homens é “histeria de angústia”, utilizado por Freud, inicialmente, para diferenciar um modo de apresentação da histeria, conforme veremos no segundo capítulo, mas que autores como Barroca e Felix (2010) entendem como preferível por especificar a situação do homem nesta afecção.

Com isso, “é impossível à histórica lidar com os desafios próprios a toda e qualquer mulher que se sustenta na posição feminina.” (Safatle, 2016, p. 381). Mas, quais seriam os desdobramentos da dinâmica subjetiva da histeria para o homem, ou seja, para o sujeito que, ao se fazer existir o faz a partir da percepção de si próprio enquanto portador dos caracteres biológicos e sociais da masculinidade? Seria a histeria uma peculiaridade que se impõe à experiência do homem com a condição masculina?

Instigada por tais proposições e por importantes comentários, sobretudo, de Freud (1905/1996l; 1905/1996m) a respeito da histeria masculina em relação ao que ele chamou de inversão, esta pesquisa tem como objetivo investigar as possíveis implicações da organização subjetiva da histeria para o homem, no que se refere a assunção da posição sexual. Isso considerando os efeitos do trajeto particular do histórico no complexo de Édipo e a relação com a castração, o que nos exigiu percorrer, no primeiro capítulo, as elaborações sobre as questões referentes à sexualidade, especialmente, à sexualidade masculina. Consideramos, então, que o processo de sexuação pressupõe, em sua origem, uma sexualidade perverso-polimorfa que se estende até a construção de uma identidade sexuada, tendo atravessado os desafios próprios do complexo de castração, por meio do que o sujeito assume uma posição subjetiva. Logo, é intrínseca a discussão sobre as formas de apresentação da função paterna e sua operação nos processos subjetivos, demarcando a questão da virilidade e da masculinidade no campo da psicanálise.

Nesta articulação, buscamos considerar a importância de alguns aspectos que subsidiam a relação do homem com o que é próprio da sexualidade masculina e que permite afirmar, segundo Soler (2005), que o “Édipo produz o homem” (p. 17). Sendo assim, a leitura que propomos do complexo de Édipo inclui pensá-lo, em sua função normativa, não como um processo que determine uma identidade sexual ideal, ou mesmo fixa, mas como uma possibilidade que, diante dos percalços, promovem a sexualidade para o sujeito. As formulações de Freud e a retomada de Lacan permitem delinear a trajetória na constituição psíquica da sexualidade, já o trabalho de Ambra (2013) nos possibilitou entrever o contexto em que as teorias são formuladas.

Se Lacan (1957-58/1999) imputou ao Édipo a função da virilidade e da feminização, também atribuiu à neurose, segundo Millot (1989), o resultado “de uma falha do Édipo, remontável, segundo os casos, às diferentes etapas que o constituem, correspondendo aos diferentes registros da função paterna.” (p. 49). Para articular os pontos que tangenciam o Édipo no que concerne aos efeitos da neurose e ao processo de sexuação, o segundo capítulo deste trabalho refere-se ao rastreamento da histeria em homens, iniciando por um percurso

histórico, desde a Antiguidade, até as elaborações do material teórico-clínico de Freud e do primeiro ensino de Lacan. Realizamos este rastreamento por meio de consultas aos textos dos autores, auxiliados por trabalhos como os de Bruno (1986; 1997), com intuito de extrair as principais referências à respeito da histeria masculina, bem como de destacar os elementos a partir dos casos de homens em que os psicanalistas pontuam algo da histeria.

De acordo com Bruno (1986), na clínica freudiana a histeria masculina seria uma questão clássica se não fosse pela ausência de um caso paradigmático, ou seja, uma situação clínica incontestável, e a relativa marginalidade de sua abordagem na literatura analítica. Os comentários e considerações sobre o quadro histórico em homens não decorrem, diretamente, de uma situação clínica. Por exemplo, mesmo no caso Hans, a maioria das interpretações procede de relatos e anotações feitas pelo pai do garoto que, interessado pela psicanálise, as entregou a Freud, uma vez que este último só conversou com o garoto uma vez. Em outros textos referentes aos casos de homens em que encontramos a relação com a histeria, tal como “Uma neurose demoníaca do século XVII” (1923), que resulta de uma análise documental, e “Dostoiévski e o parricídio” (1928), Freud assinala as limitações de suas interpretações, considerando o material com o qual ele constrói as próprias associações.

Para Bruno (1986), o ensino de Lacan sobre o homem histórico é ainda mais difícil de ser avaliado, uma vez que Lacan resiste em interpretar o quadro como um tipo clínico que Freud deixara inacabado, ou insuficientemente fundado. O que justifica tal observação é o fato de que o esforço do psicanalista francês não se limitou a estabelecer um diagnóstico e justificá-lo, mas busca elucidar a histeria em relação ao ato, à transferência, à ciência e ao discurso. Ainda assim, encontramos subsídios para nossa discussão, sobretudo no Seminário 3, *As psicoses*, em que Lacan trata a questão da histeria a partir de uma causalidade significativa e das peculiaridades no acesso ao recurso simbólico do falo. Para isso, comenta um caso de histeria masculina, contrapondo-o às questões que se colocam na psicose.

A retomada desses casos não paradigmáticos nesta pesquisa implica, não apenas uma questão epistemológica sobre o tema, mas, também, uma questão que nos leva a pensar o uso de tais casos, ainda que indiretamente, enquanto recurso para a investigação. Vorcaro (2010) pontua que o essencial na abordagem de um caso, ou de uma experiência clínica, na pesquisa em psicanálise é, justamente, “a função de exponenciar o saber adquirido com os ensinamentos do caso, tornando-o capaz de interrogar, reformular, distinguir ou ultrapassar o que já foi explicitado pela generalização teórica psicanalítica” (p. 13). Assim, os casos que recortamos do percurso teórico da literatura psicanalítica são tomados como fomento à

discussão da pesquisa e não como exemplos, ou seja, com função ilustrativa que, muitas vezes, cabe ao paradigma (Vorcaro, 2010).

No que tange à questão epistemológica, além de indicar alguma singularidade da incidência da histeria em homens que impede tomar por paradigmático os clássicos de histeria em mulheres da literatura analítica, esta parece articular-se a um aspecto importante que permeia o contexto de discussão da chamada histeria masculina, a saber, a dificuldade com a precisão do diagnóstico. Apesar deste trabalho não abordar a aproximação e a distinção entre histeria e psicose, consideramos pertinente pontuar essa problemática, a qual gera muitas controvérsias nos diagnósticos dos casos sobre os quais nos detemos no rastreamento do segundo capítulo. Goya (2017), a partir do texto “¿Existe la histeria masculina?”, contesta a existência da histeria em homens considerando a evidência das chamadas psicoses ordinárias. Já o texto de Menard (2015), intitulado “Da histeria masculina ao ‘empuxo-à-mulher’ da psicose”, enfatiza a necessidade de estarmos atentos ao caráter proteiforme da histeria para a precisão de um diagnóstico, “ao risco de uma extensão abusiva do conceito de psicose ordinária para mascarar nossas incertezas” (p. 1). Com suas articulações, o autor revela o quanto é fundamental o cuidado para não cronificar o quadro da histeria.²

Certamente, o que está em questão demanda uma investigação muito mais profunda, mas o que queremos destacar é que o tema da pesquisa emerge também neste contexto, reafirmando a importância de um horizonte dado pelo diagnóstico, que não implica uma austeridade classificatória, mas considera a relevância da avaliação clínica, apontada por Miller (1987/1997), em *Discurso do método psicanalítico*, como o que possibilita a elaboração de estratégias na direção no tratamento. De tal modo, visto que esta pesquisa situa-se no que Miller (1979/2002) designa como o primeiro momento do ensino de Lacan, marcado pelo estruturalismo e pela hegemonia do simbólico, que direcionou a releitura dos textos de Freud e a interpretação da trama edípica, a dinâmica do falo no complexo de Édipo e de castração é o meio pelo qual se dá a estruturação da subjetividade, e o Nome-do-Pai se torna critério na disciplina do diagnóstico diferencial.

Segundo as considerações do texto de Menard (2015), a confusão que se coloca no diagnóstico da histeria com relação à psicose tangencia um ponto de interesse desta pesquisa: a relação com o feminino, que na neurose histérica retorna para o sujeito como uma pergunta,

² Por “psicose ordinária”, compreende-se o termo proposto por Miller (2012) que caracteriza as psicoses não delirantes, que se apresentam sem grandes fenômenos produtivos, apesar de certos danos no campo do afeto. Assim, o quadro não evidencia um ponto de desencadeamento, mas indica alguns elementos característicos da psicose.

enquanto na psicose surge mais como resposta. Isso porque a histeria designa uma resistência à posição feminina, implicando o feminino e a mulher como uma questão, como objeto enigmático. Portanto, resulta do modo como o sujeito organiza-se simbolicamente frente à falta no Outro, movimentando-se em defesa ao que escapa à significação, fixando-se em construções sintomáticas para obturar possíveis faltas e não se perder em meio a uma intensidade pulsional desmedida. Para isso, mantém como mecanismo de defesa o recalque (*Verdrangung*), que pode, ou não, diante das situações perturbadoras, tornar-se pouco eficaz como modo de defesa. Logo, a relação com a sexualidade, a qual pressupõe os efeitos da lei de significação, apresenta problemáticas distintas na histeria e na psicose.

Tomar a histeria enquanto uma estrutura subjetiva no campo das neuroses facilita a abordagem do problema, na medida em que se relaciona com o registro do desejo e sua satisfação na fantasia, implicando, também, a relação com o falo. Desse modo, para concluir, entramos nas discussões referentes ao terceiro capítulo, no qual articulamos os aspectos destacados a respeito da histeria em homens com o que se refere ao trajeto na assunção de sua posição sexual masculina. Veremos que a tentativa de elidir a castração, concomitante ao modo como opera o pai real, tem como efeito uma solução embaraçosa para o sujeito; o amor ao pai, ou seja, a inversão do Complexo de Édipo. Com isso, temos os impasses na transmissão do falo simbólico e a posição que adota o homem histérico em relação ao falo imaginário, como aspectos que também dimensionam os atravessamentos na integração da sexualidade.

2 A SEXUAÇÃO MASCULINA: “O ÉDIPO PRODUZ O HOMEM”

A sexualidade pressupõe uma porção de vicissitudes, que se complexificam nas tensões entre corpo e mente, natural e cultural, etc. Por isso, para pensarmos a constituição da sexualidade masculina, faz-se necessário pontuar e delimitar algumas peculiaridades, bem como situar o lugar a partir do qual falamos, para não nos perdemos em uma ampla construção teórica e de representações, dadas pelo imaginário social ao longo dos séculos e dos diferentes povos, sobre o que é o masculino, a masculinidade e também a virilidade. Iremos, portanto, restringir um pouco desse emaranhado de especificações, esclarecendo que aqui nos interessa apreender tais questões tendo como base a psicanálise a partir de Freud e sua retomada por Lacan.

A teoria psicanalítica emerge em um contexto em que o falocentrismo vigorava com preeminência, fazendo com que a sexualidade masculina se estabelecesse como uma espécie de norma. Tais questões foram sendo esclarecidas, sobretudo, no desenvolver da teoria lacaniana, mas já assinalavam, mesmo no recorte teórico no qual nos deteremos, as dissimetrias no percurso dos sujeitos para se situarem em uma ou outra posição sexuada. Todavia, a complexidade da sexualidade feminina, especialmente, da assunção da feminilidade, teve como efeito um dispêndio maior para determinar as questões referentes à sexualidade das mulheres, pois, segundo Freud (1905/1996m), esta indicava uma impenetrável obscuridade.

Desse modo, Ceccarelli (2013) adverte sobre o pouco que se explora a respeito da sexualidade do homem, “como se o fato de possuir um pênis constituísse em si uma garantia, espécie de salvo-conduto” (p. 4), como se fosse inerente para o homem estar em ou aceder a uma posição masculina e viril. Certamente, não se trata de uma equivalência, como se pudesse concluir que é tão difícil se tornar mulher quanto homem (Mendlowicz, 1995). No entanto, falar de homem e de masculinidade não exclui nem a questão do feminino nem a noção de bissexualidade psíquica, tal como Freud buscou desenvolver ao longo de sua obra, revelando a importância de considerarmos as complexidades e as imprevisibilidades inerentes à subjetivação de cada sexualidade.

Nesse sentido, não se sustenta a concepção de um percurso da constituição subjetiva masculina totalmente assegurada, mesmo para o homem, anatomicamente falando, pois a presença do pênis não garante vitória sobre o fantasma da castração. E é nesse sentido que a relação da histeria com a sexualidade do homem nos instiga a pensar. Antes, porém, vamos

pontuar algumas questões e aspectos referentes à sexualidade, bem como vislumbrar o trajeto edipiano que pode levar o menino a assumir uma posição sexual masculina.

2.1 Masculino, feminino e algumas vicissitudes da sexualidade

À medida que Freud e, especialmente, Lacan, avançam em suas construções sobre a constituição sexual, as concepções de homem e mulher, masculino e feminino, bem como masculinidade e feminilidade, distanciam-se cada vez mais de uma fundamentação biológica, anatômica ou mesmo social. Desse modo, segundo Freud (1933 [1932]/1996y), a psicanálise tende a não se ocupar na descrição do que é uma mulher, e podemos pensar também um homem, por estar mais empenhada em indagar como ela/ele se forma, tendo em conta o dado da bissexualidade.

No que se refere à bissexualidade, esta aparece na teoria de forma enigmática e complexa, evidenciando diferentes delimitações do que Freud apreendia sobre o assunto. Mas, em resumo, as ideias sobre bissexualidade expressam a possibilidade do sujeito, portanto inconsciente, direcionar investimento pulsional para ambos os sexos, o que não implicará, necessariamente, a escolha de objeto homossexual (Freud, 1905/1996m). Posteriormente, ao discutir teorias sobre a diferença entre os sexos e a bissexualidade relacionada à ideia de recalque, Freud (1919/1969h) diz que só pode constatar que, tanto no homem como na mulher, encontram-se impulsos libidinais masculinos e femininos, os quais podem ser submetidos à repressão, tornando-se até inconsciente. Em geral, suas considerações parecem indicar o que autor aponta como a sexualidade indiferenciada da criança (Freud, 1905/1996l), que implica, a partir da psicanálise, não haver uma organização simplória da diferenciação dos sexos que tornaria exclusiva uma forma de sexualidade no sujeito.

Posto isto, as referências a respeito do que compreende os aspectos relativos à sexualidade não se definem de modo conclusivo, mas vão sendo desenvolvidas. Começamos por considerar a ressalva de Freud (1905/1996m), assinalada em uma nota de rodapé, adicionada em 1915 ao texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de que os conceitos de masculino e feminino estão entre os mais confusos da ciência. Com isso, sugere pelo menos três sentidos para designar o que os termos aferem: o de atividade e passividade, o biológico e o sociológico.

A ideia de atividade e passividade é a mais utilizada na psicanálise e a que mais aparece relacionada às proposições sobre a bissexualidade. Essa dicotomia diz, portanto, da finalidade pulsional que compreende, nos sintomas e fantasias neuróticas, a possibilidade de

satisfação ativa e passiva dos sujeitos. No sentido biológico, Freud (1905 [1915]/1996m) destaca as glândulas específicas de cada sexo, bem como as características enérgicas da fisiologia dos órgãos e das funções. E, no sentido sociológico, relaciona as características de seres masculinos e femininos à aceção do social de masculinidade e feminilidade, as quais seriam observáveis e, possivelmente, resultados das identificações e ideais atribuídos pela cultura. No final da nota, observa que: “no que concerne ao ser humano, a masculinidade ou a feminilidade puras não são encontradas nem no sentido psicológico nem no biológico.” (Freud, 1905[1915]/1996m, p. 208).

No texto “A organização genital infantil”, Freud (1923/1996p) sintetiza suas ideias ressaltando que, no início da organização psíquica, o que domina é a antítese entre ativo e passivo. Posteriormente, o sujeito viria a conhecer, isoladamente, a masculinidade, que se expressa na dualidade de “possuir um órgão genital masculino” ou “ser castrado”. E, somente no final do desenvolvimento, no período da puberdade, ainda que não implique em uma estagnação, “a polaridade sexual coincide com *masculino e feminino*.” E nesse momento, “a masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade.” (Freud, 1923/1996p, p. 161).

No desenvolver desses aspectos, na conferência sobre a Feminilidade, Freud (1933 [1932]/1996y) retoma a instabilidade dos conceitos de masculino e feminino, sobretudo, no âmbito psicológico ou mental, dizendo:

Estamos habituados a empregar “masculino” e “feminino” também como qualidades mentais, e da mesma forma temos transferido a noção de bissexualidade para a vida mental. Assim, dizemos que uma pessoa, seja homem ou mulher, se comporta de modo masculino numa situação e de modo feminino, em outra. Os senhores, porém, logo percebem que isto é apenas ceder à anatomia ou às convenções. Os senhores não podem conferir aos conceitos de “masculino” e “feminino” *nenhuma* conotação nova. A distinção não é uma distinção psicológica; quando dizem “masculino”, os senhores geralmente querem significar “ativo”, e quando dizem “feminino”, geralmente querem dizer “passivo”. . . Até mesmo na esfera da vida sexual humana, os senhores logo verão como é inadequado fazer o comportamento masculino coincidir com atividade e o feminino, com passividade. (p. 115)

Temos, então, uma problematização da relação que o próprio autor havia sugerido entre os binários ativo/masculino e passivo/feminino. Também parece dizer-nos que essa diferença que se estabeleceu entre masculino e feminino é produto de uma construção em que se associam certas características a determinado corpo anatômico e a suas funcionalidades fisiológicas, levando a pensar que a presença dessas características no corpo do outro sexo anatômico referir-se-ia à bissexualidade. Para o autor, essa interpretação denota uma tentativa de submeter o que poderiam ser qualidades mentais às convenções imaginárias, baseadas no

que se refere à conduta dos organismos sexuais. Todavia, Freud (1933[1932]/1996y) conclui, ao final dessa observação, que é “característica psicológica da feminilidade dar preferência a fins passivos.” (p. 116), e podemos presumir que seria da masculinidade dar preferência a fins ativos. Mas, para o autor, isso não é o mesmo que uma passividade/atividade natural ou peculiar da feminilidade e da masculinidade, respectivamente.

Essas proposições reforçam a dificuldade de precisar o que concerne ao masculino e ao feminino, mais ainda, à masculinidade ou à feminilidade, enquanto características psicológicas. Para além, indica um ponto importante: masculino e masculinidade, tal como feminino e feminilidade, não são sinônimos, embora Freud possa ter utilizado os termos de forma indiscriminada em alguns textos. No entanto, as articulações e teorização nos permitem pautar masculino, bem como feminino, a partir das polaridades em jogo na satisfação pulsional. A masculinidade, e também a feminilidade, aparecem ligadas ao processo identificatório resultante do Complexo de Édipo e da castração, que permite ao homem situar-se na cultura. (Oliveira & Fontenele, 2013, p. 170).

No que se refere à satisfação da pulsão, vale salientar que, mesmo quando relativa ao mesmo objeto, esta pode ser buscada ora de modo ativo, ora de modo passivo; e frente a diferentes objetos, o sujeito pode ocupar uma posição masculina para alguns e feminina para outros. Não há uma rigidez absoluta, mas Freud (1931/1996x) adverte que a “oscilação da passividade à atividade não se realiza com a mesma regularidade ou vigor em todas as crianças; em algumas pode não ocorrer de modo algum.” (p. 244). Desse modo, “no que diz respeito à vida erótica, as atitudes masculinas e femininas estão presentes, combinadas, no modo como o sujeito se dirige ao objeto.” (Oliveira e Fontenele, 2013, p. 182).

Oliveira e Fontenele (2013) ressaltam as considerações, referentes ao caso do homem dos lobos, em que Freud (1918[1914]/1969g) aponta os deslocamentos do sujeito, entre as polaridades passiva e ativa, no intento das exigências da satisfação libidinal. Essa ideia também é expressa nas considerações de Freud (1919/1969h) no texto “Uma criança é espancada”, em que se confirma a pertinência de abordar masculino e feminino com relação à fantasia. Nesses dois textos, a intervenção da diferença sexual na fantasia tange aos desejos incestuosos voltados ao pai. Assim, as proposições a respeito da organização pulsional também relacionam-se à teoria do Complexo de Édipo, já que as variações que encontram lugar na fantasia articulam-se à castração, âmbito em que figuram os desejos incestuosos. As exigências e esforços impelidos pela pulsão implicarão em um trabalho do aparelho psíquico para encontrar saídas para os obstáculos que se apresentam à satisfação pulsional. Tais saídas resultam na ocupação, pelo neurótico, de uma posição masculina ou feminina na fantasia.

Segundo Freud (1915/1969e), há uma exigência do trabalho da pulsão, delimitada pelo seu caráter ativo, uma vez que não há pulsão passiva, embora existam pulsões cuja satisfação se dê de modo passivo, como, por exemplo, no caso do masoquismo, e, outras, de modo ativo, como caso do sadismo. Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1905/1996m) dedica uma sessão para descrever o masoquismo e o sadismo que, respectivamente, denotam: as atitudes possivelmente passivas perante a vida sexual, tendo como extremo o condicionamento da satisfação ao padecimento de dor física ou anímica advinda do objeto sexual; e a atitude ativa ou mesmo violenta para com o objeto sexual que pode implicar em prazer e satisfação em infligir dor a tal objeto. Inicialmente, Freud utilizou esse par de opostos como exemplo do destino dos representantes ideativos das pulsões sexuais, sendo o masoquismo uma reversão da satisfação pulsional ativa para passiva. Logo, os pares de opostos, sadismo e o masoquismo, atividade e a passividade, apresentavam um contraste pertencente às características da vida sexual.

O que fica entendido, até aqui, é a ideia de uma sexualidade originalmente ativa e masculina, conforme o texto “Os instintos e suas vicissitudes”, em que o masoquismo expressava uma mudança tanto do objeto quanto da finalidade da pulsão, originalmente sádica (Freud, 1915/1969e). Com as transformações teóricas da segunda tópica do aparelho psíquico, o conceito de pulsão de morte permite que Freud (1915 [1924]/1969e; 1924/1996t) reconsiderasse o masoquismo e a passividade como tendência original do ser humano, ultrapassando o dualismo do prazer/desprazer. Essa concepção da pulsão de morte, a qual confere ao conflito pulsional um para além do embate entre a pulsão sexual e a pulsão do eu, denota a inscrição de algo que resiste em ser dominado e, portanto, apresenta-se como traumático. Seu objetivo seria desfazer conexões e destruir coisas e, ao contrário de Eros, ou seja, da pulsão de vida que representa os efeitos do recalque e da simbolização, esta se refere à ausência de sentido, a uma desordem e disjunção da função erótica. O masoquismo é visto, então, enquanto uma expressão da pulsão de morte, que necessita do trabalho da pulsão de vida para se transformar em agressividade a serviço dos objetivos vitais (Freud, 1924/1996t).

No texto “O problema econômico do masoquismo”, Freud (1924/1996t) assinala três formas de apresentação do masoquismo: o masoquismo erógeno está na base e acompanha a vida sexual do sujeito, dando razão a distintas fantasias de subjugação. Todo um trabalho é necessário para que o sujeito passe a expulsar seus impulsos agressivos, ou seja, para que possa dirigir a pulsão ao exterior. É assim que uma parte da pulsão é colocada a serviço da atividade sexual, com uma importante função a desempenhar: o sadismo. (Mendlowicz,

1995). Outra parte da pulsão não participa dessa transposição e continua internamente como masoquismo (Freud, 1924/1996t).

O chamado masoquismo feminino, o qual não é atribuído apenas às mulheres, expressa, em seu conteúdo, o ensejo de ser batido, rebaixado e até coagido a uma obediência. Inclusive, Freud descreve longamente a forma como tal masoquismo mostra-se presente nos homens, destacando as fantasias que se concluem em atos de masturbação e/ou que representam uma satisfação sexual em si própria. Destaca, também, conteúdo caracteristicamente feminino: ser castrado, copulado ou dar a luz a um bebê. Ou seja, em seu caráter feminino, o masoquismo expressa a posição do sujeito enquanto objeto. Já a última forma de apresentação é designada de masoquismo moral, no qual “o próprio sofrimento é o que importa” (Freud, 1924/1996t, p. 183).

Considerando, portanto, posição original masoquista, será exigido, sobretudo para o menino, um esforço em “transformar a passividade em atividade, reprimir ou sublimar as diversas manifestações das fantasias masoquistas que exigem satisfação, para que possa constituir uma identificação predominantemente masculina” (Mendlowicz, 1995, p. 173). Mais ainda, exigem um esforço em abdicar das primeiras experiências sexuais que uma criança tem com sua mãe, as quais denotam um caráter evidentemente passivo. Aqui poderíamos pensar, com André (1998), “que a dialética atividade/passividade equivale a uma oscilação entre *ser o objeto da mãe e tomar a mãe por objeto*: é uma luta em torno do objeto, do lugar do objeto, onde vão se distribuir as posições subjetivas”. (p. 185).

Para Mendlowicz (1995), Freud não deixou de destacar que um mínimo componente sádico na pulsão sexual feminina denota a possibilidade da mulher transformar suas tendências eróticas em ternura, mas descuidou do fator complicador das fantasias masoquistas na direção da masculinidade, uma vez que tais fantasias, caracteristicamente femininas, “atravessam o desenvolvimento dos meninos e que se manifestam tão frequentemente na clínica no medo/ desejo de ser devorado pela mulher – que implica necessariamente uma erogeneidade passiva, e sua conseqüente sintomatologia, tais como: impotência, ejaculação precoce” (p. 173).

Entretanto, Mendlowicz (1995) ressalta os apontamentos de Freud a respeito da atitude de repúdio à feminilidade, a qual expressa uma característica da vida psíquica do ser humano, decorrente do enigmático do sexo e, também, relativo a uma atitude frente ao complexo de castração. Para Birman (1999), no momento teórico que Freud faz estas considerações, a feminilidade parece ter íntima relação com a noção de desamparo, que, em

sua face negativa, implica o masoquismo naquilo que se refere ao assujeitamento em relação a outrem.

Em Lacan, essa relação entre ativo/passivo, masculino/feminino não se apresenta como o que dimensiona a sexualidade do sujeito. Para o psicanalista francês:

a pulsão, como representante da sexualidade no inconsciente, nunca é senão pulsão parcial. É nisso que está a carência essencial, isto é, a daquilo que pudesse representar no sujeito o modo, em seu ser, do que nele é macho ou fêmea. O que nossa experiência demonstra de vacilação no sujeito, no tocante a seu ser de masculino ou feminino, deve ser menos relacionado com sua bissexualidade biológica do que com o fato de não haver nada em sua dialética que represente a bipolaridade do sexo, a não ser a atividade e a passividade, isto é, uma polaridade pulsão-ação-de-fora, totalmente imprópria para representá-la em seu fundamento. (Lacan, 1960[64]/1998e, p. 863)

Para Lacan essas relações do desenvolvimento pré-genital só encontram um sentido a partir da inscrição fálica, em que o menino toma uma posição simbólica de homem e começa a construção de sua masculinidade e a menina de sua feminilidade. Nesse contexto, é o falo que surge como o regulador da organização libidinal infantil, mais especificamente, é a ordem significante que determina a noção da posição sexual, o que “significa que não é mais permitido ao sujeito realizar sua sexualidade senão no nível simbólico”. (Lacan, 1955-1956/2002, p. 195). Esse falo, que não se reduz ao pênis, é o significante que representa, no imaginário, algo do real por meio do simbólico, e que Lacan (1957-58/1999) denomina como um “simulacro”, uma “insígnia”, um objeto substituto através do qual o desejo se apresenta.

Com referência ao significante “falo”, em cena no complexo de Édipo e na castração, o sujeito poderá instalar-se em uma posição inconsciente. E a formulação da sexualidade em relação ao falo, a qual não se refere a divisão entre dois sexos, mas produz uma posição do sujeito em relação ao desejo, denota o *ter* do lado homem e o *ser* do lado mulher. Fora disso o sujeito “não poderia identificar-se com o tipo ideal de seu sexo, nem tampouco responder, sem graves incidentes, às necessidades de seu parceiro na relação sexual, ou até mesmo acolher com justeza as da criança daí procriada.” (Lacan, 1958/1998d, p. 692)

O Complexo de Édipo passa a suplementar a possibilidade do indivíduo, que nasce menino ou menina, tornar-se homem ou mulher, retirando do natural o estabelecimento do sexual, inserindo-o nos processos subjetivação, através do qual o homem assume o tipo viril e a mulher se reconhece como tal. “A virilidade e a feminização são os dois termos que traduzem o que é, essencialmente, a função do Édipo” (Lacan, 1957-58/1999, p. 170). Aqui, abre-se uma combinatória complexa em relação ao masculino e ao feminino, à masculinidade e à feminilidade, tanto em relação à dinâmica pulsional quanto à escolha de objeto.

A escolha de objeto sinaliza outro aspecto da problematização a respeito do que é próprio de cada polaridade sexual. Porém, como afirma Freud (1920/1969j), a escolha de objeto não coincide, necessariamente, com o que ele denomina de “o caráter sexual mental”. Isso significa que

um homem com características predominantemente masculinas e também masculino em sua vida erótica pode ainda ser invertido com respeito ao seu objeto, amando apenas homens, em vez de mulheres. Um homem em cujo caráter os atributos femininos obviamente predominam, que possa, na verdade, comportar-se no amor como uma mulher, dele se poderia esperar, com essa atitude feminina, que escolhesse um homem como objeto amoroso; não obstante, pode ser heterossexual e não mostrar, com respeito a seu objeto, mais inversão do que um homem médio normal. (Freud, 1920/1969j, p. 181)

Neste ponto, expressamos que, para esta pesquisa, o foco é discutir as questões que se inscrevem no âmbito da posição sexual e das identificações, salientando que, na dimensão da escolha de objeto, a expressão heterossexual faz-se consequência de uma pretensa função normativa do Édipo indicada por Lacan (1956-57/1995).

Por fim, a masculinidade implicará a resolução do complexo de Édipo e da consequente localização do homem na cultura. Nesse sentido, apesar de não ser a questão fundamental, a psicanálise não desconsidera, para a constituição psíquica do sujeito, aquilo que chamamos de representações do imaginário social, que, segundo Ambra (2013), define a masculinidade e a feminilidade em termos de performances, normas internalizadas sob a forma de estilo corporal, representação e teatralização. A respeito disso, Nolasco (1995) pondera que a representação social dos homens apresenta-se muito articulada a questão do sexo, “que se torna um dispositivo norteador para suas ações e intenções durante a vida, sejam eles homo ou heterossexuais” (p. 18). Além disso, o autor destaca que as representações ganham força em um modelo baseado na associação do homem ao trabalho, à paternidade e até à violência. Mas, como se deu esse possível modelo de representação da masculinidade?

2.2 A representação da masculinidade e o mito viril nos complexos subjetivos

Ao traçar um perfil histórico da representação da masculinidade no Ocidente, Ambra (2013), embasado no percurso de Vigarello (2011) e em considerações de autores como Sartre (2011) e Forth (2008), assinala as mudanças e as características que se destacavam ao longo da história com referência a masculinidade e a virilidade do homem. Ressalta que, por exemplo, na Grécia Antiga, a virilidade não se referia tanto à postura corporal do macho, mas sim à postura valente, ao caráter guerreiro e a educação pra um desenvolvimento intelectual,

bem como a capacidade do controle dos desejos, prazeres e paixões. Já na Roma Antiga, mantendo os pilares da religião, família e comunidade, ganha destaque a relação com o corpo bronzeado, sob pena de se ter a virilidade questionada.

Segundo Ambra (2013), ainda dentro de uma mesma época, os aspectos destacados de cada representação da masculinidade diferenciavam-se considerando as várias classes e povos. Os bárbaros tinham a virilidade em íntima ligação com a guerra, portanto, associada à imagem do homem guerreiro, barbudo e peludo. Preservavam e defendiam a castidade por entender a rendição às tentações femininas como fraqueza. No processo de assimilação das duas culturas, que se deu a partir dos confrontos com romanos, os bárbaros foram tomados como referência, fazendo com que esse modelo de virilidade predominasse durante boa parte da Idade Média.

A partir do século XVI, a imagem da virilidade tende a sofrer uma transformação, a partir do que o estereótipo é enaltecido em função do órgão viril como símbolo de dominação, também priorizando ainda mais a razão em detrimento das emoções, tidas como femininas. No que se refere à vida sexual do homem, a poligamia passa a se constituir como traço da valentia e do prestígio. Nesse contexto, a associação entre as noções de homem, masculino e viril tornou-se difícil de ser rompida, embora, certamente, não tenha nada de natural. Os atributos físicos e/ou morais aproximaram-se e misturaram-se com a fisiologia da atividade sexual, e o pênis, ereto, passa a representar uma forma de poder (Ambra, 2013).

Surge, então, a figura do selvagem, a qual se tornou importante para o processo civilizador, mesmo que possivelmente imaginada, ao figurar como “um exemplo especificamente viril: por sua coragem física sempre privilegiada, pelo seu número de esposas sempre acentuado.” (Vigarello, 2011, p. 409 citado por Ambra, 2013, p. 80). No século XVIII, essa imagem perde um pouco do estatuto de símbolo, abrindo espaço para o modelo europeu da revolução francesa, com valores de civilização e racionalidade. O resultado são formas de representação da virilidade e da masculinidade que valorizavam cada vez mais aspectos das ideologias nacionais, tendo como ameaça qualquer espécie de invasão e adoção de práticas estrangeiras, vistas como afeminadas (Forth, 2011 citado por Ambra, 2013).

Conforme Ambra (2013) é no contexto do século XIX, com o ideal de desenvolvimento e progresso, que o modelo masculino é novamente e definitivamente submetido a um passado mítico de homens que teriam prosperado na história, prevalecendo qualidades como: ativo, racional, forte e orientado à comunidade. Desse modo, uma série de formulações teria propiciado a consolidação de um mito viril, que se estabelece no século XX,

fundamentando a apreensão da masculinidade nessa imaginária figura selvagem pertencente a um passado marcado pela liberdade em relação ao sexo e, também, por uma rigidez moral.

A partir do ponto em que a masculinidade tem seus valores atribuídos a esses ideais do século XIX, os homens, “obrigados a carregar a pesada pedra de uma representação de masculinidade verdadeira e perdida até o topo de seus ideais, vêem seus esforços desmoronarem necessária e repetidamente” (Ambra, 2013, p. 86). Desse modo, essa representação da virilidade denota, ao mesmo tempo, a elevação de ideais e a eminência de sua queda. Esse modelo fica expresso na figura dos mitos, tais como o mito de fundação do corpo social, de Georges Valois (1905), citado por Ambra (2013), em que os homens primitivos que viviam na animalidade viram-se diante de uma situação de perigo da qual foram salvos pelo que viria a ser o iniciador da civilização – o homem forte, de punhos firmes e raciocínio rápido. Para os demais homens, libertados também da animalidade, só resta a submissão e a gratidão. Para além da importância particular desse mito, enquanto ilustrador do marco civilizatório, Ambra (2013) chama atenção para a proximidade com o *Totem e Tabu* de Freud (1913/1969b), por meio do qual o psicanalista também ilustra a ideia de fundação de uma organização. No entanto, na obra freudiana, ganha ênfase a experiência humana com a sexualidade e a relação com o tabu do incesto.

Na continuidade histórica, Foucault (1976 citado por Ambra, 2013) situa esse contexto enquanto um esforço em reinscrever a sexualidade no sistema da lei e da ordem simbólica. Nesse sentido, Freud (1913/1969b) considerava que a origem da civilização, da religião, da moral, das artes, ou seja, da cultura, dependeria da repressão e sublimação dos desejos incestuosos do sujeito. O psicanalista começa a apresentar essas ideias em suas formulações iniciais a respeito do complexo edipiano. Todavia, estabelece as proposições ao representar a origem da civilização em torno de um mito que tem como referência o sistema totêmico das tribos aborígenes da Austrália, o qual destaca como lei a proibição das relações sexuais entre pessoas do mesmo totem. Assim, com base na hipótese de Charles Darwin sobre o estado social dos homens primitivos, Freud (1913/1969b) destaca uma figura primitiva representada pelo Pai primevo, autoritário e violento, inicialmente todo-poderoso, que impedia o acesso de todos os filhos às mulheres do clã, já que estas pertenciam apenas a ele. Esse teria sido o motivo pelo qual o pai tornou-se alvo da hostilidade dos filhos que o assassinaram.

Ao matar o Pai, os irmãos colocam fim à horda e identificam-se com o pai primitivo no processo de devorá-lo na refeição totêmica, com intuito de adquirir sua força. Os irmãos, então, se reconhecem como iguais entre si, identificados por um ideal comum: o pai introjetado. Contudo, apesar de odiarem o pai por representar um obstáculo aos anseios de

poder e aos desejos sexuais, os filhos também o amavam e admiravam. Logo, após terem se livrado do pai, a afeição dirigida a ele que estava recalcada retorna e os irmãos são tomados por um grande sentimento de culpa e remorso. Como tentativa de solução, “criaram assim, do sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo, que, por essa própria razão, corresponderam inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo” (Freud, 1913/1969b, p. 147). O resultado é que, depois de sua morte, o pai se tornou mais forte do que era enquanto estava vivo, e sua palavra se converteu em lei simbólica, portanto, a lei é introduzida a partir da culpa/remorso provocada pelo assassinato. Desse modo, “o pai que promulga a lei é o pai morto, isto é, o símbolo do pai.” (Lacan, 1957-58/1999, p. 152)

Vale pontuar que, se o Pai primevo do mito freudiano encarna a existência suposta do ideal selvagem, a virilidade acaba sendo representada na ordem das identificações. Todavia, essa virilidade polarizada pela miragem de um ponto de não castração não passa de uma pretensão, um recurso mítico que, sobretudo em Lacan, vai se transformando durante o percurso da psicanálise. Na função de pai morto revela-se o meio por onde se dá a ordenação. Com isso, Lacan (1956-57/1995) vai dizer que “o *Totem e Tabu* é feito para nos dizer que, para que os pais subsistam é preciso que o verdadeiro pai, o pai singular, o pai único, esteja antes do surgimento da história, e que seja o pai morto” (p. 215). Este mito, portanto, ilustra a transformação do selvagem em homem, como consequência da diferenciação entre natureza e cultura e, na subjetividade, é a ordem edípica que faz a mediação dando acesso ao registro simbólico. Logo, podemos pensar que em *Totem e tabu*, sinalizam-se uma projeção cultural do complexo de Édipo.

O complexo de Édipo é fundado no drama da história de Édipo e seus pais, Laio e Jocasta, no qual Freud vislumbrara a presença dos desejos fundamentais de todo ser humano: parricídio e incesto. O pai do complexo edípico não se resume a um objeto real, embora intervenha também como tal. Ele é o representante de uma ordem que estabelece os limites das relações entre sujeitos, especialmente, entre a criança e a mãe. Seus interditos são considerados como norteadores nos processos de subjetivação, inclusive no que tange à assunção pelo sujeito de sua posição sexual. Trata-se de uma função que se estabelece no que Lacan (1956-57/1995) situa como metáfora paterna, a qual “traduz o complexo de Édipo nos termos dessa subordinação do imaginário, campo da relação erótico-agressiva, ao simbólico, campo da relação de palavra, que caracteriza a experiência humana, no primeiro momento do ensino de Lacan” (Zenoni, 2013, p. 17). Nessa dimensão simbólica, o pai denota sua operatividade a partir da noção de Nome-do-pai, permitindo a instauração da função fálica, fundada na dinâmica do Complexo de Édipo e atrelada ao Complexo de Castração. Para além,

no que concerne a vivência subjetiva dos processos e conflitos psíquicos, Lacan (1956-57/1995) busca assimilar a incidência do pai tendo como suporte três modalidades: o pai simbólico, o pai imaginário e o pai real.

De acordo com Gomes (2002), é após a Teoria da sedução de Freud que o pai é tomado como formação do inconsciente. E, se essa função denota aquilo que integra a realidade psíquica do sujeito, que é regido por suas fantasias, exige-se articular a forma como o sujeito posiciona frente a esse pai. Pois dele espera-se a ordenação da pulsão “para que o sujeito se inscreva em uma realidade compartilhada... essa ordenação jamais é completa e o sujeito encarna o resto dessa operação, extraindo daí uma satisfação” (Gomes, 2003, p. 286). Portanto, é preciso pensar a questão do pai também para além do que se delimita na noção do pai morto, enquanto fundamento da ordem simbólica, uma vez que possa criar dificuldades na leitura do que Lacan demarca como pai real (Zenoni, 2007). Vejamos como essas questões aparecem no percurso edípiano do menino.

2.3 O complexo edípiano e assunção da sexualidade masculina

2.3.1 Ele não é sem tê-lo

Os complexos de Édipo e de castração demarcam renúncias pulsionais da criança, iniciando desde a relação do sujeito com seu primeiro objeto libidinal, a mãe. A figura materna é aquela que dispensa à criança os cuidados relativos à preservação da vida e, nesse processo, sexualiza o corpo da criança, que permanece em uma posição passiva frente a seus cuidados sedutores (Freud, 1905/1996m). Aqui, a criança é introduzida na ordem da sexualidade e, nesta relação passiva de cuidados maternos, uma parte da libido é fixada nesse modo de satisfação, enquanto a outra tenta transformá-la em atividade. Esse é o primeiro momento de constituição da subjetividade que, em Lacan (1957-58/1999), evidencia a relação complementar entre a mãe e a criança, a qual exige, para que o desenvolvimento da subjetividade prossiga, um processo de simbolização primordial, instaurando a mãe como aquele ser que pode estar ou não presente. É nisso que se dá a apreensão do objeto falo, o qual denota para a criança a dimensão de algo diferente dela mesma que possa ser desejado pela mãe. A partir daí, o sujeito experimenta o falo imaginário como desejo materno, e “se o desejo da mãe é o falo, a criança quer ser o falo para satisfazê-lo” (Lacan, 1958/1998d, p. 700). No que tange essa relação triádica, mãe-falo-bebê, de acordo com Lacan (1956-57/1995), mesmo que permaneça como um ponto oculto no início da relação entre a mãe e a

criança, posteriormente, restará saber a função que esta última terá para a mãe, com referência a esse falo que ela descobrirá como objeto do desejo materno. A questão também consistirá em saber o que a criança será para a mãe, pois, segundo Lacan, “não é, em absoluto, a mesma coisa o fato da criança ser, por exemplo, a metáfora de seu amor pelo pai ou a metonímia de seu desejo do falo, que ela [mãe] não tem e não terá jamais” (p.248).

O momento de identificação ao falo materno é regulado pela presença velada da metáfora paterna, etapa considerada por Lacan (1957-58/1999) como a etapa fálica primitiva, em que “a metáfora paterna age por si, uma vez que a primazia do falo já está instaurada no mundo pela existência do símbolo e da lei.” (p. 198). Será o destino que a presença de tal metáfora tomará na apreensão do sujeito que permitirá a substituição do significante materno da primeira simbolização por aquele que se refere ao Nome-do-pai, que libera a criança das significações imaginárias induzidas tanto pelo desejo da mãe quanto pela posição narcísica que ela ocupa por tal identificação. Ou seja, é no valor retroativo do processo que estamos descrevendo que se fundamenta e se apreende a função do pai simbólico, este que é o impensável, o qual não se refere a uma existência encarnada, mas que é depositário legal de uma Lei que limita o campo de desejo possível. (Lacan, 1957-58/1999)

Inicialmente, após a primeira inscrição significativa, a certeza imaginária da identificação fálica da criança vê-se confrontada com uma ordem de realidade que não deixará de questioná-la, trata-se da percepção de que a mãe almeja um objeto pertencente a um Outro, o pai. Este passará a significar e a deter a verdade do desejo da mãe, o falo. Com isso, vai sendo apreendido, para além de uma presença velada, enquanto um rival mediado pela mãe, pois, confere seu direito sobre ela. A criança acredita que a mãe está privada do objeto “por aquele que o tem, que sabe que o tem, que o tem em todas as ocasiões, e que pode conceber que este mesmo objeto lhe será dado um dia.” (Lacan, 1956-57/1995, p.213).

A onipotência do pai é conferida ao pai imaginário situado na posição de sujeito absoluto, todo poderoso, o portador do atributo fálico. E, por estar integrado ao registro imaginário, o pai sustenta uma fantasia ameaçadora, representando “o pai assustador que conhecemos no fundo de tantas experiências neuróticas, e que não tem de forma alguma, obrigatoriamente, relação com o pai real da criança.” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 225). Todavia, é em articulação com a intervenção do pai real que esta fantasia se realiza enquanto operação que produz um corte no desejo da mãe, impedindo que ela faça o filho equivaler ao falo, direcionando-o para outro lugar. Isso possibilita a criança ir além da primeira relação de identificação imaginária e, estando frustrada de seu objeto materno, é ligada ao primeiro

aparecimento da lei. Veremos que nesse aspecto da transmissão da lei, a garantia da função paterna implica não apenas uma mãe que deseje, mas também uma mãe que é desejada.

Em outros termos, tudo se resume ao fato de a criança poder atribuir as ausências da mãe ao pai. Assim, o pai estará sendo nomeado tanto como um objeto fálico rival, quanto como àquele que detém o falo. Nessa elaboração significativa, o significante Nome-do-pai é associado ao significado “falo”, ou seja, dá uma significação ao enigma do desejo da mãe. (Lacan, 1957-58/1999; 1957/1998c) Com essa ação, a criança poderá ir além de *ser* o falo materno, pois abre-se a possibilidade de *ter* / *não ter* o falo.

Antes de se adentrar nessa nova dialética, a criança poderá “escolher” sair ou não da posição inicial, mas essa escolha, Lacan (1957-58/1999) adverte, exige adicionar aspas, já que o sujeito é “tão passivo quanto ativo nisso” de continuar ou não identificado ao falo, “pela simples razão de que não é ele quem manipula as cordinhas do simbólico. A frase foi começada antes dele, foi começada por seus pais” (p. 192). Ainda na possibilidade de se manter nessa posição, Lacan indica certa gradação na relação de identificação ao falo e tal relação não é a mesma na neurose, na psicose e na perversão.

Vemos, então, que a posição junto ao falo compreende dois processos subjetivos. Primeiro, a função de situar o sujeito em um modo de organização que diz respeito à relação com a realidade e que concerne à sua estrutura clínica. Se estivermos falando de uma neurose, o sujeito sofreu e submeteu-se a certa intervenção, no que se refere à sua posição de falo materno, ainda que possa, em certo nível, escolher se identificar a esse falo, o que implicará o segundo aspecto da função do Édipo, que tange à assunção da sexualidade, que está em torno de um *ser* e um *ter* o falo.

A característica de normatividade do Édipo implica que o menino identifique-se com o *ter* o falo e a menina com o *ser* o falo, o que Lacan (1958/1998d) destaca tratar-se muito mais de um parecer *ter* e um parecer *ser* do que propriamente *ter* ou *ser*. Logo, dizer que a posição masculina refere-se ao *ter*, não diz da presença do órgão masculino, mas da transmissão do falo assumido como significante na elaboração da castração. Pois, tendo sofrido a cisão em sua fantasia incestuosa, o menino estará diante de outro processo, em que as intervenções do pai mostrarão que o falo circula, sob condição da possibilidade de perder o que se pensa ter.

Interessante destacarmos que, conforme Lacan (1957-58/1999), no momento em que está em jogo a questão de *ter* ou *não ter* é preciso fazer o pai entrar em consideração: “Não digo que ele já não interviesse efetivamente antes, mas meu discurso pôde deixá-lo, até o momento, em segundo plano, ou até prescindir dele.” (p. 193). Contudo, agora trata-se do pai como aquele revestido do símbolo do qual ele constitui.

2.3.2 A virilidade consagrada pela castração

Segundo Freud (1924 /1996s), no complexo de Édipo do menino, no qual ele deseja a mãe e gostaria de eliminar seu pai, a ameaça de castração é o que redireciona a abandonar a atitude inicial. Pois entre perder o pênis e renunciar ao objeto materno, o interesse narcísico prevalece na manutenção do órgão, reprimindo o desejo e destruindo o complexo edípiano. Acontece que, curiosamente, o complexo de castração “sempre opera no sentido implícito em seu conteúdo: ele inibe a masculinidade e incentiva a feminilidade” (p. 285). Mas em que, propriamente, consiste a castração edípica?

Quando a criança se dá conta de que a mãe é desejante, ela se depara com a castração materna, assim “a primeira pessoa a ser castrada na dialética intersubjetiva é a mãe. É aí que se encontra, desde o começo, a posição da castração . . . a castração é inevitavelmente encontrada no Outro” (Lacan, 1957-58/1999, p. 361). Concomitante, há a apreensão de um dano imaginário que se refere à privação da mãe em relação falo. Isso porque, inicialmente, tanto para o menino quanto para menina, a mãe é provida do falo, e, embora os complexos de Édipo e de castração ocorram com vicissitudes e desfechos psíquicos diferentes para meninos e meninas, a constatação da diferença anatômica tem implicações subjetivas em ambos os sexos. No caso do menino, a captura dessa imagem pode se articular, por exemplo, às sentenças anteriores de mutilação do órgão sexual como tentativa de proibição à masturbação.

A apreensão e reconhecimento da ausência de pênis na mulher é, segundo Lacan (1956-57/1995), “o ponto crucial na experiência do sujeito masculino, o fundamento em que se apóia de modo especialmente eficaz, e angustiante, a noção de privação” (p. 223). Isso porque no complexo de castração “retoma no plano puramente imaginário tudo aquilo que está em jogo com o falo” (p. 233), ou seja, está em jogo a relação com falo-pênis e com a privação materna, gerando uma apreensão imaginária da castração, como uma falta no corpo.

Lacan (1957-58/1999) procurou enfatizar que a castração não diz respeito a uma operação que incide sobre os órgãos genitais, o que é reforçado com a concepção do que é o falo. Ela incide sobre outra coisa que não deixa de ter relação com as regiões sexuais, mas em sua base está a dimensão predominante do significante fálico. Ela está ligada à “maturação do desejo no sujeito humano” (p. 318). Logo, é preciso que o menino faça dom daquilo que tem, uma vez que a simbólica do dom e a maturação genital estão “ligadas por um fator que está incluído na situação humana real, a saber, as regras instauradas pela lei quanto ao exercício das funções genitais, na medida em que estas entrem efetivamente em jogo na troca inter-

humana.” (Lacan, 1956-57/1995, p. 124). A fantasia do falo, aquilo que é apreendido no nível genital, assume seu valor na simbólica do dom, onde o que não se tem é tão existente quanto o resto. Mas, “é necessário haver alguma coisa para se poder colocar mais ou menos, presença ou ausência. O que está em questão aí é o falo.” (p. 125)

Portanto, a transição pela castração contém um paradoxo, pois, “é na medida em que seu próprio pênis é momentaneamente aniquilado que a criança é prometida, mais tarde, a ter acesso a uma plena função paterna, isto é, a ser alguém que se sinta legitimamente de posse de sua virilidade”. (Lacan, 1956-57/1995, p. 373) Logo, o complexo de castração tem esse nome por colocar em jogo na possibilidade de *ter*, a necessidade de que tenha sido instaurado que não se pode *tê-lo* (Lacan, 1957-58/1999). É necessário que o menino reconheça subjetivamente a falta do pênis nas mulheres, especialmente na mãe, suportando assumir o risco de perder também o seu. Pelo interesse narcísico em preservar o pênis, ele opta por uma restrição da sexualidade infantil, que prevalece na fase de latência. (Freud, 1924/1996s).

Todavia, nos percalços dessa assimilação, a confusão quanto à castração revela o que Lacan (1956-57/1995) esclarece da seguinte forma; existem seres castrados na subjetividade, enquanto sujeitos, mas “naquilo que é invocado como experiência real, eles são privados.” (p. 224). A privação, enquanto pressupõe que o sujeito esteja no plano simbólico para apreender o objeto no real, denota a falta de um objeto simbólico, e a castração, esperada na gênese da função sexual, incidiria sobre o objeto imaginário.

Para que ocorra o que Lacan (1958-59/2016), a partir de Freud, denomina de *Untergang* do Édipo, ou seja, seu declínio, é preciso que o sujeito realize o “luto do falo”. No drama do Édipo,

no plano da relação com essa *coisa* chamada falo, o sujeito se vê prisioneiro de uma alternativa fechada que não lhe deixa nenhuma saída . . . Disse *coisa*, não disse *objeto*, já que se trata de uma coisa real, ainda não simbolizada, mas que está, de certo modo, em potência de sê-lo. (p. 369).

Ao fazer o luto por essa “coisa”, oferecê-la em sacrifício, esta é elevada à sua função de significante faltante. Fora disso, o sujeito permanece no plano imaginário, em que é “idêntico às imagens biológicas que o guiam e que traçam o sulco preparado de seu *behaviour*, do que irá atraí-lo, por todas as vias da voracidade e do acoplamento. É aí, no plano imaginário, que algo é capturado, marcado, subtraído.” (Lacan, 1958-59/2016, p. 374). Nesse sentido, a virilidade se articulará ao modo como o sujeito lida com a queda do falo, sem desconsiderar a interferência do valor fálico do pênis para o homem.

A castração simbólica faz fenda na dialética de *ter* ou *não ter* o falo, afirmando o fato de que é o pai quem tem. Portanto, o sujeito carece dele, o falo, mas tem a promessa de que possa ser adquirido por intermédio do pai. Isso equivale a dizer que o processo de dissolução do Édipo implica, em relação ao falo, que esse seja dado ou devolvido por um outro. Lacan atribui ao pai real às condições de resolução e também as adversidades da função normativa que se esperaria dar nesse contexto do Édipo. Diz:

Há o pai simbólico. Há o pai real. A experiência nos ensina que na assunção da função sexual viril, é o pai real cuja presença desempenha um papel essencial. Para que o complexo de castração seja pelo sujeito verdadeiramente vivido, é preciso que o pai real jogue verdadeiramente o jogo. É preciso que ele assuma sua função de pai castrador, a função de pai sob sua forma concreta, empírica . . . É na medida em que o pai, tal como existe, preenche sua função imaginária naquilo que esta tem de empiricamente intolerável, e mesmo de revoltante quando ele faz sentir sua incidência como castradora, e unicamente sob este ângulo — que o complexo de castração é vivido. (Lacan, 1956-57/1995, p. 374)

O psicanalista ressalta o quão difícil é a apreensão do pai real, especialmente, pela interposição das fantasias da criança junto à necessidade da relação simbólica. Lacan relaciona essa apreensão difícil com a dificuldade que, em geral, se tem de apreender os seres humanos tais como eles são. Aqui, o pai real adquire uma dimensão de concretude, de elemento do meio ambiente, o que se confirma com a ideia de que o pai real intermédia a operação do pai simbólico na dialética edipiana (Lacan, 1956-57/1995). Essa dimensão denota que ele carrega as insígnias de homem, e nesse âmbito precisa demonstrar ser revestido como pai simbólico e como pai imaginário, como suposto ter o atributo imaginário fálico, fonte da rivalidade. Além disso, usará seus recursos como obstáculo para o filho em relação à mãe, cumprindo também aquilo que está para além do capricho materno.

Acontece que há a junção de duas modalidades na apresentação do pai real, às quais revelam um ponto de atrito, pois, dessa função

se espera e se exige a sanção do lugar do Outro, a verdade da verdade, na medida em que ele deve ser o autor da lei. Contudo, ele é sempre aquele que está submetido a ela e que, não mais do que qualquer outro, não pode garanti-la, pois também ele tem de estar submetido à barra, o que faz dele, na medida em que é o pai real, um pai castrado. (Lacan, 1958-59/2016, p. 367).

Zenoni (2007) ressalta como a incidência do pai real denota uma relevância ao modo como o pai “se manifesta em sua relação efetiva com a mãe, enquanto mulher” (p. 18). Assim, o essencial da intervenção do pai estaria, para além da proibição às primeiras manifestações das pulsões sexuais, na presença que causa impacto sobre o desejo da mãe, enquanto mulher. Para o autor é nesse âmbito que encontramos as falhas do pai real e é também onde se revela

um desprendimento da idéia do pai exclusivamente relacionada “à função do interdito, que o limita ao puro significante, que o mede sob os parâmetros de uma perfeição simbólica” (p. 18). O que se destaca é “a verdadeira função do Pai que é, fundamentalmente, unir (e não opor) um desejo à Lei.” (Lacan, 1966 citado por Zenoni, 2007, p. 19).

Em relação ao menino, se além de não *ser* mais o falo da mãe, ele se vê forçado pela função paterna a não *tê-lo*, resta dirigir-se a quem *tem*. Trata-se do pai enquanto “aquele que dá ao invés de, por assim dizer, guardá-lo para si. Isso será decisivo para a saída normatizante do complexo de Édipo, ou seja, para a identificação do sujeito criança à sua posição sexuada.” (Zenoni, 2007, p. 18). É na possibilidade de também adquirir, a partir das identificações, que o menino buscará apropriar-se do pai como objeto de identificação, para ser como ele em suas ambições, fraquezas e ideais.

2.3.3 As identificações

A decisão do menino de não mais *ser* o falo, denota a possibilidade de *tê-lo*. Para isso, dada a articulação do percurso da castração, o pai precisa figurar como aquele que tem o falo desejado. E, nessa relação com o pai, enquanto doador, o menino encontrará um suporte para sua falta na identificação. Tal identificação é chamada de ideal do eu, o qual “exerce sua função sobre o desejo e a normatividade sexual. Lacan diz: tipificação. É uma função que coloca o sujeito sobre o eixo do que deve fazer como homem ou como mulher. . . O ideal do eu é uma formação da qual o sujeito sai novo” (Miller, 1999, p. 75).

Freud (1923/1996q) considerava que por trás do ideal do eu “jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua pré-história pessoal” (p. 44). Muitas foram as controvérsias e interpretações realizadas a respeito das formulações de Freud dessa identificação primária com o pai. Em algumas interpretações, como a de Ribeiro (2000), corroborando com pontuações de Lacan (1957-58/1999), a primeira identificação seria, na verdade, a identificação imaginária e especular, constitutiva da imagem corporal, que Lacan (1949/1998) descreve no estádio do espelho, enquanto teoria de formação e constituição da instância do *eu*. Imagem na qual o indivíduo se reconhece inteiro, em uma forma total do corpo que é mais constituinte do que constituída. No texto “Estádio do espelho como formador da função do eu” (1949), Lacan evoca o fascínio da imagem que organiza o *eu* sobre a desorganização corporal inicial do bebê, ao mesmo tempo em que mostra o corpo contornado pelos significantes que advém do Outro. Este será o fundamento

do eu ideal, que se refere à imagem almejada, que satisfaria o lugar no desejo do Outro, e onde o que se acredita ser o *eu* não se distancia da própria imagem do sujeito.

É a partir da identificação ao falo, etapa fálica primitiva, que o sujeito tem a possibilidade ingressar em uma relação com o significante, confrontando com a “ordem que fará da função do pai o pivô do drama” (Lacan, 1956-57/1995, p. 204). Assim, será necessário um movimento para situar o falo em relação ao pai. Isso porque, para além de uma relação imaginária que fundamenta a primeira alienação do sujeito ao desejo do Outro, Lacan propõe uma identificação simbólica, que pressupõe a passagem pelo Édipo, no que tange à identificação com o desejo da mãe à descoberta e simbolização da lei do Pai.

Nesse contexto podemos entender, conforme constrói Pereira (2005), que a identificação primordial ao pai, apontada por Freud (1921/1969k;1923/1996q), a qual implica “ser” como o pai e não “ter” o pai como objeto, refere-se a uma identificação por incorporação. Essa apreensão nos remete, portanto, ao mito do pai primevo, a partir do que têm-se o pai como modelo primitivo de investimento, que constitui o Nome-do-pai, ou seja, a função paterna que se concretiza, caso o complexo de Édipo transcorra como previsto.

Freud (1921/1969k) também havia assinalado uma modalidade de identificação, considerada como regressiva, que pressupõe a substituição da relação libidinal com um objeto pela identificação a um traço – *ein einziger Zug*. Embora tivesse acreditado, inicialmente, que essa modalidade de identificação se dava apenas na formação do sintoma, passa a advertir o quão comum e típica ela é. Afirma que “esse tipo de substituição tem grande parte na determinação da forma tomada pelo ego, e efetua uma contribuição essencial no sentido da construção do que é chamado de seu ‘caráter’” (Freud, 1923/1996q, p.41).

Em Lacan (1961/1992), a identificação ao traço, considerada como identificação significante, concerne a uma operação de castração, que pressupõe todo um movimento anterior e possibilita a formação do ideal do eu. Lacan, pelo menos inicialmente, denominou os elementos significantes da identificação do ideal do eu como “insígnias do pai”, decisivas na constituição identitária, que possibilitará uma atitude psicológica em que o menino se apresenta sob a máscara das insígnias da masculinidade. E, “se é possível haver identificações, se o sujeito chega, em sua vivência, a conferir esse ou aquele sentido ao que lhe é dado por sua fisiologia humana particular, isso se estrutura sempre nessa relação triádica constituída no nível do significante” (Lacan, 1957-58/1999, p. 268).

A saída do Édipo é favorável, no caso do menino, com sua identificação ao pai, permitindo que ele detenha todas as condições de virilizar-se quando adulto. Isso implica a mediação do pai, na medida em que ele consegue sustentar essa posição sexuada, encarnando

a “potência no sentido genital da palavra” (Lacan, 1957-58/1999, p. 200), dando provas de ter o falo e tornando-se um objeto preferível em relação à mãe. Essa função de ser preferível é o que possibilitará a consolidação do ideal do eu, pois a substituição da mãe pelo pai corresponde à revalidação da metáfora paterna. Mas, essa substituição veicula uma ambivalência inerente a ao processo e à relação com o pai; a saber, ainda que seja direcionada pelo medo da castração, aqui se mobiliza o componente de amor do filho para com o pai, concernido no Édipo invertido. Destarte, a possibilidade de se identificar ao pai impõe mais uma abdicação do menino; o amor ao pai.

A respeito disso, Freud (1923/1996q) elucida que há um resultado diferente do que se refere ao chamado “Complexo de Édipo positivo simples”, em que o menino abandona o investimento direcionado a mãe, substituindo por uma identificação ao pai. Introduz a ideia de um Complexo de Édipo mais completo, que inclui o chamado “positivo”, mas também o “negativo”, ou invertido, que diz da possibilidade do menino “apresentar uma atitude feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondente em relação à mãe.” (p. 46). O psicanalista faz essa discussão ao mencionar as maneiras pelas quais a bissexualidade é responsável pelas vicissitudes subseqüentes do complexo de Édipo, deixando “a impressão de que de modo algum o complexo de Édipo simples é a sua forma mais comum, mas representa antes uma simplificação ou esquematização que é, sem dúvida, freqüentemente justificada para fins práticos.” (Freud, 1923/1996q, p. 45). Considerando esse fator bissexual, reitera que

num certo número de casos, um ou outro dos constituintes desaparece, exceto por traços mal distinguíveis; o resultado, então, é uma série com o complexo de Édipo positivo normal numa extremidade e o negativo invertido na outra, enquanto que os seus membros intermediários exibem a forma completa, com um ou outro dos seus dois componentes preponderando. Na dissolução do complexo de Édipo, as quatro tendências em que ele consiste agrupar-se-ão de maneira a produzir uma identificação paterna e uma identificação materna. (p. 46)

Nesse momento do drama edipiano, se o componente feminino da bissexualidade do menino for muito intenso, encontrará a oportunidade para se fazer predominante na vida pulsional do sujeito, podendo instalá-lo numa posição passiva em relação ao pai (Freud 1923/1996q). Deste modo, ao afirmar a presença e importância do Édipo invertido na experiência do complexo como um todo, Lacan (1957-58/1999) ressalta a dialética, considerada por muito ambígua, da “identificação como enraizada no amor” (p. 176). O Édipo invertido não é tão simples, afinal, para se identificar como pai a partir de suas das insígnias fálicas, é preciso aceitar certa passividade, sem confundi-la com a posição de objeto.

Temos, então, que a lógica entre o amor e a identificação ao pai é a fórmula pela qual o menino encontra a solução terminal do Édipo. E Freud (1923/1996q) havia assinalado que a única maneira do sujeito abandonar seus objetos pulsionais é alterando o modo de investimento para a identificação, o que indica uma dificuldade em precisar esse processo considerando a natureza ambivalente e bissexual da criança na relação com os objetos pulsionais. Portanto é “a intensidade relativa das duas identificações em qualquer indivíduo [que] refletirá a preponderância nele de uma ou outra das duas disposições sexuais” (Freud, 1923/1996q, p. 46). Assim, as tendências opostas, que deverão ser recalçadas, ou seja, às disposições sexuais, masculina e feminina, determinam a saída da experiência edipiana em virtude da bissexualidade constitucional. No caso do menino, este deverá abandonar o investimento libidinal na figura do pai e intensificar a identificação para com ele, tendo como resultado a preservação da sua masculinidade e, em certa medida, a preservação da relação afetiva com a mãe.

Desse percurso, as catexias objetais, sendo substituídas por identificações, a autoridade paterna é introjetada e, a partir do que Freud (1923/1996q) denomina de supereu, a severidade do pai e perpetua a proibição do incesto, defendendo o sujeito do retorno do investimento libidinal. O *eu* rende-se às exigências do supereu, ou seja, renuncia às exigências de satisfação da pulsão por medo de perder o amor ou a proteção da autoridade externa. Assim, na dimensão do mito, o assassinato do pai revela que, tendo enfrentado a potência do Pai primevo, esse pode ressurgir ainda mais forte, mas agora interiorizado e incorporado e, além de restaurar uma lei interiorizada, dá aos filhos algo que confere sua força. Desse modo, o pai morto fixa-se como figura do Ideal, com a qual todos os filhos buscam se identificar. Nisso, Lacan (1958-59/2016) extrai que é a partir do luto do objeto que pode haver a identificação. Ou seja, ao assumir o pai na sua dimensão simbólica, enquanto aquele que está morto, que algo possa ser transmitido. Logo, o luto provoca um buraco no real e esse buraco “oferece o lugar onde se projeta precisamente o significante faltante. Trata-se, no caso, do significante essencial à estrutura do Outro, aquele cuja ausência torna o Outro impotente para nos dar nossa resposta . . . Ele é essencialmente o falo sob o véu.” (p. 360).

Dada a introjeção das insígnias do pai, será “no plano simbólico, isto é, aqui, no plano de uma espécie de pacto, de direito ao falo, que se estabelece essa identificação viril que está no fundamento de uma relação edipiana normativa” (Lacan, 1956-57/1995, p. 82). O que não denota que o menino seja, desde então, um homem, ou um sujeito viril, mas é a condição para “quando chegar o momento, se tudo correr bem, se o gato não comê-lo, no momento da puberdade, ele terá seu pênis prontinho junto com seu certificado” (Lacan, 1957-58/1999, p.

176). O “título” ficará guardado durante a fase de latência, a qual implica a interrupção momentânea da sua função sexual do órgão (Freud, 1905/1996m). No *a posteriori*, estando revestido das insígnias daquele com quem se identificou, o desejo que entrar em jogo não é mais o mesmo, as modificações se projetarão nas relações do sujeito com seus novos objetos.

Lacan (1956-57/1995) indica que, tendo o menino passado pela situação edípica em conformidade com certa normatização, na idade adulta, na relação simbólica, ver-se-á como “o portador do objeto do desejo para o objeto que sucede o objeto materno, o objeto reencontrado e marcado pela relação com a mãe primitiva que é, em princípio, o seu objeto na posição normal do Édipo . . . a saber, a mulher” (Lacan, 1956-57/1995, p. 83). Consequentemente, tendo o menino assumido a castração e se identificado ao pai, poderá fazer semblante de *ter* o falo no nível do amor, mas, por outro, no nível do desejo, procurará o falo que lhe falta do lado da mulher. (Lacan, 1957-58/1999)

Quando algo não se cumpre completamente nessa identificação metafórica à imagem do pai – e Lacan (1957-58/1999) diz que jamais é realizado completamente, ao se deparar com a castração –, o menino terá dificuldades em ocupar um lugar e a função viril. Considerando, com isso, que a função típica do Édipo implica que não basta ser heterossexual, ou seja, ter uma escolha de objeto heterossexual, pois, nisso pode-se “ocultar, ocasionalmente, uma atipia posicional que a investigação analítica vai nos mostrar ser derivada, por exemplo, de uma posição francamente homossexualizada” (Lacan, 1956-57/1995, p. 205). Em vista disto, “é preciso que o sujeito, moça ou rapaz, chegue a ela [à heterossexualidade] de forma tal que se situe corretamente com referência à função do pai. Aí está o centro de toda a problemática do Édipo.” (p. 205).

Portanto, a figura do pai e a função deste tornam-se uma referência fundamental da subjetivação, sobretudo, da sexualidade. Todavia, desde que essa mesma figura surge nas articulações freudianas, especificamente nas elaborações iniciais sobre a histeria, não se expressa apenas uma dimensão reguladora. Vimos como a relação ambígua estabelecida com o pai problematiza o complexo de castração. Com efeito, o fantasma da feminização, do tornar-se passivo diante do pai, ronda o menino de modo que possam surgir consequências psíquicas importantes. O embaraço afetivo vivido na relação com a figura paterna revela-se como aspecto da neurose e até de situações mais graves. Vejamos como estas questões figuram no âmbito da histeria em homens, a partir do percurso dos principais autores da psicanálise.

3 A HISTERIA MASCULINA NO PERCURSO TEÓRICO DA PSICANÁLISE

A histeria sempre se apresentou como um enigma e, por isso, sempre foi investigada por diversos autores, em diversos campos da ciência e do conhecimento, tais como a filosofia, medicina, a religião, e a psicanálise. Os principais pontos pelos quais é abordada referem-se à sua intrigante forma de manifestação sintomática e a relação com o feminino e a mulher. Dessa forma, ainda que a presente pesquisa tenha como tema a histeria masculina, é imprescindível e muito provável, no percurso sobre a história da histeria e das considerações e construções teóricas, que esbarremos com os aspectos relativos à histeria em mulheres, as quais protagonizaram importantes questões e mudanças que, inclusive, possibilitaram considerar a histeria independente de gênero.

Assim, a partir de um breve percurso histórico, pretendemos, neste capítulo, compreender como figurou a questão da histeria masculina até chegar ao que entendemos por meio da psicanálise. Propomos com a sessão inicial, pontuar aspectos a respeito da relação que, ao longo do tempo, estabeleceu-se entre a histeria e a mulher, bem como compreender como se deu a possibilidade de atestar a existência da histeria em homens. Em seguida, deter-nos-emos às especificidades da neurose no campo da psicanálise, a fim de delimitar o conceito e a dinâmica da histeria a partir de um rastreamento das referências que discutam pontos importantes da apreensão e identificação da temática na trajetória da teorização de Freud à Lacan, priorizando os casos trabalhados pelos autores.

3.1 Breve contextualização da histeria masculina

3.1.1 Da Antiguidade ao século XVIII

Inúmeros autores interessaram-se pela história da histeria. Trillat (1991), psiquiatra e autor de diversos trabalhos, apresenta as principais considerações a respeito da epistemologia e a clínica da histeria ao longo dos períodos históricos, até chegar à psicanálise e ao que chamou de “período contemporâneo” – por volta de 1984. Seu trabalho é referência nesta pesquisa pois busca ir além da relação da histeria com a mulher, destacando pontos importantes da discussão sobre a abordagem da histeria em homens.

Iniciamos pelas considerações a respeito da apreensão da histeria na Antiguidade. Trillat (1991) destaca os pressupostos de Hipócrates, para o qual a histeria, designada no primeiro momento como “sufocação da matriz”, indicava uma doença orgânica, ligada a um

distúrbio do útero, o qual era como um organismo vivo, comparado a um animal devido à sua agitação e possibilidade de deslocamento, que poderia causar a sufocação, afetando o corpo em sua totalidade. O termo *hysteria* teria sido acrescido, posteriormente, aos trabalhos de Hipócrates, por Littré, conjugando a relação da afecção com útero também através da etimologia da palavra. Desse modo, em sua origem mais remota, a histeria apresenta-se relacionada ao aparelho reprodutor feminino, trazendo em questão assuntos relacionados aos órgãos genitais, gravidez, esterilidade e aborto. O tratamento que se indicava era preventivo, e se referia ao casamento, uma vez que o coito poderia manter e acalmar o útero em seu lugar. Segundo Trillat (1991), Platão também sustentava a ideia de uma animalidade do útero, que seria um dos aspectos que diferenciava as mulheres dos homens. Com isso, a ideia da histeria em homens nem sequer era discutida, já que o homem aparece como superior, sendo as mulheres consideradas reencarnações de seus espíritos vis e covardes.

As primeiras alusões às mudanças na forma como era abordada a histeria partem das considerações dos estudiosos Celso (30-38 a.C.) e Areteu de Capadócia (primeiro século d.C.). O primeiro teria pontuado distinções entre a histeria e a epilepsia, e o segundo, Capadócia, assinalou que alguns sintomas da histeria, próprios daquela época, tal como o prejuízo das funções de vigília da consciência e a sufocação ou desaparecimento da voz, também poderia acometer os homens. No entanto, nos homens, em vez de histeria, recebia o nome de “catoche”. (Trillat, 1991, p. 27).

Após essa primeira aproximação, a possibilidade do questionamento da existência da histeria em homens só foi possível com a mudança no foco em relação à sua origem. Nesse sentido, destaca-se a importância do desenvolvimento da medicina, sobretudo com o conhecimento da anatomia e do funcionamento dos órgãos. Soranos de Éfeso (98-138 d.C.), ginecologista, é citado por Trillat (1991) por ser o primeiro a contribuir para um melhor entendimento sobre o útero, descartando sua característica de animalidade. Também nesse contexto, Claudio Galeno (131-201 d.C.), indo além da ideia de deslocamento do útero, relaciona a histeria, mais diretamente, à privação da relação sexual. Galeno propõe a teoria das sementes, na qual a histeria implicaria a ausência de escoamento dessa semente, considerada uma espécie de “esperma feminino”. A retenção provocaria a produção de humores que, alcançando os centros nervosos, resultavam nos sintomas histéricos. Diante disso, esboçava-se a preocupação sobre o que ocorreria ao homem no caso de retenção de sua semente, e as ideias de Galeno indicam que, nos homens, haveria efeitos patológicos de mesma origem, mas com sintomatologia diferente. A expressão sintomática nos homens

demarcava um estado depressivo (tristeza, desgosto, desespero) e de distúrbios funcionais, o que ficou conhecido como hipocondria (Trillat, 1991).

Na Idade Média, por influencia do Cristianismo, a histeria é tomada pela explicação religiosa e as histéricas são vistas como feiticeiras que sofrem de possessão demoníaca, sendo levada até mesmo a execução pelas práticas do mal. As manifestações da histeria eram tidas como afronta à ordem da Igreja; uma falta de submissão à ordem divina e social. Com isso, a questão de valores e conduta social aparece como determinação para que a histeria ou a relação com a bruxaria fosse predominantemente apontada entre as mulheres. Wier (1515 - 1588) ponderava que as mulheres não seriam responsáveis pelos atos, uma vez que o diabo se aproveitava de seus espíritos fracos, perturbados e melancólicos (Trillat, 1991).

No final do período da Inquisição, a explicação alternava entre o saber da religião e o da medicina. Após importantes transformações sociais e culturais, sobretudo na época do Renascimento, a medicina avança e a histeria aparece enquanto uma doença de causas internas e naturais, exigindo novas explicações sobre sua etiologia. Aqui, destacamos a dupla corrente de estudos do século XVII, que se dividia entre a teoria uterina e a cerebral, e também a principal questão que se apresenta sobre a classificação da histeria; seria ela uma doença como as outras? A tentativa de organização semiológica e nosográfica possibilitaram uma melhor configuração do quadro da histeria, como também a distinção entre esta, a epilepsia e a hipocondria.

Trillat (1991) começa por destacar a retomada da ideia de Galeno a partir do *Tratado sobre os vapores* (1689), em que Lange relacionava a histeria ao modo como tais vapores acumulam no útero e eram transportados para o cérebro. Segundo esta concepção, os vapores seriam provocados por “fermentos seminais”. Tais fermentos poderiam se agitar e se comportar de modo diferente em homens e mulheres, sendo que nelas a particularidade dos vapores produzidos dificultava seu transporte para os órgãos sexuais, situação que poderia se agravar com a abstinência sexual. Os homens, por produzirem vapores mais voláteis, estariam livres dessa afecção.

Na outra corrente, destacavam-se as formulações de Charles Lepois (1563-1633), que atribuía à histeria a causalidade cerebral, considerando a interferência das perturbações da alma, medos e alegrias devido ao movimento que causavam no sistema nervoso. Assim, retoma a discussão sobre a existência da histeria em homens afirmando que “a histeria não é o apanágio da mulher. Os sintomas dessa afecção são quase todos comuns aos homens e as mulheres.” (Lepois citado por Trillat, 1991, p. 69).

O século em evidência revelou um intenso movimento na apreensão da histeria a partir de importantes características, possibilitando desdobramentos posteriores. Thomas Sydenham (1624-1689), apesar de certo retrocesso em algumas concepções, destacou a multiplicidade de formas e a capacidade de simulação presente na histeria. Segundo Trillat (1991), Sydenham sustentou a diferença na classificação da histeria enquanto doença, dizendo que esta não seguiria nenhuma regra, mas poderia imitar qualquer doença, em qualquer parte do corpo. Este autor, tal como Joseph Raulin (1708-1784) que atribuiu à histeria uma afinidade com os excessos de sentimentos e emoções, acreditavam que a histeria se relacionava, diretamente, à sensibilidade nervosa feminina, fruto dos costumes e educação imposta. (Trillat, 1991). Com tais formulações, começa-se a evidenciar a dimensão propriamente afetiva da histeria e de seus sintomas, bem como a relação com os valores e a ordem da cultura. Para aquela época, essas percepções da relação com as chamadas “paixões” indicavam, conforme Chiabi (2012), que a histeria concernia a uma “doença dita da alma. Então, sustentar a ideia da histeria também ao sexo masculino era desafiador, pois o mundo era assim dividido: homens de um lado e de outro as mulheres, as histéricas, as feiticeiras, os heréticos” (p. 26). A superioridade que imperava na figura masculina firmava a necessidade de diferenciar a histeria e hipocondria, sendo a segunda articulada aos diagnósticos dos homens.

Retomando o apanhado histórico de Trillat (1991) a respeito do conflito entre a dupla corrente, destacamos: William Cullen (1712-1790), que, a partir da constatação da causalidade neurológica, propôs o uso da palavra “neurose”; Franz Anton Mesmer (1734-1815), com a ideia de magnetismo e a tentativa terapêutica pelo toque médico-paciente, bem como o tratamento pela indução de sintomas que possibilitou a observação a respeito do que, posteriormente, se entenderia por “sugestionabilidade”; James Braid (1795-1860), que introduz o uso do termo “hipnose”, técnica que poderia produzir sintomas típicos da histeria; e Paul Briquet (1796-1881), que teria sido responsável por um maior distanciamento da teoria uterina, substituída pela ideia da descarga emocional, contudo, mantendo próxima a relação da histeria com a mulher e o feminino. Briquet também atribuíra um sentido às crises, relacionando-o com a história do sujeito. Para além, outro importante nome, que não escapa a certo anacronismo na sua abordagem, é Philippe Pinel (1745-1826), que, apesar de retomar a ideia da relação de histeria com o útero e a abstinência sexual, possibilitou a classificação das doenças mentais em que, posteriormente, a histeria se encontraria; com isso, contribuiu para uma abordagem mais científica da histeria (Trillat, 1991).

Todo esse movimento de descobertas e retrocessos, além do desenvolvimento científico da época, possibilitou que, na passagem para o século XIX, se intensificasse os

questionamentos a respeito da frequência da histeria em mulheres e sua ocorrência em homens. Segundo Trillat (1991), nesse contexto, destacam-se autores como Étienne-Jean Georget (1795-1828) e Breuillard (1870) que, tendo refutado a ideia da exclusividade da histeria em mulheres, vieram a publicar vários casos de homens histéricos.

Chiabi (2012), em seu trabalho sobre a história da histeria masculina, faz esse resgate histórico e detalhado sobre a temática, se baseando em diversos autores, apontando que, entre avanços e retrocessos na concepção da histeria, somente no final do século XIX teria sido possível discutir e sustentar a ocorrência da histeria em homens. Os nomes que se destacam são Charcot e Freud, os quais nos possibilitam caminhar para o objetivo da pesquisa.

3.1.2 Charcot e a histeria traumática

De acordo com Freud (1886/1996b), as principais e mais importantes mudanças no trato da histeria foram possíveis a partir dos trabalhos de Jean-Martin Charcot (1825-1893), médico neurologista do hospital Salpêtrière que indicou o modo peculiar de funcionamento da histeria, retirando-a do campo das doenças nervosas de alterações estritamente orgânicas e colocando-a na categoria das neuroses de origem traumática e predisposição hereditária. Os trabalhos de Charcot permitiram avançar no que diz respeito às suposições que rondavam a concepção da histeria, desmistificando sua relação com o aparelho reprodutor ou mesmo com o genital feminino, evidenciando a existência e a frequência da histeria em homens.

O percurso de Charcot, delineado por Trillat (1991), é apreendido em etapas nas quais, inicialmente, a *observação* permitiu diferenciar a histeria das demais doenças de origem neurológica e sistematizar os sintomas e as crises histéricas. Em seguida, a *experimentação* teve como principais métodos o uso de metais, eletricidade e imãs, através dos quais produzia e ocultava sintomas, revelando seu deslocamento entre as partes do corpo. A partir dos experimentos, deparou-se com o *hipnotismo*, em que figurou a característica dos pacientes histéricos em responder a comandos verbais durante o estado hipnótico, por meio do que se provocava uma histeria “artificial”. A hipnose, que fora nomeada por Braid, consiste em uma forma de provocar, por meio de sugestão, um estado de sonambulismo, em que o hipnotizador pode assumir uma postura de comando sobre o sujeito que se submete às ordens proferidas. Charcot chegou a acreditar que somente os histéricos se submetiam a esse processo, por meio do qual constatou que haveria algo além dos sintomas apresentados que sugeriam uma forma própria da origem sintomática da histeria. Nesse caminho, o neurologista também procurou diferenciar as crises histéricas das crises epiléticas (Trillat, 1991).

Por fim, a última etapa percorrida por Charcot refere-se à chamada *histeria traumática*. Para o presente trabalho, esta se torna fundamental, pois, a partir dessa apreensão tornou-se possível a discussão, mais especificamente, dos casos de histeria masculina. A ideia de histeria traumática refere-se aos casos em que o sujeito apresentava sintomas tipicamente histéricos, sobretudo uma paralisia, após um acidente físico e traumático. Por meio de associações com resultados da hipnose, Charcot supõe que, tal como a paralisia provocada pela sugestão, na histeria traumática, os sintomas só se apresentariam se houvesse uma predisposição à histeria no indivíduo; o traumatismo não consistia a causa da histeria, mas o estímulo para que o quadro já existente se manifestasse (Trillat, 1991).

A noção de “sugestão” aparece como um aspecto importante na apreensão da histeria traumática que Charcot pôde formular com base na ideia do hipnotismo. Trillat (1991) relata um caso de Charcot, de histeria traumática, em que um vendedor de verduras, ao sofrer um pequeno incidente, juntamente com a carroça que utilizava em seu trabalho, perdera a consciência e ficara, inicialmente por dias e depois por meses, na cama com uma paralisia nos membros inferiores. Acontece que o incidente não teve qualquer impacto direto com o corpo do homem, que fora chamado de Log. No entanto, ainda que o atrito tivesse sido apenas em sua carroça, e o homem tenha sido apenas projetado pelo impacto, o vendedor criara um relato um tanto quanto particular sobre o ocorrido; ele diz que “o carro do lavadeiro vem encima dele como um grande estrondo. O cavalo se lança sobre ele e lhe bate com a cabeça no peito; ele cai e o pesado carro passa sobre seu corpo” (Charcot citado por Trillat, 1991, p. 156).

Charcot declara que a paralisia de Log teria sido consequência de uma autossugestão, e a situação ocorrera porque o vendedor já seria um histérico antes do acidente. Com isso, conforme pontua Trillat (1991), revela que para além da palavra do hipnotizador, a sugestão poderia vir da apreensão do sujeito de qualquer outra experiência ao seu redor, como uma sensação, cheiro ou visão de objeto. Este aspecto será ainda mais articulado nos desdobramentos da histeria a partir da psicanálise.

Para além, o neurologista procurou demonstrar que estados atribuídos à intoxicação e alcoolismo em alguns trabalhadores ferroviários eram de natureza histérica, apresentando alguns casos em suas aulas de apresentação de pacientes. Todavia, outros médicos e estudiosos encontraram denominações diferentes para as patologias que observavam nos homens trabalhadores, apesar de reconhecer a relação com a histeria. Trillat (1991) cita Dr. Herbert Page (1862-1927), médico da Inglaterra, que propôs denominações como “*Railway spine*” e “*Railway-brain*”. A chamada *Railway Spine* “corresponderia à doença causada por acidentes de trem, em que vários homens apresentam paralisia e incapacidade para o trabalho,

sem que os médicos encontrem motivações orgânicas” (p. 48). A explicação de Page era de que os distúrbios da doença eram provocados pelos acidentes apenas em sujeitos histéricos ou neurastênicos, o que concordava com as ideias de Charcot. Na verdade, tal como Freud (1886/1996b) pontua, Charcot enfrenta grande oposição no uso da expressão “histeria traumática”, especialmente, quando atribuída aos homens, devido ao estigma e a relação, que ainda se fazia vigente, entre a histeria, a mulher e o feminino. O que também é percebido por Charcot:

Ainda se pode admitir que uma mulher ou que um homem afeminado apresentem sintomas histéricos, mas que um robusto trabalhador, um artesão vigoroso, não debilitado pela cultura, como, por exemplo, um maquinista possam, após um acidente, tornarem-se histéricos tanto quanto uma mulher, pensa-se, eis aí algo que ultrapassa a imaginação. (Charcot citado por Trillat, 1991, p. 160)

A dedicação ao estudo da manifestação da histeria em homens parece ter sido o assunto final dos trabalhos de Charcot que, segundo a leitura de Trillat (1991), justifica-se pelo contexto social de trabalho da época, em que os avanços da maquinaria, do tráfego ferroviário e, portanto, o crescimento dos acidentes, fazia com que as companhias de seguro fossem acionadas com maior frequência. De acordo com Chiabi (2012), o questionamento das companhias se direcionava, principalmente, ao fato de que após os homens acidentados no trabalho receberem assistência médica e alta, os mesmo permaneciam em casa, recusando a voltar ao trabalho. E, tendo percebido que algo estaria para além dos acometimentos corporais, Charcot insistira no diagnóstico da histeria.

Assim, o neurologista apontou que a histeria traumática teria uma grande incidência na classe trabalhadora e que a indicação de predisposição do sujeito histérico à instalação dos sintomas poderia, de fato, absolver a companhia e as condições de trabalho pelo quadro apresentado. No entanto, afirma que isso não poderia impedir o desenvolver dos estudos relativos à histeria traumática e que os preconceitos e rótulos que ainda vigorava, deveriam ser um estímulo a mais para se conhecer melhor a própria histeria masculina (Trillat, 1991). Entretanto, a ideia de histeria traumática cai em descrédito após a morte de Charcot, permanecendo apenas a referência à neurose traumática. Posteriormente, retoma-se a discussão a partir da experiência trágica da guerra de 1914-1918, sobretudo com os estudos de Freud sobre o assunto.

3.1.3 “Sobre a histeria masculina”: as formulações pré-psicanalíticas de Freud

Sigmund Freud (1856-1939), médico neurologista e criador da Psicanálise, teria enfrentado diversas atribuições, desapontamentos, preconceitos e resistências para sustentar suas ideias desde antes de inaugurar uma nova forma de pensamento que desafiara muito preceitos de sua época. Um dos assuntos que aparece em seu percurso como desafiador é, propriamente, o estudo da histeria masculina. E, para além do que veremos como resistência do meio acadêmico e científico da época frente à temática, outro ponto que também nos parece importante é que Freud se considerava um histérico e sua própria condição pode ter sido um ponto de dificuldade no curso de seu trabalho. Diz ele:

O principal paciente que me preocupa sou eu mesmo. Minha leve histeria (muito agravada, porém, pelo trabalho) foi resolvida em mais uma parte: mas o resto ainda está na imobilidade. É principalmente disso que depende o meu humor. A análise é mais difícil do que qualquer outra coisa. É ela também que paralisa minha energia psíquica para descrever e comunicar o que consegui até agora. Mas penso que deve ser feita e que é uma etapa intermediária necessária em meu trabalho. (Freud, 1897/1996h, p. 315)

No que tange ao desenvolvimento de seus estudos, Freud foi aluno e admirador de Charcot. No hospital de Salpêtrière, conheceu o professor e, a partir de suas aulas, interessou-se pelas abordagens, realizando trabalhos em parceria. Dada a admiração pelo médico e professor, Freud, atento aos ensinamentos, capturou pontos essenciais a respeito do estudo das paralisias traumáticas e demais sintomas, desviando seu interesse, primordialmente, para a origem da histeria.

Ao findar os estudos, Freud escreve um breve relato sobre suas experiências, ressaltando os temas investigados, bem como a obstinação de Charcot no estudo da histeria traumática e da histeria em homens. Nesse relatório, ao recapitular o modo como a histeria estava sendo apreendida, ressalta os preconceitos que foram circuncidando os trabalhos e a visão sobre o tema, impossibilitando “considerar a palavra histeria como um termo com significado bem definido” (Freud, 1886/1996b, p. 44).

Insistente em seus interesses, Freud leva para o meio científico os aprendizados obtidos no período de estudos em Salpêtrière. Inclinado sobre o tema da histeria masculina, escreve e apresenta seu primeiro artigo sobre o assunto, *Über mannliche hysterie* – “Sobre a histeria masculina”. O trabalho não fora publicado devido a objeções. De acordo com Freud (1925/1996u), na ocasião de apresentação de tal artigo, ele é desafiado por Meynert, médico da sociedade de medicina de Viena, a expor um caso que comprovasse o que havia dito.

Antes de abordarmos o caso que Freud apresenta, há algumas considerações interessantes sobre os desdobramentos desse primeiro episódio. Segundo Chiabi (2012),

citando o trabalho de Ellenberger (1970), Freud teria sido criticado na apresentação do referido artigo por outros motivos relacionados à organização da sociedade médica de Viena, e o próprio Freud é quem teria sentido obrigação de retomar o assunto com a apresentação de um caso que confirmasse suas elaborações. No entanto, Freud (1925/1996u) afirma que, após conseguir apresentar o caso de histeria masculina, mesmo que este tenha sido mais bem aceito que seu primeiro artigo, permaneceu a impressão de rejeição em relação a suas ideias e “com minha histeria em homem e minha produção de paralisias históricas por sugestão, vi-me forçado a ingressar na Oposição” (p. 23). Afirma que, com isso, é afastado do laboratório de anatomia cerebral e também impedido de realizar suas conferências.

Um ponto curioso, relatado por Freud (1900/1996j), ainda a respeito desse contexto, é que Meynert, pouco antes de sua morte, teria feito a seguinte confissão: “Você sabe, sempre fui um dos casos mais claros de histeria masculina” (p. 471). Quando toma nota dessa confissão de Meynert, Freud diz ter encontrado certo sentido de tanta oposição e objeção. Entendemos que, qualquer que fosse a versão verdadeira sobre a insistência em apresentar o caso de histeria em homens, é possível que, ainda nesse momento, houvesse resistência e muita divergência no tocante à discussão do assunto.

Afinal, o caso apresentado trata do paciente August P., descrito no texto “Observação de um caso grave de hemianestesia em um homem histórico” (Freud, 1886/1996c), no volume das publicações pré-psicanalíticas de Freud. O relato apresenta poucos fatores psicológicos, detendo-se mais aos sintomas corporais: fortes espasmos, tremores e perda da sensibilidade que acometiam apenas o lado esquerdo do corpo do homem, mas tudo isso associado a um estado depressivo. August trabalhava como gravador e tinha, na época, vinte e nove anos. O histórico familiar carrega complicações e diferentes diagnósticos. Freud comenta que o pai do pintor bebia muito e tinha um comportamento violento, e que um dos irmãos também indicava um quadro histórico.

O paciente, aos oito anos, em decorrência de um acidente, tivera a audição do lado direito permanentemente afetada pela ruptura do tímpano, passando a apresentar constantes desmaios, cuja natureza não fora desvendada. No entanto, havia procurado Freud devido aos sintomas que surgiram após dois episódios; o primeiro, ocorrido três anos antes, em que August, ao cobrar uma dívida, é ameaçado pelo irmão com uma faca, chegando a perder a consciência, apresentar espasmos e dores de cabeças no lado esquerdo – ao que tudo indica, este episódio exige do pintor o deslocamento de uma posição passiva para ativa; aquele que cobra e exige rever o dinheiro emprestado, no entanto, sofre o golpe do irmão sob o qual não consegue reagir. O segundo acontecimento, sete semanas antes de procurar Freud, quando

uma mulher o acusara de roubo, intensifica o estado anterior, levando-o a um quadro depressivo. Em decorrência, o paciente precisou afastar-se do trabalho, o que nunca havia acontecido desde que começou a se dedicar ao ofício de gravador havia mais de dez anos. Esta observação parece indicar a intensa dedicação ao seu ofício, bem como a permanência a serviço de um mestre do ofício. Além disso, observa certa privação no que se refere aos relacionamentos e momentos de lazer.

O relato do caso permite destacar tanto um episódio traumático, o acidente, quanto o choque emocional decorrente das experiências posteriores. Nos exames não foram encontradas patologias que justificassem os sintomas apresentados. A hemianestesia acometera, praticamente, todos os sentidos e movimentos do lado esquerdo e, tal como aponta Freud (1886/1996c), curiosamente, apenas a audição do ouvido esquerdo não fora afetada. Lembrando que, caso houvesse comprometimento, August teria toda audição danificada, uma vez que a do ouvido direito perdera no acidente da infância. Dada as observações, o psicanalista conclui algo para além do acometimento orgânico e estabelece o diagnóstico de histeria que, naquele momento, firmava-se nas ideias que trouxera de seu encontro com Charcot, semelhante ao que estabelecera no texto “Histeria” (1888/1996d).

No referido texto, a histeria é apresentada como alterações fisiológicas do sistema nervoso e associada a condições de excitação em diferentes partes desse sistema. Os sintomas, apesar de indicarem certa ordem, eram vastos e associavam-se a determinadas zonas do corpo nas quais poderiam ser desencadeados distúrbios sensoriais, paralisias e contraturas. Os ataques convulsivos e a característica do exagero também faziam parte da sintomatologia histérica. Em relação ao tratamento neste período, acreditava-se na remoção das fontes psíquicas que permitiam o aparecimento dos sintomas, ou seja, “consiste em dar ao paciente sob hipnose uma sugestão que contém a eliminação do distúrbio em causa.” (Freud, 1888/1996d, p. 93). Em relação à histeria masculina, o autor destaca:

Os homens em idade juvenil parecem particularmente suscetíveis à histeria devida a trauma e intoxicação. A *histeria masculina* tem a aparência de uma doença grave; os sintomas que produz são quase sempre pertinazes; a doença, em homens, de vez que tem a importância maior de provocar uma interrupção do trabalho, tem também maior importância prática. (Freud, 1888/1996d, p. 89)

Ainda nesse artigo, nota-se que Freud destaca os sintomas e observações da histeria também em relação aos homens. Quando discute as zonas histerógenas – áreas supersensíveis do corpo em que se percebem as primeiras sensações de um ataque –, aponta que as áreas mais afetadas nos homens seriam os testículos e o cordão espermático. Ademais, ao salientar

a tendência da histeria em combinar-se com outras doenças neuróticas e orgânicas, Freud (1888/1996d) ressalta que, em homens, faz-se muito comum a combinação da histeria com a neurastenia, entendida enquanto uma economia insatisfatória de energia sexual e que, posteriormente, o autor irá diferenciar da histeria em relação à sua origem.

Além disso, das influências de Charcot advém a ideia da hereditariedade como fator ligado à origem da histeria, por meio da qual Freud (1888/1996d) chega a acreditar que “a transmissão hereditária direta da histeria também é constatada; e é a origem, por exemplo, do surgimento da histeria em meninos (originária da mãe)” (p. 86). Essa concepção da hereditariedade fora, posteriormente, abandonada, assim como o método da hipnose que Freud trouxera de Charcot. O psicanalista passa a fazer o uso do processo com outra finalidade: em vez de dar ordens, fazia perguntas aos pacientes hipnotizados, a fim de descobrir a origem do acometimento. Essa observação aponta algo que se diferenciava na abordagem que Freud fazia da histeria, a qual começa a se desenvolver na parceria com Breuer.

Na parceria com Breuer, Freud havia afastado, de certo modo, o foco na histeria masculina. No entanto, se mantém assíduo nas investigações sobre o quadro em geral. O trabalho em conjunto dos dois autores trouxe grandes contribuições a respeito da etiologia da neurose, publicadas em *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895). Os autores avançam no aspecto traumático da histeria, privilegiando os processos psíquicos, abandonando as determinação e causalidades naturais dos sintomas.

Breuer e Freud (1893-95/1996a) propõem o trauma como o nó causal da histeria, que aparece associada a uma atitude de esquivia frente a uma parte da realidade. Nesse contexto, a experiência traumática designava qualquer fato que, atuando como uma espécie de corpo estranho, causasse sentimentos fortes, como susto, o medo e também a vergonha. A formulação concisa de que os histéricos sofreriam principalmente de reminiscências (Freud, 1893-95/1996a), expressa a ideia de que a causa do sintoma na histeria encontra-se no retorno, ou lembrança do acontecimento traumático que não teve a excitação descarregada de forma adequada no momento da experiência. O traumático, portanto, é relativo ao afeto intenso, maior que a capacidade do aparelho psíquico do sujeito pode suportar e elaborar.

Apesar de não haver elaborações diretas sobre a histeria masculina nessas proposições, existem pequenos exemplos e relatos de casos que incluíam, também, homens. Um dos casos refere-se a um garoto de doze anos que apresentara dificuldades de se alimentar, além de vômitos frequentes e dores de cabeça. O diagnóstico médico de inflamação de garganta mostrara-se falho e, após ter sido encaminhado a Breuer, que suspeitara de uma base psíquica

em seu estado, o menino confessou que, ao ser abordado em um banheiro, um homem mostrou-lhe o pênis e pediu que o colocasse em sua boca. Segundo Breuer,

Tão logo fez sua confissão, recuperou-se inteiramente. Para produzir a anorexia, a dificuldade de engolir e os vômitos, vários fatores se fizeram necessários: a natureza neurótica inata do menino, seu intenso pavor, a irrupção da sexualidade em sua forma mais crua no seu temperamento infantil e, como fator especificamente determinante, a idéia de repulsa. A doença deveu sua persistência ao silêncio do menino, que impediu a excitação de encontrar sua saída normal. (Breuer & Freud, 1893-95/1996a p. 232)

Dentre outros pontos, o relato de Breuer nos possibilita destacar que a apreensão da etiologia da histeria nesse momento corrobora com a relação do trauma (externo) com a suscetibilidade do indivíduo (interno) para que se apresente o quadro. O caso em questão também veicula um assunto de grande importância no percurso da histeria nos estudos de Freud: o conteúdo sexual. Nos trabalhos com Breuer, o assunto já adquiria relevância e era admitido como fator frequente e relacionado à histeria. Contudo, o tema acabou sendo um dos aspectos responsável pelo distanciamento dos trabalhos dos autores, uma vez que Freud postulava que a natureza das experiências traumáticas seria eminentemente sexual, colocando a sexualidade como elemento determinante na origem da histeria. Somado a este, outro ponto divergente entre as ideias dos autores.

O método que Breuer propunha no tratamento das histéricas também influenciou muito os trabalhos de Freud. Tal método consistia em fazer o paciente falar, em estado hipnótico, até chegar ao acontecimento primordial e desencadeador, fazendo com que a força que mantivera o sintoma deixasse de atuar (Breuer & Freud, 1893-95/1996a). O procedimento funcionou por certo tempo, mas Freud percebe que havia resistência à hipnose, o que o leva a investigar e concluir a existência de uma força psíquica que se oporia à possibilidade das representações patogênicas tornarem-se conscientes e que permitisse aos pacientes narrarem sua história e seus sintomas.

3.2 A organização psíquica da histeria e os homens histéricos em Freud

Na parceria com Breuer, Freud já esboça pontos importantes da teoria psicanalítica e postula as percepções a respeito da natureza sexual dos conteúdos traumáticos e inacessíveis à consciência do sujeito. É nessa circunstância que se abre caminho para a conhecida Teoria da sedução, que dá início, efetivamente, ao pensamento psicanalítico, e se torna a primeira explicação etiológica para histeria no campo da psicanálise. Neste contexto, a histeria é compreendida enquanto uma neurose de defesa e tem sua origem explicada pela passividade

frente a uma experiência sexual precoce e traumática de intensidade variável, podendo chegar à “excitação real dos órgãos genitais, resultante do abuso sexual cometido por outra pessoa” (Freud, 1896/1996e, p. 151) – que, por vezes, acreditava-se ser o pai da criança.

A concepção sobre a passividade no período pré-sexual reforçava a teoria da sedução e também contribuía para a explicação inicial a respeito da predominância da histeria em mulheres, sobre as quais julgavam um comportamento sexual naturalmente passivo. Todavia, Freud (1896/1996f) assinala que “nos casos em que encontrei histeria em homens, pude comprovar, em suas anamneses, a presença de acentuada passividade sexual” (p. 275). Isso implica dizer que a histeria envolveria, ao contrário da neurose obsessiva, “uma experiência à qual alguém se submeteu com indiferença ou com um pequeno grau de aborrecimento ou medo” (Freud, 1896/1996e, p. 154). Mesmo tendo abandonado esse ponto de vista conclusivo, as formulações do psicanalista continuaram mantendo, de alguma maneira, a correlação observada entre passividade e histeria, atividade e neurose obsessiva.

Tal explicação etiológica da histeria mantém a ideia da impossibilidade de lidar com uma representação incompatível, ou seja, uma experiência traumática, mas ressalta que a natureza dessa experiência é sempre sexual e que ganha importância quando a lembrança inconsciente é ressignificada. Sendo assim, as experiências sexuais infantis podem tornar-se patogênicas em um momento posterior, pois o desenvolvimento do aparelho psíquico é que reforça os impulsos libidinais provenientes das impressões e representações dessas experiências (Freud, 1896/1996g).

A partir do estabelecimento do conteúdo sexual das experiências traumáticas, a grande mudança nas ideias de Freud concerne à noção de realidade psíquica e à constatação da existência e da influência de uma sexualidade infantil marcada pelas excitações sexuais e pelos efeitos no desenvolvimento pulsional do sujeito. Os desdobramentos disso levaram Freud (1897/1996i) a rever suas ideias e a constatar que as experiências de sedução, na verdade, revelavam a fantasia da própria criança. Ao comentar o valor das descobertas, diz:

Se os pacientes histéricos remontam seus sintomas a traumas que são fictícios, então o fato novo que surge é precisamente que eles criam tais cenas na *fantasia*, e essa realidade psíquica precisa ser levada em conta ao lado da realidade prática. Essa reflexão foi logo seguida pela descoberta de que essas fantasias destinavam-se a encobrir a atividade auto-erótica dos primeiros anos de infância, embelezá-la e elevá-la a um plano mais alto. (Freud, 1914/1969c, p. 27-28)

É importante notar que Freud não abandona a primeira teoria, mas passa a considerar que as experiências sexuais traumáticas não necessariamente envolveriam a ação de um

agente. Conclui que, embora as fantasias indicassem uma realidade psíquica, em contraste com a realidade material, nas neuroses essa realidade psíquica seria decisiva (Freud, 1917/1969f). Essa realidade psíquica refere-se à realidade do sujeito, da forma singular pela qual este se coloca, apreende, ou deixa de apreender o mundo. Portanto, as fantasias continuam mantendo a carga traumática que se atribuía a um acontecimento real, mas convoca o sujeito, uma vez que, para que algo se torne traumatizante, depende dos aspectos da sua organização que atribui significação às experiências (Trillat, 1991).

Segundo Freud (1919/1969h), a fantasia surge no discurso do sujeito remetendo-se a uma cena difusa, por meio de um relato hesitante e vergonhoso, mobilizando certa resistência. Isto porque se trata de uma maneira de encobrir o conteúdo sexual traumático, revelando o modo ativamente defensivo com que o sujeito lida com a própria sexualidade. Essa relação das chamadas neuroses de transferência com as fantasias e os conflitos sexuais infantis, tornaram-se o ponto em que Freud (1919/1969i) passa a diferenciar a histeria das neuroses traumática, especialmente, das neuroses de guerra.

O autor sugere que, nas neuroses traumáticas, tal como na neurose de guerra, tendo o campo de batalha como a situação de risco base, o conflito seria travado entre o velho ego pacífico de um soldado e o seu novo ego bélico. Portanto, tal condição se assemelharia à histeria apenas pelo quadro sintomático, mas não pela sua etiologia sexual. Chiabi (2012) articula que, dadas as resistências, Freud possa ter sido compelido em aceitar que não haveria traços de etiologia sexual nas neuroses de guerra, refutando o elemento central da sua teoria. No entanto, em seus relatos, Freud (1919/1969i) indica que tal diferenciação seria um cuidado em admitir a possibilidade de um ponto divergente da teoria sexual, dado que as investigações sobre a neurose de guerra eram pouco conclusivas.

No que tange à apreensão da histeria, desenvolveu-se, cada vez mais, a ideia da etiologia sexual inerente ao desenvolvimento da criança como o que de fato se apresenta como traumático. A experiência traumática inunda o aparelho psíquico através de um excesso pulsional inassimilável. A neurose histérica resultaria de um movimento de defesa, mais propriamente do que Freud (1915/1969d) denominou de “recalque” – *Verdrangung* -, que resistiria às representações e os afetos das experiências sexuais da infância.³

³ Na referência utilizada os termos “repressão” e “recalque” são traduzidos como sinônimos do que Freud chamou *Verdrängung*. No entanto, o próprio Freud, posteriormente, pontua a diferença entre os termos. Assim, se o recalque denota um processo que ocorre na fronteira entre inconsciente e pré-consciente, a repressão, Segundo Laplanche e Pontalis (2001), é um mecanismo que atua no nível da segunda censura, e se refere à exclusão de algum material do campo da consciência, tendo como fundamento as motivações morais.

Tais representações e afetos concernem à pulsão, a qual designa um impulso energético originário de um processo excitatório em um órgão, composta por dois representantes pulsionais: o afeto, que designa uma energia, e a representação, ou seja, a ideia, os quais entremeiam o acesso da pulsão à esfera psíquica. A rigor, uma pulsão não pode ser nem destruída nem inibida, tendo surgido, coercitivamente, ela irá buscar a satisfação. É sobre essa coercitividade imperiosa de satisfação que irá incidir a defesa sobre os representantes psíquicos da pulsão (Freud, 1915/1969e).

Com o recalque, as ideias e representações ligadas às pulsões, cuja realização produtora de prazer comprometeria o equilíbrio do funcionamento psicológico do sujeito, tendem a ser mantidas no inconsciente. Freud (1915/1969d) destaca que o recalque compreende três momentos: um primeiro momento de fixação dos primeiros representantes psíquicos que marcam uma cisão na vida anímica do sujeito e implica a constituição do inconsciente; um segundo momento que denota o recalque propriamente dito, uma espécie de atração dos representantes pulsionais que tem relação com as primeiras fixações; e, além desses, há o retorno do conteúdo recalcado, em que o desejo inconsciente demonstra não ceder às defesas sem algum esforço contrário, podendo levar, inclusive, a uma falha do recalque. O que está recalcado força passagem pela consciência por meio de formações substitutivas, que atravessam a barreira da censura.

O processo de recalque promove a separação, na representação pulsional, entre a quota de afeto e o representante ideativo. Na histeria, haveria o recalque do representante ideativo, o qual é retirando da consciência, e, também, a tentativa de provocar o desaparecimento total da quota de afeto. Mas nem sempre se tem êxito: o afeto ligado à representação fica solto, podendo se concentrar em uma parte do próprio corpo do sujeito. Assim, como um substituto, e ao mesmo tempo como um sintoma, pode emergir a conversão somática (Freud, 1915/1969d).

A respeito do mecanismo do recalque na histeria, Freud (1905/1996l) faz uma observação interessante, a partir do caso da jovem Dora, um dos clássicos e paradigmáticos da Teoria psicanalítica. E, ainda que não aborde exatamente nosso objeto de pesquisa – a histeria em homens –, o caso em questão traz importantes indicações sobre a histeria em geral. A queixa inicial de Dora advém da complexa relação que se estabeleceu entre ela, seu pai e um casal de amigos – a Família K. A jovem diz sentir-se um objeto de troca entre seu pai e o Sr. K. Os sintomas que explicitavam seu drama psíquico eram, entre outros, sentimentos de repugnância e sensações de pressão na parte superior do corpo.

Freud (1905/1996l) coloca em evidência o conflito da sexualidade no relato da jovem. Argumenta, sobretudo, a partir da experiência em que Dora teria sido forçadamente beijada pelo Sr. K, reagindo com violenta repugnância. No ocorrido, Dora teria sentido a pressão do membro do Sr. K contra seu ventre e “essa percepção revoltante para ela foi eliminada de sua memória, recalcada e substituída pela sensação inocente de pressão sobre o tórax, que extraía de sua fonte recalcada uma intensidade excessiva” (p. 38). Primeiramente, a reação de Dora revela algo de contraditório nos processos vivenciados na histeria, em que se encontra um investimento no desgosto e na excitação, afinal, não houvera apenas a reação de repulsa, mas também a formação do sintoma (Safatle, 2016).

Apreende-se, então, dois processos: a repulsa, ou repugnância, e a conversão somática. Quando Freud explana sobre a repugnância apresentada pela jovem, sugere que tal desgosto se referia à dificuldade, na histeria, de uma idealização dos órgãos sexuais que os retirassem, exclusivamente, de sua função excremental. Para tanto, afirma considerar histérica “qualquer pessoa em quem uma oportunidade de excitação sexual despertasse sentimentos preponderantes ou exclusivamente desprazerosos, fosse ela ou não capaz de produzir sintomas somáticos” (Freud, 1905/1996l, p. 37).

Isto nos exige pensar a respeito da relação da histeria com a sexualidade orgânica e a sexualidade representada. André (1998) considera que a pontuação de Freud, de que apenas as representações de conteúdo sexual seriam recalcadas, denota, na verdade, que o recalque é o responsável pela sexualização do corpo em separação do organismo. Dessa forma, a experiência de Dora e as observações a respeito da repugnância indicam um recalque que não se realiza. Conforme Safatle (2016), “ela não recalca a natureza aversiva dos órgãos sexuais. . . ., o que tem por consequência fragilizar uma organização da sexualidade centrada no primado genital” (p. 381). Desta maneira, “seu corpo é um peculiar corpo no qual as zonas erógenas e as pulsões parciais parecem não se submeter a uma representação da sexualidade ligada à genitalidade” (Safatle, 2016, p. 382).

Tal interpretação auxilia-nos a pensar um dos pares de opostos presente no quadro da neurose, a saber, um desenvolvimento desmedido da pulsão sexual, em contra ponto a uma intensificação da resistência à pulsão, gerando um recalque que ultrapassa a medida do normal. Todavia, a necessidade desse intenso recalque, entendido como uma defesa frente à sexualidade sem representação, pressupõe a possibilidade de uma falha por onde o trauma, ou seja, aquilo que se apresenta dessexualizado se presentifica.

Entende-se que a repulsa se faz como um primeiro modo de defesa, por onde se evidencia a falha do recalque, e a conversão é o meio de tentar representar a função orgânica

do corpo, evidenciando a dificuldade encontrada na sexualização desse corpo. Neste sentido, André (1998) afirma que, na histeria, o sujeito

não cessa de produzir a demonstração dessa dialética: se se pode dizer que ela sofre de recalque, é na medida em que este recalque jamais é completo e o retorno do recalçado consegue fazer surgir uma censura por onde emerge um inominável, um não recalcável, que é testemunha de um fracasso, ou de um limite da sexualização. (p. 104)

Para Nasio (1991), o conflito histérico consiste em “uma representação portadora de um excesso de afeto, por um lado, e por outro, uma defesa infeliz – o recalçamento – que torna a representação ainda mais virulenta” (p. 28). Com efeito, a histeria se caracteriza pelos conflitos que emergem na assunção da sexualidade, e, tal como afirma Freud (1905/1996m),

o ensejo para o adoecimento apresenta-se à pessoa de disposição histérica quando, em consequência de sua própria maturação progressiva ou das circunstâncias externas de sua vida, as exigências reais do sexo tornam-se algo sério para ela. Entre a premência da pulsão e o antagonismo da renúncia ao sexual situa-se a saída para a doença, que não soluciona o conflito, mas procura escapar a ele pela transformação das aspirações libidinosas em sintomas. Não passa de exceção aparente o fato de uma pessoa histérica, um homem, por exemplo, adoecer por causa de uma emoção banal, de um conflito que não gire em torno de um interesse sexual. Nesses casos, a psicanálise consegue demonstrar regularmente que a doença foi possibilitada pelo componente sexual do conflito, que privou os processos anímicos de uma execução normal. (p. 156)

Nesse sentido, Freud (1908/1969a) pontua que os sintomas históricos buscam promover a solução de compromisso entre os desejos conflitantes, representando a conciliação entre um impulso libidinal e um impulso repressor, bem como promovendo a sintetização da união de duas fantasias libidinais de caráter sexual oposto. Aqui, mais um par de elementos antagônicos caracteriza a histeria: a presença de uma fantasia sexual inconsciente masculina e outra feminina, que pode colocar o mesmo sujeito, na mesma experiência, ora em posição masculina, ora em posição feminina. Portanto, ganha destaque a relação das fantasias históricas com a questão da bissexualidade.

No texto sobre o caso Dora, Freud (1905/1996l) enfatiza que a bissexualidade, que seria inerente a todo neurótico, ganha relevância na histeria. Em uma mulher histérica, por exemplo, haveria um reforço no investimento libidinal em outras mulheres, enquanto evidencia uma supressão da libido voltada para os homens. O psicanalista também afirma que o tema em questão se faz importante e “particularmente indispensável ao entendimento da histeria masculina” (Freud, 1905/1996l, p. 64). Tal proposição é reforçada em outro contexto, mas não são desenvolvidas pelo autor, deixando uma questão importante para a presente pesquisa, que desdobraremos adiante.

3.2.1 A histeria de angústia: o caso Hans

Vimos que o processo de recalque na chamada histeria de conversão se conclui na formação do sintoma (Freud, 1915/1969d). Contudo, Freud passa a considerar casos em que “a libido, que tinha sido libertada do material patogênico pela repressão, não é *convertida* (isto é, desviada da esfera mental para uma inervação somática), mas é posta em liberdade na forma de *ansiedade*” (Freud, 1909/1996n, p. 106). É o que se apresenta no caso Hans enquanto uma histeria de angústia.⁴

O caso de Hans é publicado no texto “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos” (1909), no qual há o relato do desenvolvimento de uma fobia por cavalos. No caso, observamos aspectos que se referem à sexualidade da criança, seus questionamentos sobre os órgãos genitais (“faz pipi”), as diferenças anatômicas, a chegada dos bebês e as fantasias que delimitam o que seria compreendido e formulado enquanto o processo de castração e o complexo de Édipo. Ao tratar o caso, Freud (1909/1996n) enfatiza que os fenômenos vistos em Hans guardam muitas semelhanças com os elementos da histeria, e que se diferem apenas pela resposta de produzir angústia ao invés de conversão somática.

Conforme Laplanche e Pontalis (2001), o termo “histeria de angústia” é introduzido por Freud “para isolar uma neurose cujo sintoma central é a fobia, e para sublinhar sua semelhança estrutural com a histeria de conversão” (p. 212). Inclusive, o termo “histeria de conversão” teria sido também utilizado a partir do caso Hans, quando Freud se deparou com a necessidade de especificar as duas possibilidades de apresentação da neurose que, inclusive, poderiam ser combinadas. A relação com a histeria também permitiu centralizar a sexualidade na apreensão do sintoma fóbico. Por isto, segundo os autores do *Vocabulário de Psicanálise*, estabeleceu-se uma relação entre o termo “histeria de angústia” e a fobia, de tal forma que, apesar da fobia ser indicada como um sintoma também de outras afecções, aparecia utilizado como sinônimos. Contudo, Laplanche e Pontalis (2001) salientam que essa confluência inicial no uso dos termos, se desfez certo tempo depois, pois, a fobia acabou sendo mais aceita como uma entidade clínica diferente das outras, “daí o desaparecimento progressivo da expressão histeria de angústia” (p. 244).

Não temos o objetivo de abarcar a discussão a respeito da pertinência da fobia enquanto entidade clínica isolada ou sintoma, mas Freud (1909/1996n) conclui que as fobias devem ser encaradas como síndromes e não como processos patológicos independentes. No

⁴ As palavras angústia e ansiedade serão usadas como sinônimos. O termo utilizado originalmente por Freud é “*angust*”, traduzida para o inglês como “*anxiety*”, e na referência utilizada é traduzido como “*ansiedade*”.

texto de Ehrlich & Darriba (2013), essa proposição freudiana é interrogada e afirmada, considerando que na fobia desenvolve-se como defesa o recalque, pressupondo a proximidade com a dimensão traumática da histeria na sua relação com a castração. Sendo assim, tratamos de abordar o caso Hans tomando o elemento fóbico como sintomático de um quadro de histeria, a partir do qual se destacam elementos que fomentarão as discussões sobre a histeria masculina em sua relação com os complexos infantis.

Freud (1909/1996n) relatou o caso Hans desde o período anterior à estruturação da fobia, que eclode em meio a um cenário envolvendo as ameaças à masturbação, o aumento da afeição para com a mãe, as dúvidas do garoto sobre a anatomia genital feminina – o “pipi” da mãe – e sobre a gestação e origem dos bebês, especialmente após o nascimento da irmã. A questão da masturbação, bem como seu interesse e satisfação com o próprio pênis, indicavam o curso de um desenvolvimento normal que, a princípio, não justificaria, por exemplo, uma histeria, já que esta seria marcada por uma zona genital menos proeminente que as demais zonas erógenas. Apesar disso, como também é expresso por Freud, no desenvolver do quadro, Hans começa a apresentar mudanças em relação aos elementos da atividade sexual, expressando sinais de nojo aos temas “*lumf*” – que significava para Hans evacuar os intestinos – e “pipi”. Assim, “afastou-se com nojo de tudo que lhe lembrava excremento e olhar para outras pessoas executando suas funções naturais” (p. 123).

Nesse ponto, ressaltam-se as perguntas referentes à diferença sexual e o interesse insistente em ver o “pipi” da mãe, além das comparações do possível tamanho do órgão genital de sua mãe com o órgão sexual de animais grandes. Inicialmente, o garoto não havia sido esclarecido a respeito da diferença entre os genitais masculinos e femininos, apenas teria sido informado de que a mãe também teria um “pipi”. Com isso, Hans só pode reconhecer a diferença entre os órgãos genitais, ao invés de negar, após ver a irmã nua durante o banho. Freud sugere ao pai que a questão estaria associada às mentiras e omissões em relação ao conhecimento sexual, e recomenda o esclarecimento dessas informações para o garoto, ressaltando que a ignorância da criança quanto às partes genitais femininas promove “uma lacuna vital na compreensão dos assuntos sexuais” (Freud, 1909/1996n, p. 83). A retenção da ideia de que sua mãe possuía um pênis, por exemplo, tornou-se empecilho para a solução da castração e da dúvida sobre a origem dos bebês. Mas, com os esclarecimentos tardios sobre o “pipi” da mãe, resta saber: como pode haver seres sem “pipi”? Pois, “se assim fosse, não mais se poderia duvidar de que eles pudessem fazer desaparecer seu próprio pipi e, se assim fosse, transformá-lo em mulher!” (p. 40). Eis o gatilho para o complexo de castração.

Diante do quadro, Freud (1909/1996n) pontua que a fobia de Hans indicava um afeto, no caso, a angústia, proveniente das representações recalçadas. Isso porque, no período de análise e publicação do caso, a angústia é entendida como resultado do processo de recalque, ou seja, efeito da separação que o recalque promove, e, por isso, seria experimentada como consequência, da mesma maneira que os sintomas de conversão (Freud, 1915/1969d). Retomando esse assunto, no texto “Inibição, sintoma e ansiedade” (1926), Freud reconhece que tal angústia é, na verdade, causa, e, portanto, anterior ao recalque, afirmando que é sempre a atitude de angústia que põe em movimento o recalque. Logo, a angústia passa a expressar um desamparo, o qual remonta a vivência de um aumento de tensões pulsionais, e remete à reação diante de uma situação de perigo; “Ela é remediada pelo ego, que faz algo a fim de evitar essa situação ou para afastar-se dela . . . Nos casos que examinamos, o perigo em causa foi o de castração ou de algo remontável à castração” (Freud, 1926/1996v, p. 128).

Devido ao temor em ser castrado, é a angustia diante dessa possibilidade que se torna o empuxo ao recalque dos desejos ou impulsos libidinais do complexo de Édipo. Na discussão, Freud (1926/1996v) afirma que, além da situação de perigo da castração, haveria outras situações as quais o ego apreende e das quais se defende, em diferentes momentos do desenvolvimento do sujeito, e ressalta certa relação entre a situação de perigo mais operativa para o sujeito e a modalidade de neurose à qual ele está acometido. Diz Freud (1926/1996v): “a perda do amor desempenha o mesmíssimo papel na histeria que a ameaça da castração nas fobias e o medo do superego na neurose obsessiva” (p. 141). Todavia, suas formulações sugerem uma estreita relação da angústia de castração com o medo da perda do amor do objeto, uma vez que a angústia de castração denota o deslocamento da perda do objeto-mãe para a perda do objeto fálico.

Essa relação contida na proposição de que é o temor à castração que coloca em movimento o processo do recalque leva Freud (1926/1996v) a cogitar que a histeria de angústia se referia exclusivamente aos meninos, uma vez que apenas estes teriam que objetivamente preocupar-se com a castração enquanto um perigo possível. No entanto, o próprio autor associa a angústia de castração como fator presente em qualquer neurose e para qualquer sujeito, pois é associada às exigências libidinais do complexo edipiano.

Retomando o caso de Hans, o temor à castração passa a implicar um objeto externo, o cavalo, o qual nomeia o medo, mas vela o ponto intolerável da angústia. Desse modo, a princípio, Freud (1909/1996n) havia considerado que o resultado duplo promovido pelo mecanismo da fobia, de proteger o garoto do contato com o sentimento de angústia ao impedir que ele saísse de casa, ao mesmo tempo em que promovia sua aproximação ao objeto de

amor, já que permanecia perto da mãe, constituiria o caráter neurótico: o sintoma satisfaz os desejos inconscientes e as formações defensivas que o eu empreende contra estes desejos. Posteriormente, Freud (1926/1996v) se detém ao fato de que Hans sofria com a ideia de que um cavalo iria mordê-lo, sugerindo uma possível substituição do pai pelo cavalo: “é esse deslocamento, portanto, que tem o direito de ser denominado de sintoma, e que, incidentalmente, constitui o mecanismo alternativo que permite um conflito devido à ambivalência ser solucionado sem o auxílio da formação reativa.” (p. 105).

A ambivalência referida na interpretação de Freud (1909/1996n) diz da relação do garoto com o pai, afinal Hans indicava um “medo de seu pai e medo por seu pai: o primeiro derivava de sua hostilidade para com seu pai, e o outro derivava do conflito entre sua afeição, exagerada a esse ponto por um mecanismo de compensação, e sua hostilidade” (p. 47). Com isso, o garoto teria desistido da agressividade para com o pai por temer a castração, e seu medo por cavalos denota que, ao invés de enfrentar efetivamente o pai, ainda que através do elemento fóbico, manteve como ponto central de sua neurose o medo de ser mordido. Logo, o impulso hostil direcionado ao pai fora reprimido pelo processo de ser transformado em seu oposto: de um caráter ativo da moção pulsional a um caráter passivo, mais precisamente um impulso passivo de ser amado pelo pai, que “desempenhou certo papel na repressão do sentimento oposto; mas não podemos nem provar que era bastante forte para atrair a repressão sobre si mesmo, nem que desapareceu depois” (Freud, 1926/1996v, p. 109).

O interessante artigo de Bornholdt (2015), intitulado “Releitura do caso O pequeno Hans: sobre silêncios e invisibilidades”, aborda uma entrevista posterior, dada pelo próprio “pequeno Hans” – chamado Herbert Graf –, em que ressalta, entre outras coisas, o favorável desenvolvimento do garoto até à vida adulta, bem como a relação posterior com as figuras do caso clínico: seu pai, sua mãe e sua irmã. Segundo o autor, na fala de Graf, o pai continua veemente presente, assim, este “e suas figuras representativas – grandes músicos, dirigentes, compositores, supervisor e padrinho – são investidos e talvez idealizados. Concomitantemente, silencia sobre a mãe, sem, no entanto, denegri-la ou criticá-la. Este silêncio nos fala de relações dolorosas.”. (p. 345)

Nesse sentido, o referido artigo nos possibilita apontar que o trabalho analítico, além do enredamento edipiano no qual o pai pôde ser reconhecido como figura amorosa e de identificação, vislumbrou a necessidade de desfazer os vínculos asfixiantes entre Hans e sua mãe, o que passa a indicar uma possível fonte da fobia desenvolvida aos cinco anos. Trata-se da “extrema vulnerabilidade de um menino de cinco anos quando a mãe não conseguia manter sua condição de protetora, tornando-se, ao contrário, ameaçadora, e o pai ausentava-se de

casa.” (Bornholdt, 2015, p. 354). Iremos, posteriormente, desenvolver esse ponto a partir das considerações de Lacan sobre o caso.

Por fim, as articulações do caso Hans a respeito da histeria de angústia permitem-nos entender a afirmação de Freud de que estes são “os distúrbios psiconeuróticos que aparecem mais cedo na vida; são as neuroses da infância *par excellence*” (Freud, 1909/1996n, p. 106). Sobre isso, Dunker (2005) vai dizer que a histeria de angústia seria uma forma prototípica da histeria, uma espécie de embrião da histeria, que se distingue pelo “movimento preliminar ao deslocamento na esfera do corpo (conversão), ou seja, o deslocamento para um objeto” (p. 52). Por se tratar, então, de uma neurose base, Freud (1918[1914]/1969g) toma o caso do homem dos lobos como uma histeria de angústia, também na forma de fobia animal, que teria se transformado em uma neurose obsessiva de conteúdo religioso. Desse modo, o autor assinala que a histeria de angústia pode apresentar-se como um momento transitório (Freud, 1926/1996v). Tal conjectura corrobora a afirmação de Freud (1909/1996o) de que a expressão da neurose obsessiva presume apenas um dialeto da linguagem da histeria, pressupondo que esta última tenha uma ligação mais próxima com a estrutura e que a neurose obsessiva implique outros desdobramentos. A respeito da histeria de angústia, no caso Hans, a conclusão do psicanalista é de que no final o paciente pode ter-se livrado de toda a sua ansiedade, mas pode ter se mantido assujeitado a certas inibições e restrições. (Freud, 1909/1996n, p. 107).

3.2.2 A neurose demoníaca de Haizmann e a epilepsia de Dostoiévski

O caso Hans não apenas traz elementos para discussão da histeria como também ilustra importantes formulações nas ideias de Freud sobre a organização psíquica de modo geral, pois, coloca em cena as principais ideias sobre o Complexo de Édipo e de castração, ressaltando sua centralidade na abordagem sobre a sexualidade infantil. É também no contexto desses processos que a histeria passa a ser entendida enquanto um modo de defesa frente à castração que se desdobra no cenário da fantasia, ou seja, vai sendo reconhecida pela especificidade de sua organização libidinal e não, exclusivamente, pelos sintomas conversivos. Diz Freud:

resta para a histeria uma relação íntima com a fase final do desenvolvimento libidinal, que se caracteriza pela primazia dos órgãos genitais e pela introdução da função reprodutora. Na neurose histérica, esta aquisição acha-se sujeita à repressão, que não implica regressão ao estágio pré-genital. (Freud, 1913/1976, p. 408)

Nesse período, conhecido como fase fálica, a libido promove ainda mais a erotização dos órgãos genitais e a criança apresenta o desejo de manipulá-los. Ou seja, aumenta o interesse nos genitais e em sua atividade, sobretudo no que se refere às diferenças percebidas em relação à organização genital do adulto. Antes que sejam percebidas essas diferenças, a criança atribui a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis (Freud, 1923/1996p). A evolução libidinal na histeria detém-se nesse ponto, em que o sujeito parece inclinar sobre as questões próprias do período, porém, revela certo embaraço, exigindo um intenso trabalho do recalque e da defesa contra a própria sexualidade.

Na perspectiva de Freud (1923/1996p), a percepção da diferença anatômica entre os sexos se apresenta como fundamental para a subjetivação da castração, que pressupõe o recalque dos objetos pulsionais do complexo de Édipo, o qual caracteriza a fase fálica. No caso do menino, interesse deste estudo, a castração é apreendida como um perigo externo realístico que se desdobra a partir de um perigo interno, que são os impulsos pulsionais do sujeito. Diante disso, chegam ao fim às possibilidades de satisfação tanto ativa – que se refere a tomar a mãe como objeto –, pois se tem como punição a perda do pênis, quanto passiva – tomar o pai como objeto –, que tem a castração como condição (Freud, 1924/1996s). Na histeria, parece não haver o abandono completo das catexias objetais edípicas, embora haja o recalque do seu conteúdo ideativo. Devido à fixação na fase fálica, o sujeito fixa também a cena edipiana, em que estão presentes os desejos e objetos incestuosos que regem o período.

Este processo descrito acima, referente a dupla possibilidade de satisfação, inclui-se a ambivalência em relação ao pai, conforme se apresenta em Hans, Freud (1923/1996q) atribui à bissexualidade presente na relação da criança com os pais, já que esta alterna atitudes de afeto e hostilidade endereçadas a eles. São elementos a respeito dessa discussão que encontramos nos casos de homens em que Freud aponta uma histeria.

Em “Uma neurose demoníaca do século XVII”, um estudo a respeito da relação da histeria com a demonologia, Freud (1923/1996r) trabalha o caso de um pintor austríaco. O autor se baseia em um manuscrito da Biblioteca jurídica de Viena, o qual continha relatos da história de Christoph Haizmann, composto também por uma parte autobiográfica. Em sua interpretação, Freud (1923/1996r) relaciona os fenômenos de êxtase à histeria, uma vez que Haizmann teria construído uma fantasia de compromisso com um demônio como tentativa de se libertar do quadro depressivo e melancólico, com intensa inibição para o trabalho, que abalou o pintor após a morte de seu pai. Ao final do prazo estabelecido para o suposto pacto, Haizmann se vê acometido por sintomas tais como; paralisia, crises convulsivas e *absences*. Em relação à descrição do pacto, evidencia-se apenas uma exigência feita pelo Diabo; que

Haizmann o pertencesse de corpo e alma até o final de nove anos. No entanto, o pintor nada poderia conseguir com o compromisso, o que leva Freud (1923/1996r) a deduzir que a parte que caberia ao Demônio seria desempenhar o papel de seu pai.

Antes mesmo de iniciar o relato, Freud faz uma observação importante em relação aos modos de apresentação das neuroses, sobretudo em consonância com diferentes épocas. Esta pontuação assinala os impasses que surgem em torno desse diagnóstico, o qual tange a discussão a respeito das fronteiras entre neuroses, especialmente, a histeria e as psicoses. Segundo Bruno (1986), os questionamentos mais radicais a respeito das elaborações sobre o caso de Haizmann se deram no movimento pós-freudiano, e o principal argumento é que o diabo não seria um substituto paterno, mas um substituto que incorporara a dualidade masculino-feminino, sem referência ao Édipo. O que Freud chamara de “fantasia”, os autores Malcapine e Hunter (1956), citados por Bruno (1986), consideravam um fantasma delirante de procriação imputado a Haizmann, e o pacto com o demônio seria o testemunho. Em outras críticas, o diabo continua sendo substituto do pai, mas é a ambivalência em relação ao sexo que torna fundamento para o diagnóstico de psicose. Todavia, Bruno (1986) ressalta que, para Freud, a ambivalência é baseada no amor e ódio ao pai e, portanto, teria respaldo na problemática edípica.

Quinet (2004), citado por Pereira (2005), utiliza o caso de Christoph Haizmann, tal como os delírios eróticos de Norbert Hanold, como exemplo de pseudo delírios da neurose histérica, os quais denotam uma encenação da fantasia imaginária e uma defesa contra os desejos eróticos.⁵ Nessa interpretação, Haizmann busca se defender da posição feminina frente ao pai através da sua construção fantasmática, diferentemente do psicótico em que o delírio se apresenta como uma modalidade de reinvestimento do mundo externo, de reinvestimento dos objetos. A distinção reside no fato de que Christoph Haizmann resiste à castração simbólica, enquanto em casos de psicose como o de Schreber, por exemplo, tem-se a submissão à castração no real, através da emasculação.

Serge André (1998) considera que as confusões alucinatórias na histeria, como observado no caso de Emmy Von N., podem operar como fenômenos oníricos, “são sonhos, ou seja, significantes passeando pelo imaginário, acompanhados por um forte sentimento de realidade” (p. 97). Essas considerações destacam, conforme o estudo sobre a loucura histérica

⁵ Para autores como Quinet, bem como Mnedes (2005), em *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*, Freud assinala aspectos típicos de uma histeria no personagem Norbert Hanold. Assim, articulam e desdobram as conjecturas de Freud, desenvolvendo os pontos que se referem às fantasias, a relação com a sexualidade e o desejo do personagem.

de Maleval (2004), citado por Dunker (2005), que “a loucura, ao contrário da psicose, não é uma condição estrutural, mas uma possibilidade do ser. Neste sentido, qualquer estrutura pode se apresentar em estado de loucura” (p. 55). Haveria diferença da função do delírio que, na histeria, se refere a um sintoma que visa tornar habitável o corpo sexuado. Para além, considerando o que o próprio Freud salienta em termos das manifestações das neuroses em função das mudanças de cada época, a loucura histórica surge como o que se coloca contra o laço social, não por uma impossibilidade de manter esse laço, mas por uma relutância. (Dunker, 2005, p. 54)

Voltando ao caso, Freud indica uma possível relação de ambivalência do jovem pintor com seu pai, já que, afinal, Haizmann o amava a ponto de avançar em uma depressão após sua morte, mas o representa, em sua fantasia, pela imagem do demônio. Sobre a escolha do demônio, Freud (1923/1996r) pontua a proximidade com a imagem de Deus que apresenta um substituto, por excelência, do pai. Para o psicanalista, “Deus e o Demônio eram originalmente idênticos – uma única figura posteriormente cindida em duas figuras com atributos opostos.” (p. 102). No entanto, é perceptível a hostilidade e a relação de temor presente nessa substituição particular de Christoph, cuja finalidade e razão parecem vinculadas aos motivos típicos da relação parental que concerne à castração, podendo indicar também a possibilidade do pai ter se oposto ao desejo do filho de ser pintor. Desse modo, segundo Freud, a incapacidade do pintor em exercer a profissão indica um anseio pela proteção do pai e/ou associa-se a um processo de ‘obediência adiada’, enquanto “expressão de remorso e uma autopunição bem-sucedida.” (p. 104).

A questão da castração e a postura hostil de Haizmann são associadas, por Freud (1923/1996r), às causas excitantes de uma atitude negativa para com o pai, e que tem ligação com a atitude feminina do pintor. O ponto de partida é o aparecimento repetido do número nove, tais como o número de aparições do demônio, pois ele havia sido tentado nove vezes antes de aceitar o pacto, e o prazo do compromisso. Freud (1923/1996r) adverte que o número nove é conhecido das fantasias neuróticas, pois “ele é o número dos meses de gravidez e, onde quer que apareça, dirige nossa atenção para uma fantasia de gravidez.” (p. 104). Este aspecto é, então, associado às pinturas do demônio que Haizmann representara com atributos femininos (seios) e também masculinos (grande pênis), indicando, além de uma projeção da feminilidade do próprio pintor, um conflito de sua atitude feminina para com o pai, de onde surge a fantasia de gravidez. Todo esse movimento ressalta a revolta contra a castração que tem sua expressão na fantasia inversa de castrar o pai:

A atitude feminina de um menino com o pai sofre recalque tão logo ele compreende que sua rivalidade com uma mulher pelo amor do pai tem como pré-condição, a perda de seus órgãos genitais masculinos – em outras palavras: a castração. O repúdio da atitude feminina é, assim, o resultado de uma revolta contra a castração. (Freud, 1923/1996r, p. 106).

Após a morte do pai se intensificou o anseio por ele, e Haizmann busca se defender, da fantasia e atitude feminina que haviam sido reprimidas, através da neurose e da construção depreciativa que fizera do pai. Além dessa interpretação, Freud (1923/1996r) propõe que os elementos femininos presentes nas pinturas referentes ao diabo, sejam representantes dos intensos sentimentos ternos da fixação em relação à mãe que fora transferidos para o pai. Daí a necessidade de ter a remissão pela intercessão da Graça da Santa Virgem Maria, tal como é o apelo de Haizmann quando procura um santuário para desfazer o pacto. A partir disso, o pintor se sente livre dos sintomas e tormentos por um curto período, até ser sujeitado a novos padecimentos.

Em tentações posteriores do Espírito Mau, conforme dito pelo Padre Provincial da Ordem dos Irmãos Hospitalares, só acontecia quando ele bebera vinho um pouco em demasia. Com isso, no desfecho da interpretação, Freud (1923/1996r) sugere que o próprio Haizmann teria atribuído seus tormentos ao compromisso assinado com o demônio. A fantasia teria sido criada a partir de uma sugestão apreendida no interrogatório sobre as razões de suas primeiras convulsões. No ato de tal interrogatório, a pergunta sobre possíveis compromissos com o Espírito Mal teria dado o fundamento para a construção fantasmática que o pintor fizera.

Para além, Freud (1923/1996r) diz que Haizmann se dá a conhecer como “um homem que fracassa em tudo e em quem, portanto, ninguém confia.” (p. 117). As observações das pinturas indicavam um homem “faminto de prazer”, mas que “talvez fosse ineficiente ou pouco talentoso para ganhar a vida.” (p. 119). Com efeito, o interesse em ter suas necessidades atendidas explicaria um mal entendido deixado no percurso da história referente a um segundo pacto que, como afirma Haizmann, fora assinado antes do primeiro desfeito, exigindo que o mesmo retornasse ao santuário onde, entrando para uma Ordem Sagrada, onde teve suas necessidades básicas atendidas, permanecendo assim até a morte. Interessante observar que, de acordo com o psicanalista, o pintor só decide retornar ao santuário quando, depois de diversas possíveis aparições, o próprio Cristo - a face oposta da figura do pai representada pelo Demônio – aparece exigindo que Haizmann abdicasse do mundo, repreendendo-o com ameaças e promessas.

O ponto de destaque dessa casuística, a ambivalência em relação ao pai e as consequências da atitude frente à castração, também aparecem nas considerações de Freud em

“Dostoiévski e o parricídio” (1928). O escritor, filósofo e jornalista russo, Fiódor Dostoiévski, contava com grande admiração de Freud, sobretudo, por seu romance *Os Irmãos Karamassov*. O escritor teria perdido a mãe e o pai ainda na juventude, tendo a morte do pai trazido grandes consequências para ele. Freud (1928/1996w) supõe que a partir dessa experiência Dostoiévski começa a apresentar suas crises de epilepsia. Partindo desse quadro, também indicando a precariedade das informações a respeito, o psicanalista demarca as crises enquanto um sintoma de neurose classificada como histeria grave. Isso porque Freud considera que diante de certa variedade entre a intensidade e modos de apresentação dos quadros que são classificados enquanto epilepsia haveria uma distinção entre uma epilepsia que provoca moléstia no cérebro e outra, que seria a de Dostoiévski, designada como “afetiva”. A forma de “epilepsia afetiva” não indicaria consequências na vida mental, afastando a possibilidade de uma enfermidade do cérebro, mas representava manifestações de crises históricas, no caso do escritor, ligadas à experiência da morte do pai. O quadro epilético se somou e estaria à disposição da neurose na descarga das excitações que o sujeito não pode lidar psiquicamente. Através de um estudo da biografia de Dostoiévski, bem como do texto de Freud, Gomes (2002) enfatiza que o psicanalista não dispunha de elementos suficientes para refutar a epilepsia de Dostoiévski, o que não invalidaria a hipótese de uma histeria.

Freud (1928/1996w) sustenta que as crises de Dostoiévski remontariam à infância, momento em que se concentravam crises mais brandas, com sinais de melancolia e significação de morte, sendo esta atribuída a uma identificação com alguém que estivesse ou que se desejaria a morte. Conforme Gomes (2002), Freud escreve sobre Dostoiévski em um contexto em que privilegia em suas elaborações a satisfação pulsional em jogo no sintoma neurótico. Assim, interpreta as crises como tendo valor de punição “por um desejo de morte contra um pai odiado.” (p. 188). Quando o pai morre, a fantasia torna-se realidade e as medidas defensivas são reforçadas. Por conseguinte, Freud (1928/1996w) revela a fórmula para Dostoiévski: “‘Você queria matar seu pai, a fim de ser você mesmo o pai. Agora, você é seu pai, mas um pai morto’ – o mecanismo regular dos sintomas históricos. E, além disso: ‘Agora, seu pai está matando você’.” (p. 191). Isto corrobora com a indicação anterior de Freud (1921/1969k) de que é mecanismo da estrutura do sintoma histórico a identificação pela via do sintoma ou sofrimento como manifestação do desejo hostil que visa o lugar do outro para acesso ao objeto.

No entanto, o desejo de morte do pai é interpretado como ambivalente e aparece relacionado ao duplo processo que ocorre na identificação com aquele: a admiração e, ao mesmo tempo, o desejo de afastá-lo, remetendo ao obstáculo que se impõe a isso, a castração.

Como visto, haveria de se constituir um processo e um destino tidos como Complexo de Édipo normal ou positivo, caso o menino, diante o temor à castração comum, pudesse reprimi-lo ao abandonar o desejo em relação à mãe e, conseqüentemente, o desejo e necessidade de livra-se do pai . Porém, o desejo de morte do pai em Dostoiévski aparece como insistente, indicando que algo do temor à castração e a necessidade de distanciamento do pai permanece.

Desse modo, Freud (1928/1996w) retoma o fator constitucional da bissexualidade, localizado em Dostoiévski de maneira intensa, e o coloca como decisivo na intensificação patogênica do temor à castração, pois, segundo o autor, essa intensificação decorre do temor à atitude feminina para com o pai, ao tomá-lo como objeto de amor na tentativa de fugir à castração enquanto punição. O sujeito se vê diante de uma situação conflitante entre a posição de amor em relação ao pai e a ameaça de castração que esta posição admite. Afinal, a castração aparece como algo terrível, “seja como punição ou como preço de amor” (p. 189), fazendo com que ambos os impulsos, ódio e amor ao pai, sejam recalçados. Mas, para o autor, há certa distinção psicológica do fato de o ódio pelo pai ser abandonado por causa do temor a um perigo *externo* (castração), ao passo que o amor pelo pai é tratado como um perigo interno, embora, fundamentalmente, remonte ao mesmo perigo externo.

Um fator considerado como acidental no caso de Dostoiévski, que não se faz imprescindível para que o processo ocorra dessa maneira, é que o pai, temido em qualquer caso, seja mesmo violento. “Isso foi verdadeiro no caso de Dostoiévski e podemos fazer remontar a origem de seu extraordinário sentimento de culpa e de sua conduta de vida masoquista a um componente feminino especialmente intenso” (Freud, 1928/1996w, p. 190). Em vista disso, o intenso sentimento de punição acompanhou a vida do escritor não somente através das crises, mas também dos infortúnios da vida – o exílio e as conseqüências do vício do jogo –, que funcionariam não somente enquanto modo inconsciente de castigo pelo pecado contra o pai, mas, também, indicariam uma satisfação. De acordo com Freud (1928/1996w), Dostoiévski fora injustamente aprisionado e exilado por questões políticas e ainda assim aceitou o castigo como forma de punir-se pelo representante paterno. No caso do vício, o escritor nunca descansava até ter perdido tudo e quando suas perdas o reduziam a mais extrema necessidade, extraía disso uma segunda satisfação patológica ao ser censurado, humilhado e desprezado pela esposa.

O sentimento de autopunição, associado ao desejo da morte do pai, também fora indicado como elementos da histeria em Hamlet que Freud aborda em *A interpretação dos sonhos* (1900/1996k). Nessa leitura, Hamlet não conseguiria vingar-se de Cláudio – homem

que matou seu pai -, uma vez que a ação de matar o pai advertia sobre seus próprios desejos recalçados. Assim, substitui o ódio de vingança pelos sentimentos de autorrecriação que se associam à ideia inconsciente de “que ele próprio, literalmente, não é melhor do que o pecador a quem deve punir” (Freud, 1900/1996k, p. 292). Para além, Freud aponta, em Hamlet, a presença de uma aversão sexual, tal como revela o diálogo com Ofélia, no qual o príncipe dispensa a jovem, aconselhando-a procurar um convento e preservar-se do pecado. Veremos mais a respeito de Hamlet nos desdobramentos de Lacan.

A partir dos aspectos destacados na abordagem desses casos, temos, enquanto elementos a se destacar na abordagem da histeria masculina por Freud, a relação ambivalente com a figura do pai, ressaltando a angústia de castração que se agrava frente a uma posição feminina implicada na questão da bissexualidade intensificada na experiência do Édipo invertido. Deteremo-nos em tais elementos no capítulo posterior. Antes, porém, vamos às considerações de Lacan sobre a histeria, no que concernem seus estudos de retorno a Freud, buscando novos elementos referentes à histeria em homens.

3.3 A histeria em Lacan e a causalidade significante

Vimos que Freud, ao partir da investigação sobre a histeria, busca distinguir formas sistemáticas de adoecimento psíquico, dando à histeria uma conotação muito distinta da forma como estava sendo apreendida pelo discurso religioso, filosófico e médico. A histeria passa a ser compreendida como uma neurose, que, para a psicanálise, denota uma maneira de organização que se caracteriza pelo modo de defesa frente às exigências pulsionais e frente à castração. Jacques Lacan (1901-1981), psiquiatra e psicanalista, retoma os trabalhos de Freud somando novos elementos à leitura dos processos psíquicos.

Nessa leitura, Lacan tem como norteador o estruturalismo, através do qual postula as ideias do inconsciente estruturado como linguagem e a noção de sujeito enquanto efeito da articulação significante firmado na primazia do registro do simbólico. A concepção de Lacan é que “o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (Lacan, 1955-56/2002, p. 139). Logo, se o sujeito constitui-se na inserção na linguagem, isso se dará na relação com outro semelhante que representará para ele esse campo de significantes e um conjunto de significações. É, também, por meio da aquisição da linguagem que o sujeito tem a possibilidade de apreender a realidade de uma forma menos totalizante e imagética, e mais articulada. Essa demarcação refere-se às formas de apreensão da realidade humana,

designadas por Lacan pelos registros simbólico, imaginário e real, que se aperfeiçoam ao longo do ensino, mas se mostram, desde o início, indispensável para compreensão do sujeito.

No texto “O Simbólico, o Imaginário e o Real” (1953/2005a), Lacan propõe que o imaginário denota o registro da ilusão, do igual, da imagem e relação com o corpo próprio e do semelhante. Já o simbólico está remetido à linguagem e à função que organiza a troca no interior dos grupos sociais, portanto, se refere à possibilidade de diferenciação, mas também a relação com as leis universais, incluindo os complexos com os quais o sujeito se depara. O real, que não se reduz à realidade, está, nesse primeiro momento, completamente implicado enquanto efeito do simbólico. Mas, à medida que Lacan avança, o real é compreendido como algo que é da ordem do inominável, do inapreensível e do traumático.

Se, em um primeiro momento, importante para formação do *eu*, o sujeito vive no mundo das idealizações e da onipotência, na passagem para o simbólico, as implicações do complexo de castração revelam a incompletude e as limitações. E a superação da relação imaginária com a imagem de si e do outro envolve a passagem pela castração que permite e consolida a forma de apreensão e relação com o significante. Na relação do simbólico com o imaginário organiza-se a maneira do sujeito relaciona com o corpo, distanciando da forma natural e orgânica, passando a uma forma erotizada e significantizada.

As chamadas estruturas clínicas – neurose, psicose e perversão – diferenciam-se de acordo com os modos como lidam e atestam as experiências, a partir dos registros mencionados. Mais especificamente, cada modo de organização levará em conta a relação de defesa diante da castração. Como dissemos, na neurose o modo em questão é o recalque. Em Lacan, o recalque pressupõe o atravessamento do Édipo e a inscrição do Nome do Pai, e está ainda mais relacionado à castração do Outro e do próprio sujeito. Na histeria, este é o mecanismo por excelência, fazendo com que seu modo particular de subjetivar a falta resulte em importantes efeitos na relação com o significante falo, a sexualidade e o desejo.

3.3.1 A questão histórica e o condutor de bonde

Na teoria lacaniana, as considerações a respeito da histeria ganham destaque com a leitura do caso Dora, a partir do texto “Intervenção sobre a transferência”, em que Lacan (1951/1998a) busca esclarecer a relação da histeria com o outro feminino e a mulher enquanto um mistério da “feminilidade corporal” (p. 220). Esse aspecto porta muita relevância na dinâmica da histeria, a começar pela relação do sujeito com a falta apresentada na castração.

Para compreendermos, partimos do contexto de desenvolvimento da teoria do falo, em que se destaca a causalidade significativa da histeria.

Em Freud, a castração tem como referência a apreensão real da ausência de pênis na mulher. Para Lacan (1956-57/1995), a importância da linguagem na constituição da subjetividade permite dizer que a apreensão do objeto em questão se dá no plano simbólico e que a castração incide sobre um objeto que é imaginário. Este objeto que se faz enquanto simbólico e/ou imaginário é o falo; simbólico enquanto se é possível perder o que está presente e imaginário enquanto algo capaz de tornar completo o ser que o possui. Assim, no período da fase fálica da organização genital, resta “um elemento fantasístico, essencialmente imaginário, que é a prevalência do falo, mediante o que há para o sujeito dois tipos de seres no mundo: os seres que têm o falo e os que não o têm, isto é, que são castrados” (p. 124).

A histeria implica esse processo e, estando diretamente relacionada à assunção da sexualidade, sua problemática tange a dialética do imaginário e do simbólico em decorrência da ausência de um significante que represente o sexo feminino. Desse modo, se a sexualidade realiza-se a partir da simbolização, esta não se faz simetricamente no homem e na mulher, uma vez que, no caso da mulher, “o imaginário fornece apenas uma ausência, ali onde alhures há um símbolo muito prevalente” (Lacan 1955-56/2002, p. 201). Diante da necessidade do significante e da prevalência da forma imaginária do falo, que Lacan chamou de “*Gestalt* fálica”, para ter acesso à realização da sexualidade como tal, a mulher histérica toma o caminho da identificação com o pai como forma de buscar a definição para aquilo que lhe escapa; o pênis passaria a servir “literalmente de instrumento imaginário para apreender o que ela não consegue simbolizar” (p. 203).

A identificação imaginária com o pai, que se faz saída para a mulher na histeria, pressupõe a fixação na castração enquanto um dano imaginário que leva o sujeito a reivindicar constantemente aquilo que julga ter sido desprovido. No fundamento dessa dinâmica, Lacan (1956-57/1995) pontua a carência fálica do pai na histeria, motivo pelo qual ele afirma que o histérico é “alguém que chegou ao nível da crise edipiana, e que ao mesmo tempo pôde e não pôde atravessá-la” (p. 141). Mas isso não se faz obstáculo; estará em jogo um pai idealizado, e o amor a esse pai é o que dará certa consistência para o sujeito, na medida em que permanece à espera de receber algo que lhe possibilite lidar com aquilo que falta, mantendo seu ponto de castração intacto. Portanto, suas queixas e sofrimento denotam a demanda de um reconhecimento simbólico dirigida ao pai.

A dissimetria na realização simbólica é o motivo pelo qual Lacan (1955-56/2002) justifica a predominância da histeria em mulheres. No entanto, o autor procura esclarecer que

a questão da histeria e a simbolização não estão relacionadas apenas à presença ou não do “acessório do significante” (p. 202), mas compete a relação do sujeito com o significante em seu conjunto. Ou seja, o importante não é tanto a presença ou ausência anatômica, mas, sim, o processo e como ocorre a apreensão e subjetivação do chamado “acessório”, ou ainda, como o sujeito lida com o falo na castração. Com isso, Lacan (1955-56/2002) pontua que, para o homem, a histeria implica uma situação mais complexa, e ressalta:

Na medida em que no homem a realização edípica é melhor estruturada, a questão histórica tem menos chance de ser posta. Mas, se ela se coloca, qual será ela? Há aqui a mesma dissimetria que no Édipo – o histórico, homem e mulher, se põe a mesma questão. A questão do histórico macho concerne também à posição feminina. (p. 204)

Tais observações são articuladas no Seminário 3, *As psicoses*, em que Lacan (1955-56/2002) procura diferenciar a problemática do simbólico e da feminização presente na neurose, no caso histeria, das questões sobre procriação no delírio de Schreber, que se tratava de uma psicose. Faz suas considerações a partir de um caso apontado como histeria traumática, atendido pelo psicólogo Michael Joseph Eisler em meados de 1920. O caso em questão apresenta a história de um condutor de bonde, um húngaro de 33 anos, que é arrastado ao cair do veículo, sofrendo ferimentos leves, mas apresentando sintomas persistentes. Seu problema é localizado em decorrência dos exames ao qual o homem é submetido e não, propriamente, do acidente. Após as radiografias desencadeiam-se dores nas primeiras costelas e mal estar crescente. Durante o procedimento, Eisler (1921) destaca que o húngaro fora exposto a situações experimentadas por ele como estranhas, tendo até que se despir na frente do médico, o que o deixara em um estado de expectativa ansiosa.

O acontecido, associado aos dados da história de vida do condutor e às suas queixas, sugeriram que as crises teriam ligação com uma fantasia de gravidez. Os sintomas, bem como a fantasia, indicam, para Lacan (1955-56/2002), o meio que o sujeito utiliza para colocar sua questão, neste caso: “Será que sou ou não alguém capaz de procriar?” (p. 195). Ao cair do bonde, ele desaba, tendo como significação “dar a luz a si mesmo”. Aí está o ponto em torno do qual gira a questão do condutor no nível simbólico: há algo que escapa à sua trama, é a procriação; ele estava intrigado com o que se passava no interior do corpo onde poderia crescer uma criança. Lacan (1955-56), então, destaca as preocupações anais articuladas aos questionamentos sobre os excrementos e a germinação que Eisler havia interpretado como questão de um erotismo anal. Para o psicanalista francês, tratava-se do meio pelo qual o condutor interroga se, através das sementes de frutas presentes nos excrementos, ele poderia

produzir árvores. Interrogação esta que se articula também ao seu interesse pelas questões biológicas ligadas à evolução, bem como pela criação de galinhas.

O acidente também teria relação com antigos traumatismos, especificamente com o retorno das lembranças de uma cena de despedaçamento da criança durante um parto que ele presenciou. No relato de Eisler (1921), consta que tal episódio acontecera quando o condutor tinha 10 anos: através de uma janela, observou uma mulher, em meio a choros e gemidos, tentando dar à luz, todavia, o bebê é retirado aos pedaços com o uso de fórceps. Além disso, o condutor era o filho mais velho entre 14 irmãos, e o nascimento de duas de suas irmãs – tanto a mais velha de vinte e cinco anos, da qual teve ciúmes pelas expectativas de seu nascimento e que o instigara nas investigações sexuais, quanto da mais nova, de sete anos – marcara o desenvolvimento de sua neurose. As frequentes gestações de sua mãe estariam relacionadas com o que Eisler considera como desejos erótico-anais de sua infância, e também ao intenso desejo do condutor em ter um filho. A respeito desse desejo, mesmo que adiasse a satisfação do sonho de ter filhos pela necessidade de ordenamento de sua vida econômica, as articulações de Lacan (1955-56/2002) ressaltam a dificuldade do condutor com a função paterna com a qual estaria às voltas no período do acidente, uma vez que a mulher com quem estava casado já teria um filho de outro relacionamento.

Para além, Eisler (1921) destaca que as experiências traumáticas da infância, que retomam no quadro da neurose, revelam perturbações no equilíbrio das tendências libidinais de seu paciente. O psicólogo de Budapeste detém-se na interpretação de fixações anais do condutor, salientando uma fantasia homossexual passiva evidenciada durante a análise. O que Lacan (1955-56/2002) destaca de tais experiências é a presença de um “caráter feminizado do discurso” (p. 196), corroborado pela observação de um médico que, após atender o condutor, disse para sua esposa que não conseguia compreendê-lo bem, mas, se fosse uma mulher, compreenderia melhor. Neste sentido, haveria algo que se colocava na relação simbólica com o Outro, em que “tudo o que é dito, tudo o que é expresso, tudo o que é gestualizado, tudo o que é manifestado, só ganha seu sentido em função da resposta a ser formulada sobre esta relação fundamental simbólica – sou eu um homem ou sou uma mulher? (Lacan, 1955-56/2002, p. 197)

Com tais conjecturas, Lacan (1956-57/1995) procura assinalar que a constituição da histeria e suas fixações revelam em sua dinâmica certa necessidade de situar algo de simbolizado referente à sexualidade. Toda a trama do sujeito o conduz a formular uma resposta para a questão a respeito do seu sexo e, tal como se dá o funcionamento de uma neurose, “os

sintomas se deixam compreender como os elementos vivos desta questão articulada sem que o sujeito saiba aquilo que ele articula” (p. 403).

Esse ponto, relativo à sexualidade na histeria, permite-nos retomar, com base nas considerações de Serge André (1998), a ideia do recalque de Freud. Em Lacan, seria a intervenção do significante “falo” que permitira o chamado recalque, sendo, portanto, quando se opera a sexualização do corpo, sobretudo em separação daquilo que é puramente orgânico. Mas, na medida em que nem tudo é absorvido pelo significante, na histeria, “é o fracasso do recalque que deixa aberta uma hiância por onde se manifesta o trauma.” (André, 1998, p. 99). A conversão histérica denota uma resposta ao fracasso da sexualização frente à função orgânica do corpo, para qual a primeira defesa teria sido a repulsa. Precisamente, “a repulsa comporta uma dessexualização do real, a conversão é analisada como uma sexualização e uma simbolização” (p. 103). Tais proposições nos revelam que a histeria está nesse limite, colocando “a questão de saber como a sexualização atinge o corpo” (p. 99).

3.3.2 O traumático e o desejo: algumas considerações sobre Hans e Hamlet

Os desdobramentos da teoria de Lacan, ao tomar o falo enquanto significante da falta permite abordar a apreensão da falta no Outro enquanto aquilo que veicula o desejo do Outro. Assim, é a constatação da castração materna que revela para a criança a mãe como desejante. E, quando o pai é introduzido em relação ao desejo da mãe, a lei do pai surge como mediatizando o seu desejo. Ele é o portador do falo, o qual entra no circuito como aquilo que vem significar a parte do desejo que não fora direcionada para a criança, situando o significante do desejo do Outro (Lacan 1958/1998d).

Isso se faz importante porque, no momento em que a criança é identificada ao falo materno e se faz objeto de desejo da mãe, ela também experimenta, conforme ressalta André (1998), uma posição de angústia relacionada à assunção da própria sexualidade infantil, na qual está completamente submetida às emoções, carícias e desejos desse Outro que cuida. E é nessa relação de cuidado que temos a situação que funda a experiência traumática do sujeito neurótico, uma vez que aí ele é tomado como objeto e instrumento do gozo do Outro. Essa experiência primária de passividade sexual é o que Lacan designa “como a posição na qual o sujeito se reduz a ser o objeto causa do desejo do Outro – em sua fantasia, mas também na experiência real de dependência com relação ao primeiro Outro que é a mãe” (André, 1998, p. 88). Mais precisamente, a maneira como o sujeito lida com essa experiência primária de passividade, a forma como ela é “retomada, remanejada na fantasia e relembrada no recalque

e retorno do recalçado vai determinar a escolha da neurose” (p. 88). No caso da histeria, “o esquema do recalque permanece paralelo ao sentido do trauma: o insuportável é a posição passiva, a posição de objeto entregue ao gozo do Outro” (p. 88-89). É nesse sentido que Lacan (1957-58/1999) aponta como definição que o histérico “é o sujeito para quem é difícil estabelecer com a constituição do Outro como grande Outro, portador do signo falado, uma relação que lhe permita preservar seu lugar de sujeito” (p. 376).

É no contexto dessa discussão que Lacan (1956-57/1995) aborda as questões sobre a fobia e, mais especificamente, releo o caso do pequeno Hans, para quem a angústia era, essencialmente, a angústia de assujeitamento. Isso porque, se a relação imaginária entre a mãe e o filho implica que o desejo da mãe é, antes de tudo, por uma imagem fálica a qual o filho possa satisfazer, quando o sujeito se dá conta disso e “quando nenhuma via de outra natureza está aberta para a solução do problema, a fobia constitui um apelo por socorro, o apelo a um elemento simbólico singular” (Lacan, 1956-57/1995, p. 57).

A fobia seria necessária “a partir do momento em que à mãe falta o falo” (Lacan, 1956-57, p. 74) e em que a criança tenha acesso a isso, seja depois de uma fase de simbolizações ou de uma maneira direta ao abordar o dano imaginário da mãe, sua privação do falo. Palonsky (1997) pondera que, na neurose e, especialmente na histeria, defrontar-se com a castração do Outro produz angústia e o sujeito fará de tudo para não se angustiar. Logo, seria necessária a percepção da criança de que o desejo da mãe está submetido a um terceiro que implicaria saber qual é o lugar do falo. Se o pai, entendido como uma função que possibilita redirecionar esse desejo e introduzir o falo na ordem simbólica, não se apresenta enquanto solução do problema, a fobia surge como este laço demarcador. Hans “precisou, com efeito, de seu cavalo pau-para-toda-obra a fim de suprir tudo o que lhe faltou naquele momento de virada, que não era outro senão a etapa da assunção do simbólico como complexo de Édipo” (Lacan 1957-58/1999, p. 196).

Segundo Miller (1995), fora dessa mediação do pai, como aquilo que está para além da lei da mãe, a criança pode ser colocada diante do desejo materno, que se apresenta “fortemente insatisfeito e marcado pela busca de algo que possa saciá-lo. Essa presença massiva da mãe caracterizada por sua não resignação diante da falta fálica, convoca o sujeito a responder ao enigma do desejo do Outro.” (p. 20)

Além disso, no contexto em que Hans recorre à fobia, evidencia-se o movimento pulsional das fantasias e interrogações sobre a presença/ausência do falo que se articula ao acontecimento da masturbação, ou seja, a aproximação com o pênis real (Lacan, 1956-57/1995). Nesse momento, a introdução da ordem simbólica poderia intervir estabelecendo

certa organização, ao retirar o pênis real do jogo. Mas, em Hans, algo nesse processo se particulariza. O garoto encontra-se fixado “no ponto de encontro entre a pulsão real e o jogo imaginário do engodo fálico, e isso com relação à mãe” (p. 233). Desse modo, a apreensão de Lacan sobre o caso de Hans ressalta que a problemática da fobia do garoto não se encerra na angústia frente a relação do sujeito com o desejo da mãe, mas também concerne a relação com a própria castração. Afinal, o “cavalo” surge como “este elemento do qual se diz que morde, que ameaça o pênis” (p.391), e as formulações do garoto, ao longo do caso, vão evidenciando a necessidade de uma verdadeira intervenção sobre este objeto.

Vale acentuar que Lacan não afirma a histeria como a posição subjetiva de Hans, tal como Freud o fez. Inclusive, chega a afirmar que o garoto não faz uma histeria, mas sim uma fobia, retomando o ponto de discussão a respeito de a fobia ser tomada ou não como sintoma ou tipo clínico da neurose. Posteriormente, o próprio Lacan (1968-69/2008b) conclui que

a fobia não deve ser vista, de modo algum, como uma entidade clínica, mas sim como uma placa giratória. Ela gira mais comumente para as duas grandes ordens da neurose, a histeria e a neurose obsessiva, e também faz a junção com a estrutura da perversão. (p. 298)

Com essa proposição, fica em aberto a questão da posição subjetiva de Hans. No entanto, é interessante pensarmos a situação na qual Lacan (1956-57/1995) faz a primeira afirmação, de que “é realmente porque o elemento genital, num sujeito semelhante, é absolutamente sólido, presente, instalado, resistente, muito forte, que ele [Hans] não faz uma histeria e sim uma fobia” (p. 290). A afirmação se dá quando Lacan articula a ideia de haver um progresso sem regressão no desenvolvimento a respeito da fase em que Hans se localiza, indicando, inclusive, um progresso na ordem do significante. Certamente, o elemento genital do garoto está presente, e é isso que, em determinado ponto, se transforma em embaraço. E, em relação ao progresso significativo, veremos, adiante, outras pontuações de Lacan.

Antes, porém, podemos pensar do que se trata esse “sujeito semelhante”, mencionado por Lacan. Sabemos, de antemão, que esse elemento genital absolutamente sólido, não corresponde ao pai, que aparece pouco investido pela mãe e que possui um “pipi” também pouco presente. Na verdade, Lacan (1956-57/1995) chega a dizer que o problema do desenvolvimento de Hans “está ligado à ausência do pênis do maior, isto é, do pai.” (p.307). O pênis paterno só aparece, segundo o psicanalista, através de uma das fantasias da banheira de Hans, que veremos mais adiante, como uma broca ou furadeira, e o autor se pergunta se “esse pênis visa ao pequeno Hans ou visa à mãe?” (p. 370). As articulações nos sugerem, justamente, um pai que não direcionaria esse pênis para mãe, e isto articulado à forma

enigmática como figura o desejo materno, revela “o quanto o sujeito não está em posição de metaforizar o amor da mãe pelo pai.” (Miller, 1995, p. 20).

Poderíamos pensar que o “sujeito semelhante” estaria associado à apreensão fálica da mãe, à qual Hans atribuía um “pipi” grande como de um cavalo e que ninguém contestava a presença. Mas vale ressaltar que, em um momento próximo da eclosão da fobia, Hans fora esclarecido da diferença dos genitais da mãe e também confrontado com essa mesma diferença ao ver a irmã no banho. O ponto importante dessa percepção de Hans, que muito nos interessa, é a forma como ele trata aquilo que passou a ser de seu conhecimento. Para tratar disto, Lacan (1956-57/1995) refere-se à reação do garoto diante das calças da mãe. Estas resultavam em uma reação de repulsa em Hans; apenas quando a mãe vestia as calças, as mesmas não apresentavam seu caráter repugnante, pois assim cumpriam sua função de manter o engodo sobre o falo da mãe. Com as calças, ele poderia ver o que não poderia ser visto por detrás de uma espécie de véu, mas, na medida em que o véu pode cair é que se constitui o problema para Hans.

A nosso ver, a ideia do “pipi” da mãe já não era tão sólida e resistente, pois, conforme Lacan (1956-57/1995), entre o pequeno Hans e sua mãe passa a existir um “jogo de ver e não ver, mas também de ver o que não pode ser visto porque não existe, e que o pequeno Hans sabe muito bem.”. (p. 365) Inclusive, a partir da fantasia em que Hans relata estar no banho quando um bombeiro veio e desparafusou a banheira e “depois ele pegou uma grande broca e bateu no meu estômago” (Freud, 1909/1996n, p. 64), Lacan (1956-57/1995) considera que o garoto abandona a posição de olhar as calças da mãe e assume o furo, ou seja, a própria posição materna.

O referido elemento genital poderia, por fim, referir-se ao cavalo, já que Hans compara o “faz pipi” da mãe com o deste animal. Lembrando que o cavalo não tem uma significação unívoca; ora é a mãe, ora é o pai, vindo a ser também o pequeno Hans e até mesmo o pênis. Resta saber o que ocorre depois que toda essa primeira estruturação que constituía sua fobia torna-se dispensável, dado o progresso permitido pela utilização dos elementos imaginários de suas fantasias, sobretudo, a fantasia da banheira, citada acima, e a fantasia do bombeiro/encanador à qual Lacan (1957-58/1999) atribui a simbolização que propiciou a cura da fobia de Hans. Segundo o psicanalista, o garoto “convocou no lugar do pai aquele ser imaginário e onipotente chamado encanador. Esse encanador apareceu, justamente, para des-assujeitar alguma coisa”. (p. 196) Esta última fantasia aparece da seguinte maneira: “o bombeiro veio; e primeiro ele tirou o meu traseiro com um par de pinças, e depois me deu outro e depois fez o mesmo com meu pipi.” (Freud 1909/1996n, p. 92). Aqui

se dá a sintetização e simbolização do complexo de castração, possibilitando a superação da fobia.

No entanto, Lacan (1957-58/1999) ressalta que todo movimento feito por Hans permitiu que ele entrasse em um exercício de troca simbólica a partir de elementos imaginários. No final, como efeito desse processo subjetivo, Lacan (1956-57/1995) considera que garoto tivera um desfecho atípico para seu Édipo, uma vez que “o que se produz não lhe permite integrar sua masculinidade por nenhum mecanismo a não ser a formação da identificação com o falo materno, que é igualmente de uma ordem distinta da do supereu” (p. 430). É o ideal materno que induz a solução na relação do sujeito ao sexo.

Para além da compreensão do caso Hans, o que se destaca dessas considerações de Lacan, especialmente, nos Seminários 4, *A relação de objeto*, e no Seminário 5, *As formações do inconsciente*, é a necessidade de que o sujeito localize-se em relação ao desejo do Outro, para que se situe como sujeito nas relações com os demais e encontre o lugar do seu próprio desejo, permitindo também a eleição de outros objetos (Lacan, 1957-58/1999) que figurará como objeto no desejo, colocando o sujeito na dimensão da fantasia fundamental: $\$ \diamond a$.

Nesse contexto, a problemática na histeria denota que, diante da angústia frente à falta do Outro, o sujeito tem como fantasia de resposta a identificação ao objeto do desejo (a), esforçando-se para ocultar a castração ($-\phi$) desse Outro (A) e a sua própria. Isto é o que Lacan (1961/1992, p. 244) sintetiza, posteriormente, a respeito da fantasia histórica na seguinte fórmula:

$$a/-\phi \diamond A$$

Com efeito, no âmbito da relação com o desejo, o histórico se apresenta como um sujeito prisioneiro do desejo do outro, que continuará tendo para ele o estatuto de Outro. E o resultado disso é que ele traz a castração para si, sustentando esse Outro não castrado (Palonsky, 1997).

A alienação subjetiva ao desejo do Outro torna-se uma marcante característica na histeria: “o desejo da histórica não é o desejo de um objeto, mas o desejo de um desejo, um esforço de se manter em frente ao ponto no qual ela convoca seu desejo, o ponto onde está o desejo do Outro” (Lacan, 1957-58/1999, p. 419). Seu próprio desejo mantém-se como um ponto enigmático e, para sustentar a dinâmica e também lidar com a dimensão traumática do desejo do Outro, Lacan (1958-59/2016) pontua que a solução do sujeito histórico é sustentar seu desejo como insatisfeito. Logo, ao se colocar como objeto para o Outro, certamente,

mantém o mesmo princípio da insatisfação; se furtando e se esquivado, uma vez que ocupar o lugar de objeto para o Outro, remete ao impasse da histeria, a posição traumática a qual articulamos. Nasio (1991) pondera que essa proteção que o histérico almeja através do desejo insatisfeito, tanto se relaciona com a imaginação a respeito do gozo do incesto, com o sofrimento da angústia, e também com os riscos sob a forma de loucura, dissolução ou do aniquilamento do seu ser. Logo, se esforçará para evitar qualquer experiência que se aproxime de alguma satisfação.

No drama literário de Hamlet, Lacan (1958-59/2016) indica alguns pontos relacionados ao desejo na histeria, mas ressalta que Hamlet apresenta-se como o lugar do desejo e, por ser uma criação poética, pode representar elementos tanto da neurose histérica quanto da neurose obsessiva. Todavia, mobiliza algo do desejo histérico enquanto um desejo que “está ali sem que o sujeito saiba e, portanto, ele é forçado a construí-lo.” (Lacan, 1958-59, p. 312). Ou seja, na medida em que seu problema consiste em reencontrar o lugar de seu desejo e, mais ainda, quando cria para si um desejo insatisfeito e conflitante, por sempre se esbarrar com a questão do desejo da mãe.

As considerações sobre o príncipe partem dos apontamentos de Freud sobre a inibição do ato de vingar a morte do pai, que Lacan (1958-59/2016) considera ir “ao encontro, por assim dizer, do que sir James Paget, citado por Jones, escreveu sobre a paralisia histérica: uns dizem que ele não quer; ele diz que não consegue; a questão é que ele não pode querer” (p. 300). Por detrás disso estaria o que já havia sido apontado por Freud, a saber, que Hamlet desejara à mãe e, portanto, almejava a morte do pai, ainda que este tivesse sido um ideal de rei e de pai para ele. Acrescenta Lacan (1958-59/2016): “o filho tem um outro anseio dirigido ao pai... É uma espécie de anseio benevolente, de apelo por uma morte reconfortante” (p. 258). Daí a forma como esse pai fantasma se torna fundamental para Hamlet, sobretudo quando diz que fora morto “na flor de seus pecados”.

Considerando que o rei tenha sido morto pelo próprio irmão que desposara a sua esposa, Hamlet não compreendia o lugar de seu pai, substituído de um dia para outro pelo tio, e se debate sobre o desejo de sua mãe. Aqui, o desejo do Outro

se apresenta como um desejo que não escolhe entre um objeto eminente, idealizado, exaltado, que é o pai de Hamlet, e esse objeto depreciado, desprezível, que é o Cláudio, o irmão criminoso e adúltero. Se a mãe não escolhe é devido a algo que, nela, é da ordem de uma voracidade instintiva. (Lacan, 1958-59/2016, p. 331)

Nesse sentido, denota-se a insuficiência de algo que pudesse intervir, efetivamente, entre Hamlet e esse desejo materno que o consome. Desse modo, Lacan (1958-59/2016) observa como as recaídas do próprio desejo do príncipe em se vingar oscilam conforme acontece a renúncia nos momentos de adjuração de Hamlet à sua mãe, em relação às atitudes desta para com Cláudio E, “se o ímpeto à ação que todos dele esperam se esmorece da mesma maneira que a sua tentativa de convencer a mãe, é essencialmente por causa da dependência do desejo do sujeito com relação ao sujeito Outro” (p. 332), o que é apontado como a tônica do drama de Hamlet.

Além disso, o que sobressai na dificuldade de Hamlet agir, mesmo com a autoridade do pai e o amor que lhe é devotado, refere-se à suspensão desse desejo em detrimento da relação com a castração. Lacan (1958-59/2016) designa como condição para uma nova dialética do desejo a possibilidade de se fazer o “luto do falo”, o que conferiria ao falo, significante presente nas relações, o verdadeiro valor. Interessante acrescentar a observação de que o caso de Hamlet é retomado com o intuito de “reforçar uma espécie de elaboração do complexo de castração” (p. 257), pois, mesmo depois da morte do Rei, pai de Hamlet, o falo continua lá, encarnado por Cláudio, e é desse falo real que se trata o tempo todo.

Vale destacar, também, outro aspecto na narrativa de Hamlet, apontado por Freud e retomado por Lacan (1958-59/2016), que se refere ao envolvimento amoroso do príncipe com Ofélia. Inicialmente, Hamlet se mostra envolvido ao enviar cartas de amor para ela, mas perde as coordenadas de seu desejo em decorrência dos conflitos que estava vivendo, passando a negar seu amor por Ofélia. Esta, por sua vez, imbuída nas circunstâncias da privação desse amor e a morte de seu pai, enlouquece e, possivelmente, suicida-se.

Ainda na relação de Hamlet com Ofélia, Lacan (1958-59/2016) considera ser possível notar um horror à feminilidade,

cujos termos são articulados, no sentido mais próprio da palavra, pelo próprio Hamlet, quando ele expõe aos olhos de Ofélia todas as possibilidades de degradação, variação e corrupção ligadas ao desenvolvimento da própria vida da mulher quando esta se entrega a todos os atos que, pouco a pouco, fazem dela uma mãe - em nome do que Hamlet a rejeita, e o faz de uma maneira que parecer ser a mais sarcástica e cruel. (p. 267)

Esse horror à feminilidade encarnada por Ofélia, parece se articular ao que a mãe de Hamlet representa, tendo como efeito um quase rechaço à posição feminina. No final de seu ensino, Lacan (1979/2003b), ao mencionar o texto de Shakespeare, volta a se referir a Hamlet enquanto uma *histoérianinha* “histericizada em seu Santo-Padre Cornudo, envenenado pelo ouvido zeugma e por seu sintoma de mulher, sem que possa fazer outra coisa senão matar em

Claudius o escaptoma, para dar lugar ao, substituto, que abraça com força (pel)a paiternaridade [père-ternité].” (p. 564).

É também no âmbito da relação com o desejo que encontramos, por exemplo, Hegel, tomado como “o mais sublime dos histéricos” por suscitar a questão sobre a falta e o desejo experimentado como o desejo do Outro. Zizek (1991) explica que essa formulação de Lacan baseia-se no que decorre da relação de Hegel com a verdade e suas ideias sobre a lógica da dialética, uma vez que o sujeito histórico seria aquele que “se formula uma pergunta pressupondo que o Outro detenha a chave da resposta, que o Outro lhe conheça o segredo” (Zizek, 1991 p. 114). Para além, tal como retoma Quinet (2005), Lacan “compara o sujeito histórico com a bela alma hegeliana que se queixa da desordem do mundo como se não tivesse nada a ver com isso” (p. 105).

Ainda nessa relação com o desejo do Outro e com o saber, Lacan (1961/1992) dizia de Sócrates como um histórico, destacando a esquiva do filósofo em ocupar o lugar de objeto para Alcibíades. Segundo Lacan (1961), “tudo o que nos é dito dele é que é um desejante enérgico, inesgotável. Mas, quando se trata de mostrar-se na posição do desejado diante da agressão pública, escandalosa, desenfreada, ébria de Alcibíades, não existe ali, literalmente, mais ninguém” (p. 356). Ao retomar as considerações sobre Sócrates, Lacan (2003) diz que o filósofo teria praticado uma prefiguração da análise, uma vez que “Sócrates, histórico perfeito, era fascinado simplesmente pelo sintoma, captado do outro em vôo” (p. 565). Curiosamente, essa mesma expressão é utilizada por Lacan (1976/2000) para designar ele próprio: um “histórico perfeito”, livre de sintomas, exceto pela troca de gênero em algumas palavras.

Além dos casos citados, Bruno (1997) assinala outras passagens e comentários de casos nos quais Lacan, ainda que brevemente, teria feito referência a uma dimensão histórica. Entre eles, está o caso do homem dos miolos frescos, abordado por Lacan nos *Escritos*, além do comentário sobre a figura de Akenaton e dos heróis da narrativa *Despertar da primavera*. Ademais, no percurso lacaniano, a histeria se estende por todo ensino, sendo abordada de formas diferenciadas na medida em que a teoria se desenvolve para além dos ensinamentos Freud. É nesse *a posteriori*, no qual não vamos nos deter em termos do desenvolvimento da teoria, que Lacan faz uma afirmação sobre a histeria masculina que, de algum modo, aproxima-se das conjecturas que pretendemos realizar; ele diz: “É o histórico macho? Não se encontra um que não seja uma fêmea...” (Lacan, 1977/2007, p. 17).

Assim, enfatizando o que é abordado nos casos do condutor de bonde, atendido por Eisler, e nos comentários a respeito de Hans e Hamlet, compreendemos que na apreensão da histeria masculina por Lacan, mantêm-se preservado alguns elementos apontados por Freud,

tais como; uma relação particular com a castração, especificamente, relacionada à operação da função paterna e, também, algo nesse processo que remete a uma feminização. A feminização aparece, sobretudo, expressa como uma questão simbólica; uma interrogação do sujeito sobre “o que é uma mulher” que o compromete e é central na histeria. Tudo é enredado, conforme aprofundaremos, na relação com o falo e no processo de identificação, resultantes da operação da função paterna, que também implica o modo como figura o desejo materno que acabamos de discutir. Esses aspectos estão intrinsecamente ligados ao percurso pelo qual o sujeito acede a uma posição sexual, o que nos permitirá pensar os impasses desse trajeto para o homem histérico.

4 DOS IMPASSES NA ASSUNÇÃO DA POSIÇÃO SEXUAL PELO HOMEM HISTÉRICO

Dada as vicissitudes da sexualidade humana, Freud (1905/1996m) continuamente se preocupou com o que ele chamou de “variação da vida sexual normal”. Especialmente na neurose, o psicanalista afirma que na vida de todos esses sujeitos que assim se organizam, é possível encontrar moções de inversão e até mesmo fixação libidinal em pessoas do mesmo sexo. O autor destaca que, a despeito de todo o cuidado que se deve ter na investigação para apreciar adequadamente a importância desses fatores na configuração de determinado quadro, só se pode “asseverar que a tendência inconsciente para a inversão nunca está ausente e, em particular, presta os maiores serviços ao esclarecimento da histeria masculina.” (Freud, 1905/1996m, p. 157).⁶ A partir de recorrentes alusões a esse respeito, tal como no rastreamento e conjecturas do capítulo anterior, propomos pensar as possíveis implicações, para o homem histérico, no que tange à assunção da posição sexual e à identificação masculina.

4.1 Uma renúncia não decidida

Os apontamentos sobre a histeria permitem destacar um aspecto que também é nodal no percurso psicosexual do sujeito: a castração. Lacan (1957-58/1999) diz que o complexo de castração, o qual implica a defesa instaurada pela neurose, introduz-se pela manifestação e apreensão da castração do Outro materno. Inicialmente essa pontuação refere-se à castração subjetiva, na medida em que o desejo da mãe deve ser marcado pela barra significante. A privação da mãe em relação ao seu objeto de desejo, o objeto fálico, tem uma função na neurose, no sentido em que, o sujeito se posiciona “quanto ao papel desempenhado pelo pai no fato de a mãe não ter falado” (Lacan, 1957-58/1999, p. 191). E, apesar desse momento ser anterior ao que se espera no declínio do Édipo, o que está em jogo nessas considerações se mostra importante para os esclarecimentos do que virá depois.

No texto “Sexualidade feminina”, em articulações sobre a histeria em mulheres, Freud (1931/1996x) havia relacionado a etiologia de tal neurose à fase de dependência e ligação

⁶ Em nota de rodapé a respeito dessa afirmação, Freud esclarece que tal prevalência da inversão não implica, de antemão e necessariamente, em uma posição homossexual na escolha de objeto. Portanto, vale enfatizar que a noção de inversão na vida sexual do histérico ressalta que a ideia de sexualidade não se reduz à escolha de objeto.

primordial do sujeito com a mãe. Lacan (1956-57/1995) observou algo dessa excessiva aproximação com a figura da mãe no caso Hans, sobretudo, enquanto uma relação essencial com o desejo materno. O sintoma fóbico do garoto se desencadeia quando aparece a falta materna. E nessa apreensão, o menino se vê completamente submetido à metonímia do desejo materno do falo. O mesmo desejo insatisfeito, marcado pela busca de algo que possa saciá-lo, ao mesmo tempo em que indica algo de uma fragilidade de desejo materno, é o que atormenta Hamlet. Para Lacan (1958-59/2016), o desejo da mãe se torna um dos aspectos que sobredetermina o impasse do príncipe dinamarquês em executar o ato que lhe cabe.

O caso Hans permite entrever que, ainda que o garoto tenha decaído da posição de *ser* o falo imaginário que falta ao Outro, restaram ambiguidades contundentes em relação ao capricho materno e uma aterrorizante angústia de não ter quem lhe respondesse pelo que há de traumático no desejo do Outro. Como efeito, assim como acontece em Hamlet, resta um sujeito muito mais confrontado com o desejo *da* mãe do que por um desejo *pela* mãe (Lacan, 1958-59/2016), e, também, vacilante em permanecer ou não identificado falo materno.

Ao indicar essa possibilidade do sujeito permanecer identificado ao falo, Lacan (1957-58/1999) diz que é interessante questionarmos sobre a configuração especial da relação com a mãe, com o pai e com o falo, bem como em que medida é preciso apontar que a criança mantém-se em tal posição. Ainda em relação ao caso Hans, o que pôde acontecer em termos de quebra na relação imaginária com a mãe, se deu a partir do momento em que intervém a pulsão, o pênis real do garoto, momento em que a criança é “confrontada com a hiância imensa que existe entre satisfazer sua imagem e ter algo de real para apresentar” (Lacan, 1956-57/1995, p. 232). Lacan coloca como decisivo não o fracasso em tentar seduzir a mãe ou a rejeição por parte dela do que é oferecido, mas o fato do que é oferecido pela criança aparecer como miserável. Assim, o pênis fica à margem, como algo que nunca foi senão maldito, reprovado pela mãe, que faliciza não o pênis, essa parte do corpo, mas sim Hans em sua totalidade. (Miller, 1995)

Todavia, o sujeito se vê confrontado com uma primeira ambivalência; um conflito fundamental entre o desejo de se separar da mãe e o de fundir-se com ela. Isso nos remete ao movimento do sujeito na tentativa de sair da primitiva posição passiva, própria dessa relação inicial. No caso de Hans, mesmo tendo sido confrontado com isso que não permite integrar a sua imagem fálica, não há como fazer o envio da hiância aberta na relação com a mãe para o pai, por onde ele poderia situar-se em outra dimensão do falo. É nesse sentido que Dor (1991) pontua que a lógica da estrutura histórica dá-se no momento da passagem de *ser* o falo a *ter* o falo, ou seja, quando a criança se dá conta de que não o é, e que alguém o possui. O autor

insiste neste reviramento da dialética do ser ao ter na organização da estrutura histérica, pois, “o jogo histérico é por excelência, a questão desse ‘passo a dar’ na assunção da conquista do falo” (p. 65).

Por certo, poderíamos pensar que, nesse contexto, a configuração que leva o sujeito a manter certa identificação fálica tem como decisivo a relação difícil da mãe com sua própria castração, bem como a maneira como se apresenta a função paterna, pois, a investidura fálica do pai que poderia retirar o menino desse conflito frente à identificação ao falo e a castração materna. Conforme vimos, uma das características da estruturação da histeria, diz do modo como a função paterna marca o Édipo; como uma figura desvalorizada e impotente, e tal como no caso Dora, “a carência fálica do pai atravessa todo o caso como uma nota fundamental, constitutiva de posição.” (Lacan, 1956-57/1995, p. 142). Veremos adiante do que se trata tal carência.

O importante na constatação disso que resta de uma identificação ao falo materno e, também, da incidência perturbadora que resta do desejo do Outro sobre o homem histérico, é que a dificuldade em renunciar decididamente e efetivamente a *ser* o falo implicará, para este homem, certa posição feminizada. Afinal, na dinâmica de *sê-lo*, o sujeito sacrifica a sua posição viril, pois, “para poder ter o falo, para poder fazer uso dele, é preciso, justamente, não o ser” (Lacan, 1962-63/2005b, p. 122). A posição de *ser* permite a aproximação com o signo do que é desejado, além de tapear a verdade sobre a falta de objeto. Acontece que não é a mesma coisa, sobretudo, para a sexualidade masculina, manter o falo como aquilo que reforça uma imagem fálica para a mãe, e mantê-lo como atributo viril, a partir da identificação significativa com o pai, a qual a posição dita masculina prioriza.

Contudo, no percurso do sujeito que encontra a saída na histeria, ao se dirigir ao pai, que seria potencialmente o detentor do significante por onde o menino acredita poder nomear-se, não encontra um apoio identificatório. Não obstante, há uma coisa que não é sem importância; a presença do pênis exige dele todo um movimento em favor de preservá-lo, sobretudo, quando constata que pode perdê-lo. E nesse ponto Lacan (1958-59/2016) salienta que o laço narcísico do sujeito que o leva a querer preservar esse falo se situa no plano imaginário. A confusão em relação à perda desse objeto é balizada pelo auge do complexo de castração do histérico que, segundo Nasio (1991), concerne à apreensão de uma experiência visual da ausência do pênis na mulher que domina a fantasia e a angústia desse sujeito.

Aqui, à dimensão da privação subjetiva da mãe, some-se a experiência visual da privação materna, que tanto Lacan quanto Freud consideram como angustiante, podendo levar o sujeito à necessidade de negar ou se defender dessa ausência, uma vez que ela veicula a

possibilidade de efetivação da castração, que, no caso, seria imaginária. Nisso, as questões que se impõem sobre o enigma da presença ou ausência do falo, se articulam com outro enigma fundamental que é o desconhecimento do tipo de laço que sustenta a união dos pais. A solução que o homem histérico parece encontrar, como tentativa de preservar-se, é o recalçamento de sua hostilidade para com o pai e a escolha de outro caminho com o qual não tenha que se a ver com a castração materna, nem a sua própria, já que o pai poderia castigá-lo por desejar à mãe. Logo, a posição masculina, ativa do menino, que, até então, era expressa por suas tentativas de possuir a mãe e sua atitude ambivalente em relação ao pai, torna-se intimidada. O menino, então, abandona a agressividade para com o pai e se direciona a ele enquanto objeto de amor.

Nota-se que a aproximação para com o pai não acontece pela via em que este confere valor ao falo. Na verdade, a tentativa de evitar a castração do histérico é também correlativa a essa falha da função paterna. Na dificuldade de sustentar-se na identificação com o pai desvalorizado e impotente, o menino recorre ao desejo da mãe e vacila entre “*ser ou não ser*” o falo materno. Com efeito, conforme Moreira (2011), “na histeria, na sua relação com a figura materna, o elemento ressaltado é a imagem especular, pois nessa estrutura deve haver um movimento de substituição da mãe como outro-objeto pelo o pai” (p. 37).⁷

Contudo, assim como Freud (1938 [1940]/1969l) pontua ao discutir a respeito da atitude passiva do menino redirecionada ao pai e o abandono das catexias direcionadas à mãe, um resíduo de sua fixação erótica na mãe pode subsistir sob a forma de uma dependência dela, persistindo, inclusive, como servidão às mulheres. Há uma separação do Outro materno, mas não uma renúncia e, embora não se aventure mais a amar a mãe, não arrisca deixar de ser amado por ela, com medo ser por ela traído e entregue ao pai para a castração.

Dizer que a mãe sobressai como um objeto especular pressupõe a manutenção de certa identificação, a qual podemos articular a proposição de Freud (1921/1969k) a respeito da identificação regressiva que se dá como resultado de uma relação de amor, na medida em que o objeto decepciona no apelo a esse amor. Nesse sentido, Sampaio sugere (2014) que há uma vinculação entre a estruturação subjetiva na histeria e os mecanismos de escolha de objeto e as identificações, os quais remodelam o Complexo de Édipo. A autora conclui que a histeria promove “uma reunião entre as identificações arcaicas com a mãe e o amor ao pai” (p. 48), amor este que também conduz a identificação com alguma coisa desse pai.

⁷ Para Moreira (2011), o uso da expressão ‘outro-objeto’ se refere ao objeto de amor.

4.2 O amor ao pai e a fantasia de feminização

Quando Freud (1931/1996x) pontua, a respeito da histeria em mulheres, uma intensa ligação com a mãe, sugere que, na renúncia a este amor, o sujeito tem como refúgio ou compensação uma profunda ligação com o pai, e é dele que se espera ser amado. Essa transferência é indicada no caso de Haizmann a partir da representação do diabo com mamas, que Freud (1923/1996r) interpreta como uma intensa relação inicial de apego à mãe que teria sido deslocada para o pai. Inclusive, para desfazer o pacto que permeia suas fantasias, o pintor pede a intercessão da Virgem Maria, o que acaba por neutralizar a mediação paterna que poderia salvar seu desejo (Bruno, 1986).

Este aspecto sublinha a questão do amor ao pai, identificado em casos de histeria como o que impacta o atravessamento do Édipo. Se a mulher histérica atém-se a esse amor por deduzir e esperar que o pai possa dar o que, supostamente e imaginariamente, lhe falta, o homem histérico busca no amor ao pai, além de uma compensação pela intensidade do ódio devido à ligação com a mãe, a proteção para o medo de perder o que ele pensa ter, ou seja, por temor à castração. Todavia, cabe salientar que o pai não é apreendido como aquele que tem o que captura o desejo da mãe. Ele acede a esse lugar de amor, como veremos, como um pai imaginarizado que irá sustentar um ideal de virilidade.

No entanto, ao querer evitar a castração “recusando ser o rival do pai, vai encontrar novamente a castração ao querer ser o objeto de amor do pai... Aí está, verdadeiramente, o cerne da histeria masculina” (Bruno, 1997, p. 141). Ou seja, o que poderia ser visto como uma saída vantajosa, uma vez que, ante ao pai temível, o menino faz-se amar por ele, não elimina o temor da castração, uma vez que “fazer-se amar por ele [o pai] consiste em passar, primeiramente, para a categoria de mulher” (Lacan, 1957-58/1999, p. 177), o que também comporta o perigo da castração.

Há, portanto, uma mudança, como Freud (1926/1996v) considera a respeito de Hans, que reprime o impulso hostil para com o pai no processo de transformá-lo em seu oposto. Agora há agressividade por parte do pai para com o sujeito. O resultado disso denota uma intensificação da angústia, pois, segundo Freud (1928/1996w; 1923/1996r), o temor e a revolta contra a castração enquanto punição se intensifica de forma patogênica com o acréscimo do temor à atitude feminina em relação ao pai. Freud (1928/1996w) ressalta isto a respeito de Dostoiévski, em quem a angústia é redobrada na posição feminina, que não pode fornecer a proteção procurada.

Bruno (1997) articula essas formulações e ressalta a operação de duas angústias como próprias da resolução do Édipo do homem histérico: a angústia diante da ameaça do pai como rival, ou seja, “que vem no momento em que o menino deve ocupar uma posição masculina”, e a angústia diante da feminização, implicada na “escolha do pai como objeto de amor” (p. 141). A segunda torna-se a mais preponderante e evidencia a dupla mensagem referente ao recalque do ódio pelo pai, ódio esse que denota uma raiva sobredeterminada que “não se explicita e retoma sobre o *eu* do sujeito como acusação” (Teixeira, 1997, p. 8).

O que resulta dessa dupla dimensão do Édipo, articulada às implicações do recalque na histeria, é que as tendências pulsionais afetuosas podem retornar como moções intoleráveis ao trazer à tona sua atitude para com o pai, reativando a ameaça de castração implícita nesse movimento. Resta, portanto, um impasse subjetivo frente à posição sexual, uma vez que o sujeito tem “por um lado, o retorno constante da posição homossexual em relação ao pai, e por outro, sua suspensão, isto é, seu recalque, em razão da ameaça de castração que essa posição comporta” (Lacan, 1957-58/1999, p. 177).

Segundo Nasio (2007), há especificidades em relação ao encontro com a ameaça de castração pelo Édipo positivo, a qual incide sobre o Falo-pênis, e no Édipo invertido, que sobrevém em relação ao Falo-virilidade. No segundo caso, a fantasia do menino apreende o agente da ameaça como um pai sedutor, o qual se teme ir longe demais. Desse modo, a questão de tomar o pai como objeto de amor reforça a ideia da feminização do homem histérico, corroborando para o assujeitamento e a passividade do sujeito.

É também nesse aspecto que o homem histérico diferencia-se em sua fantasia, na medida em que, enquanto o obsessivo promove o pai como significante ideal, rivalizando e se potencializando diante dele, no histérico “temos um fantasma que coloca em cena, não a potência do filho diante do pai morto, mas a feminização do filho em relação ao pai” (Bruno, 1997, p. 145). A respeito disso, Gomes (2003) aborda a observação de Freud (1928/1996w) sobre a intensa submissão de Dostoiévski à figura paterna do czar, revelada na aceitação de uma condenação injusta imposta por ele. Para a autora, nas articulações sobre a posição masoquista de Dostoiévski, Freud também está interrogando o amor ao pai e a ambivalência, pois, o ódio não elaborado permanece como alimento da culpa, contribuindo também para sustentar essa posição.

Também no caso de Haizmann, Freud (1923/1996r) relata um comentário do pintor a respeito de sua dificuldade em cumprir a abdicação pelas coisas do mundo, impostas a ele pela figura do Cristo. Assim, ao avistar uma jovem acompanhada por um cavalheiro, descrito como elegantemente trajado, não pôde afastar o pensamento de que ele poderia ocupar o lugar

do cavalheiro. Tal intenção teria lhe exigido castigo, e, para Bruno (1986), essa substituição ao homem como objeto do amor de uma mulher, poderia ter sustentado sua posição enquanto homem desejoso. Mas ele retrocede e renuncia definitivamente a assumir sua rivalidade hostil com o pai.

Considerando a relação particular do histérico com o pai, Pierre Bruno (1997) salienta que, ainda que não seja próprio da psicanálise traçar um perfil do que viria a ser o pai do homem histérico, uma vez que o sujeito não é efeito de uma determinação, há referências clínicas na forma como se apresenta, ou é apreendida, a função paterna para o histérico que não devem ser rejeitadas. Em sua leitura, o autor destaca a preponderância do pai real em relação ao pai simbólico. Ou seja, haveria a prevalência do pai, enquanto aquele que promove a castração, em detrimento da operação do pai simbólico, que seria menos dotado enquanto suporte da Lei a qual é submetido. Aqui, a figura do pai real é tomada em sua relação com o pai onipotente, o qual não teria “conflito com sua virilidade” (p. 145). No entanto, veremos que essa versão do pai terrível sugere muito mais uma imaginação do sujeito que sustenta outra dimensão do pai, enquanto figura impotente.

Teixeira (1997) esclarece esse ponto ao retomar, do início, a figura do pai que “não comparece para privar a mãe do falo imaginário ao qual o filho se identifica, restando para o sujeito a insuficiência do pai em manter as promessas do desejo” (p. 10). Para a autora, essa ausência denota para o histérico a implicação do pai com o próprio gozo, e é nisso que se localiza a dupla dimensão do pai na histeria, que vai da impotência à imagem indiscutível e terrificante. Este aspecto se apresenta em Hamlet, que oscila entre o pai que admite ter sido assassinado “na flor dos seus pecados” e sua impotência frente à situação com a esposa e o irmão. Lacan (1958-59/2016) diz que esse ponto da confissão do fantasma do pai, no tocante aos pecados, é o mais angustiante para Hamlet. Logo, a importância disso, que teria como consequência a carência do pai na interposição da relação da criança e a mãe, focaliza a insuficiência paterna em garantir a Lei e também em se submeter a ela.

Nisso que implica a relação do pai com o próprio desejo, Safatle (2016) salienta que, na histeria, a experiência do desejo sexual transmitida pela figura paterna é tida como a encarnação de um índice de perigo, o que se articula com a colocação de Moreira (2011), de que o lugar do desejo, para o histérico, seria determinado e movido pelo pai real, apreendido, então, como essa imagem terrificante. Conforme a interpretação de Gomes (2002), o pecado do pai, carrega a dimensão do seu desejo, o que vem a ser insuportável por colocar à mostra a posição de objeto ocupada pelo sujeito frente a esse desejo. Por portar referência ao elemento

pulsional, o desejo do pai suscita a angústia, e o amor a ele encobre a face inconsistente desse sujeito desejante.

Nesse sentido, Sampaio (2014) destaca a aparição da função paterna na histeria em uma dupla perspectiva: a do pai morto e a do pai perverso. Enquanto perverso, a figura do pai se articula a seu primeiro aparecimento nas elaborações de Freud sobre a histeria, mais precisamente na Teoria da sedução. A partir da teoria da fantasia, “o pai foi absolvido por Freud da sua culpa de sedução real, contudo, não desapareceu da fala das histéricas; retirando-se do plano da realidade factual para tomar seu lugar na realidade psíquica, instalando-se na fantasia” (p. 40). No que concerne ao pai morto, Sampaio (2014) relaciona a impotência paterna tanto na sua dimensão de castrado, quanto em sua capacidade de proteger o sujeito. Nisso, tanto a face sedutora e perversa, quanto, por exemplo, a morte do pai, são causas desencadeadoras do adoecimento histórico.

Há que serve essa confusão do histórico, ou ainda, sua fixação nessa apreensão da figura do pai? De acordo com Teixeira (1997), a virilidade idealizada do pai na histeria denota “uma cobertura imaginária que o sujeito histórico sustenta no registro da proteção ao pai. Para encobrir o fracasso do pai em barrar o gozo da mãe, o histórico recua frente à castração imaginando um pai de pura potência” (p. 13). E, ao sustentar a imagem do pai como onipotente, faz desse amor um alibi que permite “não se deparar com a sua falha, com o ponto em que o sentido falta e aparece o injustificado da existência” (Gomes, 2002, p. 107). Possivelmente, a condição do sujeito histórico tem como fundamento a posição desse pai que nem sempre surge como um pai que proíbe, mas nunca se apresenta como um pai que protege, tornando-se, por outra via, o desfecho diante da ambiguidade do sujeito em relação a permanecer como objeto privilegiado da mãe ou livrar-se do gozo materno. É o amor ao pai que toma o papel de proteção contra essa angústia.

Desse modo, Gomes (2002) pontua, a respeito do que Dostoiévski expressa em *Os irmãos Karamassovi*, que a ambivalência em relação ao pai denota uma vacilação entre o desejo de ultrapassá-lo e o desejo de preservá-lo pela via de um amor incondicional. Todavia, se no romance do escritor russo, o herói é apontado como o filho que procura preservar o pai, Freud pondera que o herói é aquele que, dentre os quatro irmãos, demonstrou ser capaz de assassinar o pai. Em contrapartida, na histeria, há uma relação particular com o parricídio, qual seja, a dificuldade em aceitar que o pai esteja simbolicamente morto (Bruno, 1997).

Em termos míticos, segundo Winter (2001), é como se, na reunião dos irmãos da horda primitiva para matar o pai, os ancestrais dos históricos homens, da mesma forma que as mulheres, estivessem de fora, deixando os demais agirem em seu lugar. Decerto, essa

dimensão colocada por Bruno (1997), da necessidade de se assumir o parricídio, implica, conforme sublinha Gomes (2002), que “o pai carece de luto numa dimensão que ultrapassa o luto da morte do pai de carne e osso, na realidade” (p. 42).

Em *Totem e tabu* (Freud, 1913/1969b), vemos que era a potência da presença real do pai primevo que proibia o incesto, e é a sua morte que se impõe, enquanto lei, garantindo as mesmas proibições pela via da obediência adiada. (Gomes, 2003). Ou seja, fica posto que a morte do pai não liberou o acesso à satisfação pulsional, tendo, ao contrário, intensificado a sua interdição. E, na organização subjetiva, a morte simbólica do pai é o único modo de acesso a uma satisfação possível, tendo como base o agenciamento da castração simbólica. Entretanto, para o histérico, se a castração simbólica não é suficientemente demarcada pelo pai real, o pai na condição de morto denota apenas a impotência em protegê-lo do gozo que ele tanto teme quanto deseja. (Sampaio, 2014)

Com essa questão da dificuldade em assumir o parricídio, Karl Abraham, citado por Bruno (1997), propõe pensar um traço histérico da neurose traumática, a qual teve notoriedade nos tempos de guerra, a partir dos homens que recuavam, não diante da possibilidade de morrer, mas do fato de matar (Abraham citado por Bruno, 1997). É o mesmo aspecto que dimensiona o recuo de Hamlet, na medida em que não consegue matar Cláudio, assassino de seu pai, porque ele promove aquilo que se refere a seu próprio desejo de matar o pai. (Freud, 1900/1996k; Lacan, 1958-59/2016). Nesse mesmo âmbito, Dostoiévski só consegue um apasiguamento de suas questões na escrita dos romances em que há o assassinato do pai, mas tem no sintoma de crises epiléticas uma exigência de expiação da culpabilidade como condição para que ele possa criar (Gomes, 2003).

No caso de Dostoiévski, fica evidente que a ambivalência referida ao pai permite que o desejo parricida exista, e Gomes (2002) ressalta, com base nas elaborações de Freud a respeito do supereu, que matar ou não matar o pai não faz diferença, já que as intenções valem como atos por estarem submetidas ao crivo dessa instância paradoxal, que se alimenta da culpabilidade. Mesmo assim, é necessário que, para além do ato ou da intenção, o parricídio tenha sido aceito. É necessário enfrentar o pai e “enfrentar o pai, do lado masculino, equivaleria a uma exposição do ódio, à confissão do desejo de morte” (Gomes, 2002, p. 102). Fora disso, as consequências incidem sobre a identificação simbólica, que só seria possível a partir do momento em que o pai se constituísse objeto no parricídio (Bruno, 1997).

Desse modo, o sujeito histérico assume a punição, pelo desejo de morte não confessado, a partir da identificação e fixação no sintoma do pai, por meio do que expressa seu amor e a necessidade de proteção. Segundo Teixeira (1997), por essa identificação maciça

à falha do pai, o histérico pode anular o uso da significação fálica, pois, ao tentar velar a inconsistência desse pai, ele paga o preço de se manter paralisado em uma posição de assujeitamento, sem poder avançar na direção ao desejo, evidenciando a submissão à vontade do Outro como resposta a essa exigência de restaurar uma figura paterna todo-poderosa.

4.3 As implicações na relação com o falo simbólico

A relação do histérico com o parricídio sustenta a interpretação de Bruno (1997) a respeito da apreensão do pai para este sujeito, afinal, o aspecto simbólico está submetido ao que, sobretudo, se potencializa com a imaginarização do pai real. Nesse sentido, sabemos que o fracasso da operação do pai simbólico, no contexto da teoria do Édipo, coloca em risco a função da metáfora paterna, comprometendo, portanto, a castração simbólica. Todavia, o pai simbólico, segundo Lacan (1956-57/1995), refere-se a uma “necessidade da construção simbólica” (p. 225), que pode ser alcançada pela via da construção mítica. Relativo a isso, no caso Hans, essa função pôde ser feita por um elemento diferente daquele que se refere ao pai da realidade. Miller (1995) ressalta que, se inicialmente o sintoma fóbico faz suplência do Nome-do-pai, tal função é, posteriormente, atribuída à avó, já que, nesse caso, “o Nome-do-Pai, torna-se muito difícil colocá-lo, em toda a sua autoridade, no pai real” (p. 73). Assim, a função paterna pôde ser transmitida pela via da conjunção de duas mães – a mãe propriamente dita e a avó. (Miller, 1995). Certifica-se que a inscrição do Nome-do-Pai faz-se perfeitamente possível de existir mesmo com a falha na operação do pai real. (Lacan, 1957/1998c) Contudo,

o desvio da metaforização que deveria, em outras condições, ser operada pelo pai real só dificulta a desimaginarização desse Outro. Enquanto idealizado, este último encontra-se inflado pela imagem não-negativizada do falo materno, cuja consequência para o sujeito é um apego à sua resposta fantasmática. (Miller, 1995, p. 21)

Conforme nosso percurso sobre a sexualidade masculina, o pai real, enquanto aquele que dá corpo a castração ao intervir efetivamente na relação da criança e a mãe, daria subsídios para o que seria uma efetiva identificação simbólica, a qual viria sobrepor à totalidade enganosa do imaginário. O que Bruno (1997) demarca como defeito na identificação simbólica do homem histérico exprime, então, a dificuldade com a transmissão do falo, implicada na relação com a castração a qual comanda a sexuação. O referido autor demarca isso por meio da fórmula da fantasia histérica, em que, a partir da identificação com o objeto do desejo (*a*), o sujeito mascara a castração $-\phi$ e a relação com o falo simbólico é

parasitada, confirmando a maneira difícil com que se dá a transmissão do falo enquanto significante velado e indizível.

Nessa falha da identificação simbólica está a explicação de Lacan (1955-56/2002) no tocante à fantasia de gravidez no caso do condutor de bonde, que exprime a questão com a sustentação da função viril que, para o paciente de Eisler, envolvia a função de pai com a qual estaria lidando no período do acidente. A questão do condutor, expressa em suas formulações sobre as sementes e plantações, tinha como fundamento saber se ele era ou não capaz de procriar, que, no fundo trazia a pergunta sobre a possibilidade exercer a função paterna.

Para Bruno (1997), as interpretações de Lacan do caso tratado por Eisler revelam como a questão sobre a função paterna foge à trama simbólica do homem a partir da histeria. Nas elaborações de Lacan (1955-56/2002) sobre o caso, evidencia-se a relação do histérico com a procriação naquilo que implica saber o que liga dois seres no aparecimento da vida, e o psicanalista pontua que essa questão “não se põe para o sujeito senão a partir de quando ele esta no simbólico, realizado como homem ou como mulher, mas na medida em que um acidente o impeça de aceder até aí” (p. 205).

Esta proposição muito se assemelha com a construção que Lacan (1956-57/1995) faz, no texto “Me dará sem mulher uma progenitura”, a respeito da interrogação de Hans que o autor sintetiza na pergunta “O que é um pai?”. As articulações do garoto pressupõem a necessidade de um entendimento, a partir da ordem simbólica, e também da relação com a ordem natural, sobre uma organização genealógica. A fantasia do garoto, em que este casa seu pai com a avó e passa a desejar ter crianças imaginárias com a mãe, denota uma solução que não o leva a se referenciar à função paterna, isto é, “que ele próprio aceda um dia a esta posição tão problemática e paradoxal de ser um pai” (Lacan, 1956-57/1995, p. 208). Assim, Miller (1995 citado por Rosa, 1996), considera que o garoto resolve a castração como uma menina; “soluciona com a procriação como uma espécie de solução feminina imaginária a um tipo de inveja do pênis.” (p. 19) O que Hans consegue é responder tal questão instaurando-se em uma paternidade imaginária, mais precisamente, ele “substitui a mãe, e tem filhos, como ela tem.” (Lacan, 1956-57, p.395)

Lacan (1955-56/2002) coloca a procriação como o fator comum à posição feminina e à questão masculina na histeria, uma vez que tanto a maternidade quanto a paternidade não se situam simplesmente ao nível da experiência. É por meio do significante que o sujeito se reconhece como sendo isto ou aquilo (Lacan 1955-56/200). Tal significante necessário ao acesso à função paterna, está acessível a partir das identificações relacionadas ao ideal do eu, enquanto efeito do “recalque que resulta da saída do Édipo” (Lacan, 1957-58/1999, p. 300).

Aí que se transmite o que é próprio da identificação com pai e confere o que é possível no uso de suas insígnias. Desse modo, no caso do condutor, a crise histórica teria se manifestado no momento em que o sujeito precisou lidar com seu lugar, sua posição masculina, mais especificamente, teve de responder do seu lugar de homem e de pai.

Nisto destacam-se as articulações sobre a problemática da posição histórica em relação à dissimetria edípica, a qual se refere a uma problemática com o significante, pois, inicialmente, o homem, ou o macho, exhibe o que Lacan (1955-56/2002) chama de material significante, porém precisa simbolizá-lo, afinal, “é pela simbolização a que é submetida, como uma exigência essencial, a realização genital – que o homem se viriliza, que a mulher aceita verdadeiramente sua função feminina” (p. 203).

E, para que seja possível a transmissão do falo simbólico, é necessário que o pai produza os meios para que a castração se efetive. E é quando o pai faz valer a interdição que “o órgão assim erogeneizado toma o lugar de função – negativização do falo imaginário que produz a positivação do falo como símbolo de uma falta” (Teixeira, 1997, p. 10). Se, na histeria, a relação com a castração é marcada pela insuficiência do testemunho parental, denota a carência da significação fálica do órgão e o não reconhecimento simbólico que Lacan (1955-56/2002) destaca como necessário à integração da sexualidade. Resta, então, um pênis, enquanto órgão, que não funciona como atributo viril, pois está fora da referência simbólica do falo, e mesmo com o suporte de uma imagem fálica o sujeito fica na impossibilidade de sustentar a virilidade (Oliveira, 1997). O que prevalece é o falo transmitido pela mãe, para quem o sujeito realiza, inclusive, a partir da posse do pênis como reforço de sua imagem fálica.

Em Hans, Lacan (1956-57/1995) situa que a problemática recai em saber como o menino “vai poder suportar seu pênis real” (p. 375), já que o desaparecimento desse objeto, ou seja, a necessidade de que o mesmo fosse posto fora do jogo, é a condição para que apareça seu correspondente simbólico. O autor chega a afirmar que “não há nenhuma fase de simbolização do pênis” (p. 429) em Hans. Certamente, podemos questionar o que é exposto radicalmente nessa ideia, mas o que Lacan (1956-57/1995) parece dizer é justamente que a problemática com a simbolização da castração teria tido efeitos na sexualidade do garoto, e “o que se produz não lhe permite integrar sua masculinidade por nenhum mecanismo a não ser a formação da identificação com o falo materno”. (p. 430) No final, a despeito de toda organização e formulação que foi possível ao menino, o psicanalista considera que “o pênis real consegue se alojar de uma maneira suficiente para que o pequeno Hans possa prosseguir

sua vida sem angústia. [Mas] disse suficiente e não necessária, porque ela poderia ser ainda mais plena” (p. 283).

A saída para Hans inicia-se com a intervenção de Freud e culmina com as fantasias do encanador/bombeiro, a qual ilustra a simbólica do pênis em ser retirado e devolvido. Nisso ele está em trabalho de elaboração da castração, de subjetivação do falo. E, ainda com essa solução, Lacan (1956-57/1995) considera uma saída atípica para o Édipo. Atípica na medida em que comporta um progresso a despeito da utilização de “elementos imaginários para o esgotamento de um certo exercício da troca simbólica” (p. 290).

As questões e consequências da relação de Hans com sua sexualidade implicam essa forma como se estabeleceu a solução de seu complexo edipiano, em que a inoperância paterna não permite concluir efetivamente o percurso de significação da castração (Lacan, 1957-58/1999). E, ainda que o garoto possa se mostrar em conformidade com a ordem sexual, pois é um menino que se interessa por meninas, não ocupa tal posição de modo viril, mas está sempre numa atitude passiva devido à dificuldade na identificação com o pai que constituiria o ideal do sexo para sujeito.

A necessidade de que o pênis seja posto fora do jogo para que algo se produza na relação com o falo enquanto símbolo da falta exige o que Lacan (1958-59/2016) expressa também a partir do “luto do falo”, tal como se apresenta, enquanto possibilidade, a Hamlet no momento em que, após a morte do pai, o falo real é encarnado por Cláudio, o qual precisaria ser golpeado. Mas Hamlet se detém antes de fazê-lo, “e o que faz desviar a todo instante o braço de Hamlet é justamente esse laço narcísico de que nos fala Freud no seu texto sobre o declínio do Édipo” (p. 377). Seria, portanto, a dificuldade do príncipe dinamarquês em lidar com a castração que o impede de agir, vingando-se do tio.

Ao contrário do que se dá nessa dimensão do recuo histórico, Lacan (1961/1992) apresenta o aspecto da agressividade na neurose obsessiva enquanto um movimento contra “essa forma de aparição do Outro que chamei, em outros tempos, de *falofania*, o Outro enquanto pode se apresentar como falo” (p. 244). Logo,

Golpear o falo no Outro para curar a castração simbólica, golpeá-lo no plano imaginário, é a via escolhida pelo obsessivo para tentar abolir a dificuldade que designo sob o nome de parasitismo do significante no sujeito, e restituir ao desejo sua primazia, ao preço de uma degradação do Outro, que o faz essencialmente função de elisão imaginária do falo. (p. 244)

Certamente, a saída encontrada na neurose obsessiva acarreta outras implicações, mas nos permite entrever um ponto que se articula bem à histeria em homens no que se refere a manutenção do significante da potência no Outro, que em Hamlet se apresenta como o falo

real encarnado por Cláudio. Hamlet, conforme aborda Castro (1996), oscila entre encarnar, ele mesmo, “um falo então desvelado ou consumir seu ato assassinando seu tio Claudius, o que, na relação com o falo poderia . . . elevá-lo à categoria de significante e fazer operar o declínio do complexo de Édipo” (p. 29).

Todavia, Lacan (1958-59/2016) salienta que o braço de Hamlet é desviado, “porque sabe que o que tem de golpear é outra coisa que não o que está ali” (p. 377). O psicanalista conclui, na abordagem da tragédia, que se trata de golpear o falo, e que tal ação só poderá ser feita com o sacrifício completo de todo apego narcísico, quando o próprio Hamlet estiver mortalmente ferido, assumindo o luto daquilo que concerne a ele próprio, ou seja, a sua castração. É preciso uma retificação da própria posição de Hamlet em face do falo, que pressupõe, segundo Lacan (1958-59/2016), “executar o ato a despeito de si mesmo” (p. 330), reconciliando-se com a própria castração.

A confusão do histérico no tocante à castração remete a uma carência daquilo que é a função pai real nesse agenciamento, uma vez que é o pai real que permite a interpretação da castração, operando na passagem da privação para a castração. No contexto dessa discussão, com relação à intervenção do pai real e a castração simbólica como possibilidade de assunção da função sexual viril, Santiago (1997) conjectura que, dada a temporalidade lógica da castração no Édipo, um “homem pode chegar à análise em estado de privação do falo simbólico na medida em que a ação do pai real não se efetivou no tempo esperado” (p. 15e).

Com tais conjecturas, a proposição de Bruno (1997) sobre o pai do histérico, que teria sua intervenção enquanto pai real preponderante ao pai simbólico, pode ser lida nos termos em que a insuficiência referente à operação do pai real é predominante, em relação à forma como figura o pai simbólico, uma vez que, no percurso do homem histérico falta a operação do pai real enquanto o que poderia fazer valer e desvelar a operação do pai enquanto função de pai simbólico. O pai real está posto apenas como potencial agente da castração, que acaba recaindo sobre uma figura imaginarizada pelos seus sintomas, que não cumpre efetivamente uma intervenção. Ou seja, para o histérico, a maneira como se apresenta o pai real, não permite inscrevê-lo na condição de morto, enquanto uma exceção, impossibilitando que este faça cumprir a função naquilo que o compete; dá corpo à castração.

Mais precisamente, na histeria masculina, podemos entender que carência, ou a impotência do pai, não se resume a uma falha ou um enfraquecimento da lei, “mas a uma demissão do pai real com relação ao desejo da mãe, ou seja, junto a uma mulher que ele não ousa encontrar ou confrontar como mulher” (Zenoni, 2007, p. 20). Nisso podemos tomar o que Lacan coloca como questão da relação do pequeno Hans com seu pai, a saber, que o

garoto dirige ao pai o apelo, a partir da fantasia da broca: “*Enfie isso nela, de uma vez, ali onde é preciso.*” (Lacan, 1956-57/1995, p. 371), o que seria a prova dada pelo pai de que sua mulher lhe pertencia.

Entende-se, portanto, a relevância da carência paterna na histeria naquilo que se refere à função do pai em interpor uma regulação externa ao desejo do Outro materno e, mais ainda, que possibilite conciliar e mediar a relação entre a lei e o desejo. E, dessa falha do pai real,

decorre, em modalidades diversas, uma dissociação entre a dimensão da lei e a dimensão do desejo, o efeito mortificante da primeira estando na medida do aspecto “fora da lei” da segunda, em que a identificação ao falo cria uma dificuldade no encontro, especificamente com o outro sexo. (Zenoni, 2007, p. 20)

Pois, se o desejo da mãe não se articula ao significante, à lei do pai, haverá dificuldades para que o desejo do sujeito encontre fundamento em algum outro objeto perdido.

Em Hamlet, a saída para o impasse tem relação com seu próprio desejo, na medida em que, após a morte de Ofélia, esta se fez objeto para ele. Aqui se confere o que Lacan (1958-59/2016) ressalta a respeito do valor do objeto no luto, e mais precisamente, no que tange a identificação com o luto de Laertes, irmão de Ofélia, o qual representa para Hamlet, “num outro, a relação passional de um sujeito com o objeto” (p. 311). Como consequência, ele tem o suporte para a relação com Ofélia, que se faz objeto no desejo, sinalizando o falo e o próprio desejo, instaurando em Hamlet a falta simbólica. “E é esse nível subitamente restabelecido que, por um curto instante, fará dele um homem, ou seja, fará dele alguém capaz. . . de lutar e capaz de matar” (Lacan, 1958-59/2016, p. 311). Hamlet pôde, então, retificar seu desejo, e sair da sombra do desejo da mãe. Essa união com o desejo liberou o ato, promovendo a passagem da impotência histórica ao sujeito desejante.

4.4 Algumas articulações possíveis: da relação com o falo, desejo e a fantasia

Quando Freud (1896/1996g) começa a articular as questões do campo sexual da histeria, diz que os casos dessa neurose evidenciavam um retraimento da sexualidade, que seria próprio da puberdade, mas que nesses sujeitos se tornavam permanentes. Freud segue dizendo que os histéricos são “pessoas psiquicamente inaptas para atender às exigências da sexualidade” (p. 197), mas acrescenta uma observação curiosa de que “essa concepção, é claro, deixa sem explicação a histeria masculina” (p. 198). A princípio, essa afirmação parece incoerente em relação às demais proposições construídas, inclusive, a partir do que o próprio

Freud aponta como elementos da histeria em homens. Entretanto, tal declaração pode evidenciar uma dimensão embaraçosa da relação do histérico com a sexualidade, pois, conforme Nasio (1991), na histeria, tem-se de um lado “homens e mulheres excessivamente preocupados com a sexualidade, procurando erotizar tudo e qualquer relação social, e de outro, eles sofrem – sem saber por que sofrem – por ter que passar pela experiência de encontro genital com o sexo oposto. (p. 45)

Nasio (1991) afirma que “a sexualidade histérica não é, de modo algum, uma sexualidade genital, mas um simulacro de sexualidade, uma pseudogenitalidade mais próxima das apalpadelas masturbatórias e brincadeiras sexuais infantis” (p. 17-18). Isso porque a confusão do histérico em relação à dinâmica do falo se expressa na inibição da sexualidade genital em compensação a um maior investimento do corpo não-genital que é falicizado e erotizado, tornando-se lugar de “veneração narcísica”, mas também sede de sofrimentos.

Assim, se a conversão histérica denota uma tentativa de sexualização daquilo que escapa ao recalque (André, 1998), o processo de falicização do corpo histérico, também surge como meio de erotização e sexualização (Nasio, 1991). Logo, em contrapartida a uma genitalidade desinvestida, o sujeito histérico apresenta “um corpo-falo que sofre pelo excesso de narcisismo . . . Vive sua sexualidade pelo corpo todo, exceto onde deveria vivê-la” (p. 60). Trata-se de um corpo que, desprovido de sua função orgânica, torna-se erotizado, manifestando uma sexualidade traumática e dividida.

Com efeito, Nasio (1991) acredita que na lógica do sujeito histérico, *ter* o falo seria, na realidade, *sê-lo*, ser “justamente o que faltava à mãe, ao Outro castrado em sua fantasia de castração” (p. 60). E, esta ênfase pode se desvelar na sedução como suporte privilegiado do homem histérico na negociação de amor (Dor, 1991), evidenciando que na dinâmica do desejo, o sujeito está interessado mais na relação desejante do que no próprio objeto (Lacan, 1957-58/1999). Ou seja, “trata-se mais de fortalecer a identificação imaginária do falo do que desejar o outro. Apesar e contra tudo, é preciso fazer desejar o outro, fazer-lhe desejar este objeto fascinante que se dá a ver como o objeto que poderia preencher sua falta” (Dor, 1991, p. 73). Nisso, o histérico aponta que a falta está no Outro, e esse exercício “custa ao homem a posição fálica; fazer-se desejar pelo outro o feminiza” (Jerusalinsky, 2004 citada por Fontoura, 2005, p. 13).

O recurso da ostentação do corpo e da imagem nos remete àquilo que Lacan (1957-58/1999; 1958/1998d) interpreta a respeito da ideia de mascarada de Joan Rivière, a qual a função é a de causar desejo. Se, para Rivière, trata-se de uma máscara que esconde uma posição fálica, para Lacan, trata-se de encenar a existência de algo que não está lá, que não se

tem. E, por isso, “o fato da feminilidade encontrar seu refúgio nessa máscara . . . , tem a curiosa consequência de fazer com que, no ser humano, a própria ostentação viril pareça feminina” (Lacan, 1958/1998d, p. 702). Sendo assim, ainda que essa questão de reconhecimento articulada à imagem seja uma tentativa do homem histérico expressar algo de uma posição fálica, de certo, acaba por revelar sua inconsistência, pois, “nenhuma virilidade pode ser sustentada, mesmo com o suporte de uma imagem fálica, fora da referência simbólica do falo” (Oliveira, 1997, p. 20).

Nessa dinâmica de “se exhibir e se propor como objeto do desejo” e situando “seu ser de sujeito como falo desejado, significante do desejo do Outro” (Lacan, 1957-58/1999, p. 363), o homem histérico revela a aproximação com a posição feminina. Tal aspecto nos leva a pensar os efeitos disso na posição desse sujeito no que concerne à relação sexual na dimensão do desejo e da fantasia ($\$ \diamond a$), uma vez que Lacan (1958-59/2016) esclarece que, para o homem, o desejo figuraria como um modo de articular a falta do falo a um objeto na fantasia. Trata-se do $(-\phi)$, o qual circunscreve para o homem a relação com o desejo, no qual, por intermédio da fantasia, ele coloca a mulher na posição do falo que lhe falta, ou seja, daquilo que ele está privado simbolicamente.

Essas proposições fundamentam o paralelo que Freud (1896/1996e) estabelece em relação à neurose obsessiva e ao masculino, bem como à neurose histérica e ao feminino, naquilo que expressa a formação de uma aliança. Isso porque, para o sujeito obsessivo, na constituição do desejo, é somente mediante a redução do parceiro à condição de objeto que ele encontra um apoio para o seu desejo. Tal condição corresponde ao ponto que o sujeito histérico, por força de suas identificações, ocupa com maior facilidade (Lacan, 1957-58/1999).

No entanto, há algo que demarca uma diferença entre a posição histérica e o que vem a configurar a verdadeira posição feminina. Segundo Soler (2005), a diferença concerne à possibilidade de lidar com essa posição de objeto para o outro, ou seja, na histeria há uma identificação com o objeto do desejo que é diferente de se colocar como objeto para o outro, que é tudo que o histérico não suporta. Após toda a encenação ao se oferecer ao outro, poderá haver uma reação de esquiva, de subtração com o parceiro, tal como Sócrates com Alcebiades (Lacan, 1961/1992), e mesmo Hamlet com Ofélia antes de sua morte, pois o histérico não situa o objeto de desejo no outro, e não procura o objeto da satisfação, mas a produção da falta de algo.

Todavia, a sustentação como objeto do desejo não permite que o homem histérico se sinta confortável nessa posição. Segundo Winter (2001) “no momento em que ele poderia

estar na posição do objeto na fantasia, ocorre para o histérico uma mudança no próprio interior do inconsciente, que faz que ele mude de fantasia” (p. 187). Mas, independente dessa mudança, a posição do homem, a partir da fantasia histérica, denota que, ao invés de estar no lugar do sujeito, o histérico está identificado ao objeto do desejo (*a*), e, no lugar em que estaria o objeto de seu desejo, está o Outro completo (A), que o próprio histérico busca reparar. (Lacan, 1961/1992).

Aqui, não se trata somente da forma como o sujeito se coloca mediante ao Outro, mas também do modo como o homem histérico aborda a mulher. É o que Serge André (1998) apresenta como sendo o homem doente da Mulher, que alude à relação com o indizível, não simbolizável do corpo feminino. Diante das atitudes possíveis em relação ao enigma que o corpo da Mulher presentifica para o homem, André (1998) destaca a solução fundamentalmente histérica, em que se apresenta uma “forma de amor que eleva a Mulher ao nível do Outro; a tradição do amor cortês dá exemplos mais espantosos dessa idealização do Outro efetuada ao preço da insatisfação do desejo” (p. 138).

Segundo Oliveira e Fontenele (2013), com base no que é elaborado por Freud, para o homem ser feliz na vida sexual, precisa superar o respeito à mulher e a fantasia de incesto com a figura materna. E “de certo modo, superar o respeito pela mulher implica não supervalorizá-la, destinando-lhe uma grande quantidade de libido objetal em detrimento da libido do eu” (p. 179). Mas, na histeria, o homem sustenta na relação com o outro feminino uma alienação em certo tipo de “representação da mulher como mulher idealizada e inacessível” (Dor, 1991b, p. 90).

Dor (1991b) considera que “o objeto feminino idealizado do homem histérico é uma mulher . . . posta em um pedestal como um objeto precioso para valorizar” (p. 125). Contudo, o mais importante é que esta mulher nunca transgrida a função de objeto valorizado. Ou seja, quando ela ultrapassa essa fronteira e torna-se uma mulher desejante, se torna também ameaçadora e repulsiva. Pois, o pedestal é onde “a economia libidinal do histérico . . . tinha se acomodado da melhor maneira” (p. 125).

Acontece que, na dinâmica da relação com a mulher, o homem histérico pode orientar-se em relação à sua atribuição fálica. Enquanto objeto a se valorizar, a mulher oferece fantasmaticamente, para esse sujeito, a possibilidade de sustentar um objeto de admiração fálica oferecido ao olhar de todos, fazendo com que ele receba inconscientemente a confirmação de que se cobiça o falo através dele. Eis a primeira problemática: a necessidade de ostentar aquilo que, verdadeiramente, se acredita não possuir. A segunda problemática se dá quando essa mulher põe-se a desejar e “convoca [o histérico] à ordem de supostamente ter

o que lhe falta” (Dor, 1991b, p. 126). Esta figura feminina transforma-se em um objeto preocupante, que põe à prova a atribuição fálica, evidenciando que “ele próprio se desacredita, de antemão e sem sabê-lo, por causa da posição sintomática que é a sua face ao falo” (p. 127) Esta situação pode levar o sujeito, homem histérico, inclusive, a responder de forma agressiva em sua relação com a mulher.

Nesse sentido, como consequência dessa apreensão e relação com o objeto feminino, o sujeito poderá desenvolver comportamentos de evitação a uma confrontação direta e pessoal com a mulher, já que ela pode reforçar ainda mais a posição de assujeitamento do histérico. Dor (1991a) coloca como possibilidade de saída o que ele denomina de “máscara” ou “encenação homossexual”. Esse comportamento não se refere a uma escolha de objeto de amor exclusivamente homossexual, trata-se do que o autor denomina de compensações secundárias e tranquilizadoras, pois, sendo semelhante a esse outro e “sendo o outro semelhante a si, ele protege assim a diferença dos sexos. Isto não quer dizer que o feminino se torna, em função disso, uma preocupação ausente no homem histérico. Muito pelo contrário, está bem presente, mas suportável na condição de ser assim mediatizada”. (p. 90)

No âmbito estritamente sexual, a impotência ou a ejaculação precoce, bem como todos os atravessamentos da relação sexual, se faz como meio de manter a mulher à distância. O que se interpõe é, sobretudo, a confusão do histérico sobre a demanda da mulher enquanto uma “injunção que lhe impõe dar prova de sua virilidade” (Dor, 1991a, p. 91). Diante da necessidade de justificar *ter* o falo, a resposta sintomática a esse desafio é a descoberta de sua ilusão; a confusão quanto à natureza do objeto, entre o órgão e falo. Considerando toda dinâmica da relação com a castração simbólica, o homem histérico não se sente depositário do objeto, e responde como não tendo o pênis. Assim, nesse momento, ao invés de oferecer alguma coisa que vela a castração, o que acontece é que ela se desvela. Sendo “confrontado com o significante da falta no outro feminino, ele próprio oscila em uma atitude ambivalente . . . [a qual] nutre permanentemente a respeito do falo” (Dor, 1991b, p. 127).

Nesse contexto também se manifesta, para o histérico, a ameaça de castração em jogo no encontro sexual. Em Freud (1926/1996v), poderíamos pensar essa resposta da impotência, como uma forma de inibição da função sexual, com a qual o autor articula a angústia como determinante. Diz:

Algumas inibições obviamente representam o abandono de uma função porque sua prática produziria ansiedade. . . Classificamos essa ansiedade sob a histeria, do mesmo modo como fazemos em relação ao sintoma defensivo da repulsa que, surgindo originalmente como uma reação preterida à experiência de um ato sexual passivo, aparece depois, sempre que a idéia de tal ato é apresentada. (p. 92)

Posteriormente, Lacan (1962-63/2005b) sugere que nos ocupemos mais com a questão da detumescência na copulação, percebida como uma das dimensões da castração, considerando “o fato de o falo ser mais significativo na vivência humana por sua possibilidade de ser um objeto decaído do que por sua presença”. (p. 187). Para o autor, nessa situação, a angústia se refere à possibilidade do instrumento ser posto fora do jogo. Trata-se da castração imaginária percebida enquanto perda da potência sexual, ainda que transitória. Talvez também por isso, em consoante ao que propõe Nasio (1991), o histérico prefira transformar-se no falo, a fim de preservar aquilo que possui.

Para além, essa conjuntura favorece a manutenção da insatisfação que, segundo Lacan (1958-59/2016), caracteriza a neurose. O problema está em evitar, de qualquer forma, uma experiência que venha fazer emergir um estado de plena satisfação, já que ele enxerga nessa satisfação absoluta um perigo. Assim, para Dor (1991a), a impotência, reforçada pelo gozo da insatisfação, também pode impulsionar o homem histérico à uma compulsão ao fracasso, como “se passa como se o sucesso desencadeasse um mecanismo de auto-punição (*sic*) para que a satisfação seja recusada.” (p. 88)

Encontramos nas elaborações de Freud (1928/1996w), no texto sobre Dostoiévski, como se dá a manutenção dessa posição diante do fracasso, por exemplo, no vício do jogo no qual o escritor nunca descansava antes de ter perdido tudo, o que culminava em mais humilhação ao ter de se a ver com a esposa. Ao propor a hipótese de que Dostoiévski não seria epilético, mas, sim, histérico, Freud aborda uma forma de satisfação irreduzível ligada ao sintoma do sujeito que se manifesta como um apego ao sofrimento (Gomes, 2003).

Tais articulações também nos remetem a um sintoma persistente no homem histérico que concerne a sua relação com trabalho. Tal como Charcot, Freud aponta, com bastante ênfase, a interrupção do trabalho como uma característica importante das manifestações históricas no homem. Considerando a relação que sempre se evidencia entre a sintomatologia da histeria e a época em que se apresenta, na época de Freud, adquire relevância os efeitos da histeria em homens na classe de trabalhadores, na medida em que o trabalho ocupava, essencialmente, o papel social do homem. Dessa forma, a interrupção e a impossibilidade de trabalhar denotam um reforço da impotência própria da histeria e parece ser mais uma forma de desfalicização do homem histérico. Freud muitas vezes relacionou o afastamento ao trabalho com a condição melancólica do homem histérico, desencadeada a partir dos acontecimentos traumáticos. Nessa identificação com o sofrimento, Nasio (1991) evoca a ideia de uma tristeza própria da histeria em que o sujeito “já não é mais homem nem mulher, mas é agora a dor da insatisfação” (p. 19).

Dor (1991) considera o uso de álcool e droga como tentativa de assegurar “uma nota compensatória em seu ser masculino. Trata-se de tentar aparecer ‘como um homem’ lá onde precisamente o histérico se queixa de jamais poder chegar a sê-lo” (p. 89). Podemos entender, conforme Abraham (1908) citado por Pereira (2005), que essa relação se dá porque álcool é associado à virilidade, já que reduz as inibições e pode ser visto como uma questão de criar reputação para o homem. Ao mesmo tempo, no uso desse mesmo recurso, o histérico evidencia sua dificuldade em lidar com a posição masculina, sobretudo quando o uso do álcool é tido como um caminho para evitar ter que se posicionar sexualmente como homem, é “uma forma do sujeito histérico fugir a este enfrentamento da posição masculina, fazendo consistir uma relação ilusoriamente perfeita com o álcool” (Pereira, 2005, p. 74).

Portanto, ainda que privilegie sua identificação com o *ser*, o histérico, julgando ser injustamente desprovido, encarna o “fantasma mobilizado pela posse suposta do falo; donde em ambos os casos a confissão implícita de que o sujeito não o poderia ter” (Dor, 1991a, p. 67). E é do próprio sujeito a tendência de destituição da máscara fálica a qual ele utiliza, evidenciando uma imagem identificatória essencialmente frágil e vacilante.

O homem histérico busca esta montagem identificatória, construída através de traços de identificação imaginária, por exemplo, a partir do corpo de outros homens. É nesse movimento que o histérico “banca o homem”, tendo como referência aqueles que seriam, em sua convicção imaginária, os reais detentores do falo e que, supostamente, saberiam sobre a mulher. Logo, engaja-se nessa tentativa de identificação que pode implicar, também, uma identificação com o homem enquanto “aquele que não é pleno, que também está insatisfeito, e cujo gozo é castrado” (Soler, 2005, p. 55).

Este desamparo parece, então, expressar os efeitos dos fracassos das referências simbólicas que possibilitaria amparar um processo identificatório adequado. A conseqüente vacilação subjetiva em relação à posição masculina e feminina afeta o homem histérico naquilo que se refere a sua identidade sexual. E, além das falhas deixadas pelas implicações com a identificação simbólica, há também decorrências com a identificação imaginária, que implica em uma falha narcísica, ou ainda, um prejuízo na constituição do *eu* que não consegue impedir as implicações traumáticas de um real dessexualizado.

Diante desses conflitos, o homem histérico vai evidenciando os efeitos e os fracassos do simbólico. E, de acordo com Winter (2001), retomando a ideia de Freud da fantasia bissexual, o histérico se faz errante entre uma fantasia de masculinidade e outra fantasia de feminilidade, fazendo com que “ele nunca seja jamais tão masculino quanto quando se pensa feminino, e nunca tão feminino quanto quando se pensa absolutamente viril” (p. 188).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso na temática dessa investigação, certamente, deixa mais questões em aberto do que nos permite assegurar pontos conclusivos. A partir do nosso trajeto, entendemos que, para além de toda dificuldade que o tema da histeria em homens comporta e lança como desafio, especialmente para o campo da psicanálise, a problemática toca em questões provocativas que, desde o início, apresentou-se como ameaça a certa ordem estabelecida. Assim, parece-nos que as objeções quanto às questões veiculadas pela histeria em homens tenha, de certa forma, confirmado suas motivações desde que Freud toma a ideia de histeria traumática de Charcot, afirmando que o traumático não se dá em consequência a um acidente, mas sim de uma causa sexual. Mais precisamente, a dificuldade em falar da histeria em homens exprime a resistência de questionar o que denominamos de modelo falocêntrico (Ceccarelli, 2013), já que nesse contexto se torna inviável considerar o masculino e a masculinidade como algo problematizável. Inclusive, parece-nos que tal ponto possa ter afetado o trabalho de Freud a respeito do tema, ainda que o criador da psicanálise não tenha recuado totalmente e, ao contrário, lança proposições ao longo de sua construção teórica que possibilitaram as conjecturas desse trabalho.

Podemos de início, apontar que o tema da histeria masculina exige-nos exceder a relação entre histeria e posição masculina, fixada a priori. Vimos que, especialmente, para a sexualidade masculina, o que se espera é a resolução do complexo de Édipo em que, a partir da castração, o sujeito se posiciona diante do falo no registro do *ter*, considerando também a identificação à figura paterna e o abandono das catexias objetais. Isso seria possível a partir da significação fálica, a qual possibilita a simbolização da castração, permitindo ao sujeito ter acesso a uma posição sexual, às funções do seu corpo e a uma modalidade de satisfação. Entretanto, o percurso edipiano realizado pelo homem, o qual, diante dos entraves, tem como saída a posição da histeria, o aspecto característico é a insuficiência da realização simbólica da sexualidade. E, se para a mulher, essa complicação na realização simbólica denota uma questão inerente ao percurso, dada a dissimetria assinalada por Lacan (1955-56/2002), para o homem a questão evidencia uma problemática mais específica, diante da qual, tal como para a mulher histerica, impõe-se a necessidade de assegurar o que lhe escapa.

Aqui, deparamo-nos com um paradoxo da histeria: diante da privação do falo simbólico, a mulher histerica agarra-se à apreensão imaginária do pênis real do pai e vê nessa identificação a possibilidade de ter aquilo do que se sente injustamente desprovida. A identificação ao pai configura-se, assim, como uma modalidade de resposta engendrada pela

histórica ao enigma da feminilidade. Já o menino se defende na tentativa de não perder o que acredita que tem e de não se aproximar daquilo que a imagem da privação da mãe lhe impõe e da angústia a que esta o submete. O recurso tomado é a via do amor ao pai, mais precisamente a escolha do pai como objeto de amor, por meio do que ele tenta escapar da castração. Com isso, se a mulher histórica tem dificuldades com a feminilidade por permanecer fixada no circuito fálico, na inveja do pênis e na recusa da castração, o homem histórico depara-se com certo embaraço rumo à posição masculina por se ater à relação com o falo materno, na angústia e tentativa de evitar a castração, que acaba submetendo-o à dimensão do Édipo invertido. Assim, se a mulher histórica comumente se queixa do que não *tem*, o homem histórico irá se lamentar pela dificuldade em usufruir o que pensa *ter*.

Qual seria o fundamento desse paradoxo? Presume-se que a questão se relacione com a própria dissimetria no complexo de castração, que, na histeria, tem uma apreensão mais sustentada na dimensão imaginária, impondo para a menina a possibilidade de *ter* e para o menino a necessidade de não perder aquilo que ele acredita que *tem*. De tal modo, a estratégia para a manutenção dessa segurança, por meio do engodo entre órgão e falo, confere saídas diferentes e efeitos contrários; a virilização da mulher e a feminização do homem.

Acontece que, na histeria em homens, se o pênis não exerce sua função natural de falo, sobretudo devido a uma dificuldade no testemunho parental que pudesse corroborar a significação fálica do órgão, o pênis deixa de exercer sua função fálica, e o histórico se vê diante de um sentimento de impotência. Nisto que tange à relação difícil do homem histórico com o falo simbólico, nosso percurso demarca o aspecto da função paterna na histeria, especialmente, no que se refere à função que Lacan designou como pai real. O agente da castração é falho em sua operação, trazendo consequências para aquilo que Lacan (1969/2003a) designará como função de um nome que seja vetor da encarnação da lei no desejo, por meio do que podemos pensar a insuficiência do pai simbólico articulada ao fracasso da função do pai real para o homem histórico.

Como tentativa de solução, para lidar com uma dimensão que se apresenta, de fato, problemática em seu percurso, o sujeito inventa um pai que daria conta do irrepresentável diante do qual ele se vê. No entanto, essa figura idealizada não condiz com o pai da realidade, levando o histórico, ao mesmo tempo, em uma relação de intensa ambivalência, denunciar um pai castrado e sustentar um ideal de potência sob a qual ele se vê submetido. Consequentemente, o homem histórico acaba por aproximar do perigo que tanto teme, expresso em uma posição feminina diante do pai, por onde não se escapa da castração, colocada por outra via.

O sentimento de privação do significante fálico, decorrente dessa vertente, pode levar o histérico a se engajar em um processo de reivindicação ou de tentativas de remediar a dificuldade com o semblante fálico. E, embora busque nos recursos fálicos a resposta para a problemática que se impõe, no que concerne a uma posição relativa à sua representação simbólica, à condição de seu exercício subjetivo frente a si mesmo e ao Outro, se sobressai a carência fálica (Fontoura, 2005, p. 12).

Acontece que a virilidade não pode ser sustentada fora de uma referência simbólica do falo (Oliveira, 1997), sem qual, inclusive, possa haver a incapacidade de utilizar os recursos fálicos inerentes à anatomia do homem. Sendo assim, o histérico encontra dificuldades na posição, enquanto homem, já que, nessa posição, o gozo fálico tem valor identificatório, tal como se afirma nas elaborações posteriores de Lacan em que a teoria da sexuação ultrapassa a questão da identificação e pressupõe a organização a partir dos modos de gozo. Nessa articulação teórica, é a posição feminina que implica a possibilidade de certo deslocamento no âmbito de um gozo não-todo regulado pelo falo, ao contrário do lado homem que seria totalmente assujeitado à castração simbólica e limitada ao gozo fálico ou finito em relação ao registro simbólico. Nesse contexto, Oliveira (1997) considera que a pergunta do homem histérico sobre a mulher retorna como um querer saber sobre esse objeto inquietante que não se reduz à castração, portanto, sobre o gozo feminino para além do falo.

No contexto da teoria sobre as fórmulas da sexuação, Lacan (1972-73/1985) pontua a possibilidade de um “macho” se posicionar do lado não-todo, ou seja, do lado em que o sujeito está não-todo referido à castração. O autor afirma que estes homens se posicionam do lado mencionado “apesar, não digo de seu Falo, apesar daquilo que os atrapalha quanto a isso, eles *entrevêem*, eles experimentam a ideia de que deve haver um gozo que esteja mais além.” (p. 102) Para Barrocas e Félix (2010), na citada referência, Lacan teria concebido a fórmula da sexuação do homem histérico. Talvez nessa perspectiva possamos vislumbrar a ideia contida na formulação final de Lacan (1977/2007) sobre o “histérico macho”, a respeito do qual ele diz: “não se encontra um que não seja uma fêmea”. (p. 17)

Tais articulações ressaltam o que, no horizonte desta pesquisa, interroga a relação do homem histérico com a posição feminina. A dissertação de Núñez (2011), “Histeria masculina e feminidad”, investiga esta vinculação, para além do aspecto do desejo e da fantasia, a partir do gozo. Conclui que não se pode afirmar, necessariamente, para o histérico, um gozo feminino suplementar, a nível da função fálica, embora este homem possa buscar, por meio da convocação da posição feminina na mulher, ter a experiência de um gozo Outro. Mas, tal como nosso percurso permite entrever, Núñez (2011) chama atenção para a relação do

histórico com o corpo, enquanto objeto a ser visto e desejado. Para o autor, na relação com o real desse corpo, o corpo simbólico carrega a marca de uma sexualidade primária. Assim, o relacionamento do histórico com o corpo denota uma forma de feminilidade primária que está ligada a “ser visto”, não apenas a nível de desejo, como um objeto fálico, mas ao nível de um prazer localizado, desfrutando de seu próprio corpo de modo feminino.

Nesse sentido, pode-se pensar, tal como as proposições de Millot (1989) a respeito da histórica, que a posição desse sujeito consiste em ocupar o lugar limite da função fálica, ainda na vertente masculina, mas não totalmente situável nas categorias do universal. Sendo assim, enquanto um possível desdobramento da pesquisa, a apreensão da histeria em homens por meio das formas de gozo poderá articular outras perspectivas a respeito da dimensão conflituosa do histórico frente à posição sexual e a relação com o feminino, bem como promover maior clareza sobre as implicações com o diagnóstico, dada essa afinidade com o para além do campo simbólico.

No entanto, estes apontamentos, bem como o percurso nesta pesquisa, permitem entrever alguns desafios para a clínica diante dos entraves vivenciados pelo homem na histeria, a saber: a necessária regulação pela castração e pelo falo simbólico para a sexualidade masculina. Assim, tal como interroga Alvarenga (1997), se na clínica da histeria com mulheres, a direção do tratamento tem como objetivo, além de fazer operar a castração, levar o sujeito a uma posição dita feminina na qual diante da falta possa ir além da referência do falo, como poderíamos pensar a condução do tratamento diante da questão que a histeria em homens nos impõe, considerando que se trata de um homem em que a dificuldade com a referência simbólica do falo torna-se um embaraço na relação com a sexualidade masculina?

Enquanto uma possível orientação, as considerações de Santiago (1997) a respeito da função sexual viril e a insuficiência da ação do pai real revelam como possibilidade, por meio da análise, a assunção da castração enquanto resultado de sua interpretação que, no caso, não se extrairá do “pai da realidade, mas da função mesma do analista” (p. 16). No que tange à referência do falo, no texto “O corpo de homem”, Santiago (2013) pondera que o efeito da análise em relação à dissolução de um ideal viril confere uma perda que incide sobre o regime fálico, mas que não quer dizer rechaço do uso do falo: significa apenas que a condição viril possa funcionar de outro modo.

É também no trabalho de elaboração possibilitado pela análise que o sujeito pode constatar que não se trata de uma impotência do pai para organizar toda a pulsão, mas de uma impossibilidade que lhe é inerente (Gomes, 2003). De todo modo, conforme André (1998), o sujeito histórico não está enganado em notar uma impotência do pólo paterno. Mas, participa

da desordem de que queixa quando “se obstina na sua demanda exorbitante, quer se dedique a reparar este pai falho pondo-se a serviço de seu falo tão pouco a altura, quer se revolte, passando da demanda queixosa para a reivindicação mais raivosa” (p. 116).

O amor ao pai e a sustentação de sua potência nos endereça ao contexto em que o pai, no âmbito familiar, conseguia, de certa forma, assegurar a função da ordem simbólica na constituição subjetiva e no laço social, bem como garantir os ideais propícios à dada identificação masculina. Contudo, Lacan (1938/2008a) já havia anunciado, em *Os complexos familiares*, o declínio da imago paterna, indicando que, ao contrario da suposição de que o pai seja uma exigência normativa imprescindível, este se revela como uma instância inconsistente e não pacificadora. Nesse sentido, o declínio da imago do pai adverte uma perda em sua condição de função simbólica, uma vez que ele não pode representá-la em sua plenitude.

Nas construções de Ambra (2013) sobre a historicidade da masculinidade, observar-se que, ao ideal selvagem da virilidade, soma-se outro aspecto no contexto social da produção industrial: no âmbito familiar, o pai, obrigado a trabalhar o dia todo fora de casa, tornou-se cada vez mais distante, com ocupações, ideais e os próprios desejos cada vez mais misteriosos aos filhos. Segundo o autor, este distanciamento contribuiu para o “fortalecimento do poder materno em relação aos filhos, criando igualmente o pólo do pai desvirilizado, submetido às injunções maternas”. (p. 86)

Considerando nossas articulações, outra questão se desdobra para futuras pesquisas: há aproximações possíveis entre as questões veiculadas pelo provável declínio da virilidade, vislumbrado a partir do contexto da decadência da imago paterna, e a chamada histeria masculina? Ou seja, a discussão a respeito das implicações do declínio do pai na decadência do viril contribui para o entendimento da histeria masculina, uma vez que esse declínio também pressupõe uma perda na condição masculina como efeito da transmissão simbólica do falo?

Essas conjecturas nos levaram a pensar que a precariedade da função paterna no nível simbólico se revela na dinâmica da histeria, assim como Miller (1995) pontua a respeito de Hans, a partir da ideia de um pai real que não transmite a operação Nome-do-pai. Contudo, isso não denota uma inoperância da metáfora paterna, mas pode revelar um prejuízo em sua constituição. E, segundo André (1998), é no destino feminino que “o pai não se impõe verdadeiramente como metáfora” (p. 181), isto porque a metáfora paterna consiste em introduzir o sujeito na lei do falo, o que se faz insuficiente para designar aquilo que seria a feminilidade (André, 1998). Se para a menina essa limitação confere uma insuficiência do significante falo em atribuir o seu lugar de mulher, para o menino é o alcance dessa metáfora

que o possibilitaria ocupar uma identificação masculina, ainda que a significação induzida nunca seja completa.

Ambra (2013) ainda esclarece que, se todo o rearranjo mencionado possibilita a leitura de um enfraquecimento simbólico do pai, foi também nesse contexto que se deu a ascensão de sua imagem. Antes da saída do pai para o trabalho fora de casa, marido e mulher trabalham juntos no campo ou no negócio da família, inclusive, ajudados pelos filhos. O que também acompanha esse contexto é o fato de que, antes, as mães eram vistas como dotadas de todas as qualidades para criarem os filhos de ambos os sexos. Logo, o declínio da autoridade paterna não deve ser deslocado da ideia de que essa autoridade é historicamente determinada.

Nesse sentido, Melman (1985) vai dizer que o sujeito histórico sustenta um modelo de ideal para o pai, impedindo, inclusive, que o pai sucumba a um possível declínio. E, de acordo com Oliveira (1997), é a partir do amor ao pai, e recorrendo a esse ideal, que o histórico tenta fazê-lo existir. Para a autora, este amor abre ao sujeito as portas do simbólico, permitindo que ele escape da ferocidade do desejo materno. No entanto, não é o mesmo que se dá quando o amor e o respeito são consequências da “encarnação da lei no desejo” (Lacan, 1969/2003a, p.369), passando a implicar o gozo que esse pai faz supor. Para o homem histórico o amor ao pai confere outra gramática pulsional, uma vez que responder a esse amor implica em assumir a castração pelo lado feminino.

Vemos, então, que superar a idealização e o amor ao pai se mostra um trabalho delicado da análise, pois, de acordo com Gomes (2002), não equivale à proposta de que o sujeito liberte-se do amor. Trata-se de “tomar o amor em outra vertente, na qual se possa dar lugar ao objeto indecível, estranho, inédito, imprevisível” (p. 13), visto que, se por um lado o amor faz a falta do Outro coincidir com a demanda, por outro, tal como em Dostoiévski, “não deixa de ser um privilégio do neurótico com relação ao perverso” (p. 13). O que se espera consiste em considerar esse pai em uma referência não-toda, que comporta as ficções e o real que lhe constituem, possibilitando, inclusive, entrever o que possivelmente falha dessa função, uma vez que, segundo Zezoni (2013), a metáfora paterna não corresponde à última palavra de Lacan sobre a questão do pai. No final do ensino de Lacan, como é citado por Castro (2018), ganha destaque a ideia de que o sujeito deve prescindir do pai, com a condição de servir-se dele a partir do que ficou expresso como *père-version*, noção que muito se aproxima das considerações sobre a função do pai real que realizamos nesta pesquisa.

Na noção de *père-version*, segundo Zenoni (2007), a questão é se o objeto pulsional do pai encontra-se em uma mulher ou em outra coisa. Mais precisamente, “pouco importa se ele tenha sintomas, se a eles acrescentar o da perversão paterna, isto é, que sua causa seja uma

mulher que ele tenha conseguido para lhe dar filhos, e que a esses, querendo ou não, dispense cuidados paternos” (Lacan, 1974, citado por Castro, 2018, p. 234). Nessa concepção, “a relação com o pai simbólico é minada pela relação com pai real. Na proporção em que, em cada sujeito, a conciliação entre atitudes divergentes em relação ao pai é algo contingente . . . [e] a normatividade agora se vê francamente em discussão” (Castro, 2018, p. 239).

Desse modo, Rosa (2008) pondera que quando o pai faz de uma mulher “o objeto que causa seu desejo, surge não somente como aquele que transmite a significação fálica, que transmite a castração, mas como aquele que apresenta um semblante, que dá uma versão disso que é o objeto que causa o desejo. (p. 443) Para além, estando o pai livre de toda romantização ou idealização, a autora acredita que haja consequências na construção da posição masculina do filho, pois, mais que uma tradição, nessa operação o pai transmite algo sobre os enigmas do feminino, ou seja, o pai revela sua maneira de lidar com uma mulher e o impossível de ser simbolizado. Assim, se o que se passa no nível de uma identificação ideal não é, conforme Lacan (1957-58/1999), jamais realizado completamente, podemos pensar que, para o homem histérico, o que carece enquanto transmissão do pai diz respeito a “como desejar uma mulher”?

Todavia, o que a pesquisa nos permite pensar a respeito das implicações relativas aos traços de feminização presentes na dinâmica do homem histérico? Localizamos estes traços enquanto “efeito do significante no interior de uma problemática edipiana” (Menard, 2015, p. 5), que tem como fundamento uma resistência à castração correlata ao fracasso do pai real. A partir disso, entrevemos um assujeitamento ao falo materno e a passividade como valor da pulsão. As consequências, que concerne à mudança na relação com o desejo, nas identificações prevalentes e no modo de satisfação, se exprimem, também, em impasses com a identidade sexual masculina que, de acordo com Dunker (2018), manifestam diferentes formas responsivas aos fatores culturais. Nesse âmbito, o histérico revela-se enquanto um homem dividido, muitas vezes em conflito e alienado ao que o Outro espera dele, evidenciando a necessidade de reconhecimento e uma tendência ao fracasso, contrariando o que, sobretudo nas expectativas sociais, designa o papel masculino e configura a masculinidade, ou seja, o indivíduo que se autonomiza, torna-se independente do outro, que tem uma vontade determinante e não se abala com o desejo do Outro (Dunker, 2018). Certamente a cultura não define o padecimento do sujeito, mas é importante ser considerada uma vez que essa demanda externa se articula à organização da singularidade do sujeito.

Essa temática coloca em evidência o quão difícil e particular é o processo de construção da masculinidade, que se faz no intercruzamento de vários eixos de determinação.

Porém, a sexualidade masculina só pôde ser, efetivamente, problematizada a partir do contexto que Freud foi sensível para perceber e que Lacan pôde afirmar no seu texto de 1938. A instalação de uma crise no equilíbrio nas representações sociais da masculinidade torna-se propícia para que os homens começassem a se perguntar pela própria condição masculina e sua representação. (Rosa, 2008)

Sendo assim, tal como sugere Níñez (2011), não se trata, por exemplo, de apontar a passividade, presente na dinâmica do homem histérico, como algo que seria particular de uma feminilidade, o ponto é saber como o histérico faz dessa passividade um exercício da sua masculinidade - que não é algo atribuído apenas ao homem histérico. Nesse sentido, Fontoura (2005) propõe situar a histeria em homens como uma forma de apresentação da masculinidade, ainda que apresente uma variedade de expressões que vão das apresentações mais espetaculares e caricatas ao recuo e à vacilação.

Entretanto, será preciso que este sujeito desvencilhe-se das estratégias para contornar a castração, ou seja, das defesas diante à incompletude e o desamparo que lhes são inerentes. Pois, conforme aponta Safatle (2016), se o caráter neurótico da questão histórica encontra-se na impossibilidade do sujeito suportar a ausência de uma resposta decisiva que lhe colocaria, de uma vez por todas, em uma posição assegurada, é ao atravessar a prova da angústia e da castração que o feminino, ao qual o sujeito repele com horror, transforma-se no assentimento daquilo que Nasio (1991) designa como o lado feminino do homem, a partir do que ele possa aceitar “manter seu ser sexuado como um enigma que reaviva e anima o desejo” (p. 131).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alvarenga, A. (1997). Histeria: posição masculina? In: *Revista Curinga*, n. 9, p. 45-46.
- Ambra, P. E. S. (2013). *A noção de homem em Lacan: uma leitura das fórmulas da sexuação a partir da história da masculinidade no Ocidente* (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- André, S. (1998). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Barrocas, R. L. L., & Félix, M. L. S. F. (2010). O recalque e a castração na histeria de angústia: o pequeno Hans e Christoph Haitzmann. *Fractal: Revista de Psicologia*, 22(2), 337-356. <https://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922010000800009>
- Birman, J. (1999). A dádiva e o outro: sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 9 (2), 9-30. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-73311999000200002>
- Bornholdt, I. (2015). Releitura do caso O pequeno Hans: sobre silêncios e invisibilidades. In: *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 22, n. 2, p. 339-358. Recuperado em 10 de dezembro de 2018, de <http://revista.sppa.org.br/index.php/RPdaSPPA/article/view/174>
- Breuer, J. & Freud, S. (1996a). Estudos sobre a histeria. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 2, 350p.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893-95)
- Bruno, P., et al. (1986) 1886-1986: La Histeria Masculina. Tradução de Miguel Mendez. In. *Histeria Y Obsesion*. Buenos Aires: Manantial.
- Bruno, P. (1997). A histeria masculina. In: *Revista Curinga*, n. 9. pp. 138-145.
- Castro, J. C. L. de. (2018). Père-version: a relativização do Nome-do-pai. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 21(2), 233-243. <https://dx.doi.org/10.1590/s1516-14982018002009>
- Castro, S. (1996). Hamlet, Édipo e o enigma. In: *Revista Curinga*, n. 9. pp. 27-29.
- Ceccarelli, P. R. (2013). Reflexões sobre a sexualidade masculina. *Reverso*, 35(66), 83-92. Recuperado em 18 de setembro de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952013000200013&lng=pt&tlng=pt.
- Chiab, S. M. M. (2012). *Historia da histeria masculina* (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicanálise, Saúde e Sociedade. Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro.
- Dör, J. (1991a). *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre Editores.
- Dör, J. (1991b). *Estrutura e perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Dunker, C. I. L. (2005). A loucura histórica e a psicose. *Mental*, 3(5), 57-72. Recuperado em 08 de outubro de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272005000200005&lng=pt&tlng=pt.
- Dunker, C. I. L. (2018, Abril, 29). *Como a histeria se manifesta no homem*. Recuperado em 20 de Maio de 2018, de <https://www.youtube.com/watch?v=IW47uN7V3IM>
- Ehrlich, A., & Darriba, V. A. (2013). "Medô medo": investigação sobre a fobia em Freud, Lacan e autores contemporâneos a partir de um caso clínico. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 16 (spe), 59-76. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982013000300005>.
- Eisler, M. J. (1921). *Fantasia inconsciente de embarazo em um hombre com la apariencia de una histeria traumática. Una contribución clínica al erotismo anal*. Traduzido por Alicia Calderón de la Barca. Recuperado em 05 de março de 2018, de <http://lacanempdf.blogspot.com/2017/04/fantasia-inconsciente-de-gravidez-em-um.html>
- Fontoura, L. L. (2005) Único no gênero - vicissitudes da histeria masculina. In: *Revista da APPOA - A masculinidade*. Porto Alegre, n. 28, p. 9-15.
- Freud, S. (1969a). Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (1969b). Totem e tabu. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1969c). A história do movimento psicanalítico. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1969d). Repressão. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1969e). Os instintos e suas vicissitudes. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1969f). Conferencia XXIII: os caminhos da formação dos sintomas. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 16). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (1969g). História de uma neurose infantil. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1918[1914])
- Freud, S. (1969h). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras*

- Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1969i). A psicanálise e as neuroses de guerra. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1969j). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1969k). Psicologia de grupo e análise do ego. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1969l). Esboço de psicanálise. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, (vol.23). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940 [1938])
- Freud, S. (1996b). Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 1, pp. 39-49). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1886)
- Freud, S. (1996c). Observação de um caso grave de hemianestesia em um homem histérico. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 1, pp. 61-67). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1886)
- Freud, S. (1996d). Histeria. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 1, pp. 75-94). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1888)
- Freud, S. (1996e). A hereditariedade e a etiologia das neuroses. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 3, pp. 141-155). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896)
- Freud, S. (1996f). Rascunho K. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 1, pp. 267-276). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896)
- Freud, S. (1996g). A etiologia da histeria. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 3, pp. 187-215). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896)
- Freud, S. (1996h). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess - Carta 67. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897)
- Freud, S. (1996i). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess - Carta 69. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 1, pp. 309-311). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897)

- Freud, S. (1996j). O trabalho do sonho (continuação). In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 5, Cap. 6, pp. 303-539). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1996k). O material e as fontes do sonho. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 4, Cap. 5, pp. 195-302). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1996l). Fragmento da análise de um caso de histeria. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1996m). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 7, pp. 117-218). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1996n). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 10, pp. 15 – 133). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (1996o). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 10). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (1996p) A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade). In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 19, pp. 155-161). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923)
- Freud, S. (1996q). O Ego e o Id. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 19, pp. 15-80). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1996r). Uma neurose demoníaca do século XVII. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 19, pp. 83-120). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1996s). A dissolução do complexo de Édipo. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 19, pp. 191-199). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1996t). O problema econômico do masoquismo. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1996u). Um estudo autobiográfico. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 20, pp. 11-78). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)

- Freud, S. (1996v). Inibição, sintoma e ansiedade. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 20, pp. 81 – 171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (1996w). Dostoiévski e o parricídio. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 21, pp. 183 – 200). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1928)
- Freud, S. (1996x). Sexualidade feminina. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931)
- Freud, S. (1996y). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 22, pp. 13-179). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933[1932])
- Freud, S. (1976). A disposição à neurose obsessiva uma contribuição ao problema da escolha da neurose. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (v. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913)
- Gomes, R. M. M. (2002). *O amor que encobre a falha paterna: dos impasses na teoria freudiana do pai* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Gomes, R. M. M. (2003). A escrita freudiana do pai-sintoma. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 6(2), 271- 288. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982003000200006>
- Goya, A. (2017). ¿Existe la histeria masculina? XI Congresso: As psicoses ordinárias e as outras sob transferência. Associação Mundial de Psicanálise. Recuperado em 20 de outubro de 2018, de <https://congresoamp2018.com/pt-pt/textos-del-tema/existe-la-histeria-masculina/>
- Lacan, J. (1985) *O Seminário*: livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original proferido em 1972-73)
- Lacan, J. (1992). *O seminário*: Livro 8: A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1961)
- Lacan, J. (1995). *O seminário*, livro 4: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1956-57)
- Lacan, J. (1998a). Intervenção sobre a transferência. In *Escritos*. (pp. 214-228). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1951)
- Lacan, J. (1998b). A psicanálise e seu ensino. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1956)
- Lacan, J. (1998c). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1957)

- Lacan, J. (1998d). A significação do falo. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1998e). Posição do inconsciente no congresso de Bonneval. In *Escritos* (pp. 843-864). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1960[64])
- Lacan, J. (1999). *O seminário*, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1957-58)
- Lacan, J. (2000). Nomina Non Sunt Consequentia Rerum. São Paulo, *Opção Lacaniana*, n. 28. (Trabalho original publicado em 1976)
- Lacan, J. (2002). *O seminário*, livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1955-56)
- Lacan, J. (2003a) Nota sobre a criança. In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969)
- Lacan, J. (2003b). Joyce, o Sintoma. In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1979)
- Lacan, J. (2005a). O simbólico, o imaginário e o real. In *Nomes do pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953)
- Lacan, J. (2005b). *O seminário*, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1962-63)
- Lacan, J. (2007). Considerações sobre a histeria. São Paulo, *Opção Lacaniana*, n. 50. (Trabalho original publicado em 1977)
- Lacan, J. (2008a). *Os complexos familiares na formação do indivíduo, ensaio de análise de uma função em Psicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1938)
- Lacan, J. (2008b) *O seminário*: Livro 16: De um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1968-69)
- Lacan, J. (2016). *O seminário*, livro 6: o desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958-59)
- Laplanche, J; Pontalis, J.P. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Maleval, J.-C.; Champanier, J. P. (2004). *Loucuras Históricas e Psicoses Dissociativas*, Paidós, México.
- Melman, C. (1985). *Novos estudos sobre a histeria*. Porto Alegre: Artes médicas.
- Menard, A. (2015, julho). Da histeria masculina ao “empuxo-à-mulher” da psicose. Clínica diferencial da histeria e da psicose. *Opção Lacaniana online*, ano 6, n. 17, ISSN 2177-2673.

- Mendes, E. R. P., (2005). No Passo da Gradiva. *Estudos de Psicanálise*, (28), 51-60. Recuperado em 17 de maio de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372005000100006&lng=pt&tlng=pt.
- Mendlowicz, E. (1995). Tornar-se Homem...*Tempo e psicologia*. Rio de Janeiro. v. 28, p. 165-175. Recuperado em 15 de Agosto de 2018, de <http://www.spid.com.br/revistas/r28/09%20TP28%20-%20Eliane%20Mendlowicz.pdf>
- Miller, J.A. (1987). Discurso do método psicanalítico. In.: *Lacan Elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- Miller, J. A. (1995). *A lógica na direção da cura*. Minas Gerais: Seção Minas Gerais da Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano.
- Miller, J. A. (1999). *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Miller, J. A. (2012) Efeito de retorno sobre a psicose ordinária. In.: *A Psicose Ordinária*. Belo Horizonte: Editora Scriptum.
- Millot, C. (1989). *Nobodaddy*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Moreira J. O. (2011). A neurose obsessiva e os enigmas da masculinidade. *Revista brasileira de psicoterapia*. 13(1), pp. 27-38
- Nasio, J. D. (1991). *Histeria: Teoria e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Nasio, J. D. (2007). *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Nolasco, S. (Org.). (1995). *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Núñez, R. B. (2011) *Histeria masculina e feminidad* (Dissertação de mestrado). Programa Magíster en Psicología Clínica de Adultos, universidad de chile, Santiago.
- Oliveira, S. M. E. (1997). Histeria masculina: um “empuxo-a-Tirésias”. In: *Revista Curinga*, n. 9, p. 18 - 21.
- Oliveira, L. L. ; Fontenele, L.. B. (2013). As concepções de masculino e masculinidade consoante Freud e sua consideração a partir da escuta de homens penectomizados devido a câncer. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro v. 13 n. 1 p. 167-188. Recuperado em 20 de Agosto de 2018, de <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7930>
- Palonsky, C. M.; Silva, M. L. V. (1997). *Estruturas clínicas na clínica: a histeria*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas.

- Pereira, C. M. M. (2005). *Alcoolismo masculino e identificação: um traço cruel do pai?* Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia – Programa de Pós Graduação em Psicanálise, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- Quinet, A. (2005). *A lição de Charcot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Rosa, M. (1996). O Édipo faz o homem. In: *Revista Curinga*, n. 8. p. 17-21.
- Rosa, M. (2008). Ser um homem segundo a tradição? *Fractal: Revista de Psicologia*, 20(2), pp. 437-445. <https://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922008000200010>
- Safatle, V. (2016). Permanecer histórica: Sexualidade e contingência a partir do caso Dora. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 19(3), 377-392. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982016003003>
- Sampaio, I. L. de. (2014). *As incidências do supereu na clínica da histeria* (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Santiago, J. (1997). Editorial. In: *Revista Curinga*, n. 9. Belo Horizonte, EBP –MG.
- Santiago, J.; Santiago, A. L., Brisset, F. O. (2013). *Corpo de homem*. Trabalho apresentado no VI Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana. Recuperado em 18 de Outubro de 2018, de <http://www.enapol.com/pt/template.php?file=Las-Conversaciones-del-ENAPOL/Cuerpo-de-Hombre/Jesus-Santiago.html>
- Silva, L. S. & Ceccarelli, P. R. (2016). Histeria e masculinidade em Freud e na contemporaneidade. *Estudos de Psicanálise*, (n.45), 101-109. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372016000100010&lng=pt&tlng=pt.
- Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Teixeira, M.C.(1997). Em nome do pai, a virilidade danificada por efeito do fracasso da função do pai real. In: *Revista Curinga*, n.9, p. 7-14.
- Trillat, E. (1991). *História da Histeria*. São Paulo: Escuta.
- Vorcaro, A. (2010). Psicanálise e método científico: o lugar do caso clínico. In Moreira, J. O.; Kyrillos Neto, F. (Orgs.) *Pesquisa em Psicanálise: transmissão na universidade*. Barbacena, Ed.: UEMG, p. 11-23.
- Winter, J. P. (2001). *Os errantes da carne: estudo sobre a histeria masculina*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Zenoni, A. (2007). Versões do Pai na psicanálise lacaniana: o percurso do ensinamento de Lacan sobre a questão do pai. *Psicologia em Revista*, v. 13, n. 1, p. 15-26.
- Zizek, S. (1991). *O mais sublime dos histéricos - Hegel com Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.